



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/MP)

Daniela de Sousa Oliveira Melo Veras

**CICATRIZES DA REPROVAÇÃO: UM ESTUDO OTOBIOGRÁFICO COM
ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE**

Brasília

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dc	de Sousa Oliveira Melo Veras, Daniela CICATRIZES DA REPROVAÇÃO: UM ESTUDO OTOBIOGRÁFICO COM ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE / Daniela de Sousa Oliveira Melo Veras; orientador Emilia Carvalho Leitão Biato. -- Brasília, 2022. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2022. 1. Reprovação. . 2. Vivências. . 3. Educação superior.. 4. Escolha profissional.. 5. Avaliação. I. Carvalho Leitão Biato, Emilia, orient. II. Título.
----	--

**CICATRIZES DA REPROVAÇÃO: UM ESTUDO OTOBIOGRÁFICO COM
ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/MP) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Processos Formativos e Profissionalidades

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emília Carvalho Leitão Biato.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dra. Emília Carvalho Leitão Biato -Presidente
PPGE-MP/FE/UnB

Professora Dra. Vera Lúcia Blum Tomáz- Titular
UFMT

Professora Dra. Cláudia Maffini Griboski-Titular
UnB

Professora Dra. Gírlene Ribeiro de Jesus- Suplente
PPGE-MP/FE/UnB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha UnB, pelo suporte, a qual tenho eterna admiração e honra em estar estudando novamente, e à minha orientadora Emília por toda paciência e aprendizagem.

Ao meu amado noivo Armando Sérgio que me dá todo suporte e alegria aos meus dias, que se mantém firme todos os dias nos nossos sonhos e à minha cachorrinha Jade que não saiu do meu lado em todas as etapas de escrita.

À família: meus pais Alice e Deusamar por todo o amor, suporte e incentivo aos estudos durante esses vinte e quatro anos que me tornaram a primeira mulher na família a ingressar em um programa de mestrado, aos meus irmãos Daniel, Denize e Danillo, minhas sobrinhas lindas e amadas que sempre me enchem de luz: Heloísa e Anabela, às minhas avós Germilina e Sebastiana por serem fontes de alegria e paz, à minha tia Francisca e meu primo Geovane, a minha cunhada Maria, sempre tão positiva e alto astral. E em especial a meu primo amado Maurício, que perdeu a sua vida para complicações da Covid-19 no período de realização deste trabalho, que sempre desejou a minha felicidade e ficou muito feliz por mim quando entrei para o mestrado.

Agradeço também aos meus amigos Beatriz, Mônica, Nelson, Nayara, Álvaro, Igor, Gabriele, Ana, Kym, Milena e Fellipe que acompanharam todo o processo. Aos meus alunos que sempre os inspiro quando falo com amor, deste trabalho.

À minha colega de orientação Maria, que aguentou firme comigo até aqui e me ajudou durante esse período de escrita.

E, por fim, aos professores da banca que sem dúvidas fazem esse momento ser a oportunidade de boas construções e caminhos a serem seguidos.

RESUMO

A tomada do tema da reprovação como um fenômeno que apresenta múltiplos significados e desdobramentos permite a percepção de seus reflexos na escolha profissional e durante a vida. Este estudo tem como objetivo analisar os efeitos da reprovação na vida e nas relações pessoais e profissionais de estudantes da área da saúde da Universidade de Brasília (UnB). O método de pesquisa escolhido para a composição e a análise dos dados se chama Otobiografia. Trata-se de um tipo de abordagem qualitativa que se propõe a ouvir vivências em produções textuais. Os participantes da pesquisa são estudantes da área da saúde que experimentaram a reprovação na tentativa de ingresso na Educação Superior na Universidade de Brasília (UNB), que em algum momento em sua trajetória optaram pelo curso de medicina, mas percorreram caminhos dentro da própria área de saúde na universidade. Os participantes foram convidados a contarem suas histórias com o fenômeno da reprovação para a entrada em seu curso atual. Os resultados foram que os efeitos da reprovação são sentidos de forma singular, alertando para a importância de temas como saúde mental, importância das cotas para políticas de acesso à educação superior e perspectivas que atravessam sonhos, expectativas e realidades. Em conclusão, inferiu-se que a superação de fenômenos como a reprovação requer reconhecimento de uma noção que cada indivíduo produz consigo uma história, evidenciando que muito ainda deve ser pensado, analisado e objeto de reflexão quando se trata de uma temática, multifatorial e complexa, como a reprovação.

Palavras-Chave: Reprovação. Vivências. Educação superior. Escolha profissional. Avaliação.

ABSTRACT

Taking the theme of failure as a phenomenon that has multiple meanings and unfoldings allows the perception of its reflexes in the professional choice and during life. This study aims to analyze the effects of failure in the life and in the personal and professional relationships of students in the health area at the University of Brasília (UnB). The research method chosen for the composition and analysis of data is called Otobiography. It is a type of qualitative approach, which proposes to listen to experiences in textual productions. The research participants are students in the health area who have experienced failure in the attempt to enter Higher Education at the University of Brasília (UNB), who at some point in their trajectory opted for the medical course, but followed paths within their own area of university health. Participants were asked to tell their stories with the phenomenon of failing for entry into their current course. The results were that the effects of failure are felt in a unique way, alerting to the importance of topics such as mental health, the importance of quotas for access policies to higher education and perspectives that cross dreams, expectations and realities. In conclusion, it was inferred that the overcoming of phenomena such as failure requires recognition of a notion that each individual produces a story, showing that much still needs to be thought, analyzed and object of reflection when it comes to a multifactorial and complex theme , such as disapproval.

Keywords: Reprobation. Experiences. University education. Choose Professional. Evaluation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Curso dos participantes da pesquisa.....	83
Figura 2. Faixa etária dos participantes.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS	15
1. UMA PRIMEIRA CONVERSA: O FENÔMENO DA REPROVAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS	16
1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS E OS EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ÂMBITO MUNDIAL.....	20
1.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS E OS EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ÂMBITO NACIONAL.....	24
1.2 REPROVAÇÃO E EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	26
2. EU VIVO, PERCEBO E ME ENCONTRO REPROVADO	46
2.1 VOCÊ NÃO SABE O QUANTO EU CAMINHEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI.....	53
3. INVESTIGAÇÃO OTOBIOGRÁFICA	61
3.1 ENTENDENDO A OTOBIOGRAFIA: FRAGMENTOS SENSÍVEIS.....	65
3.2 APLICAÇÃO METODOLÓGICA.....	74
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	81
4.1 EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ENTRE REALIDADES E PERCEPÇÕES	86
4.2. VIVÊNCIAS DA REPROVAÇÃO: ENTRE EXPECTATIVAS, NARRATIVAS E AVALIAÇÕES.....	93
4.3 ENTRE DECISÕES E TRAJETÓRIAS: PERCURSOS INVENTIVOS DAQUELES QUE UM DIA DESEJARAM MEDICINA	102
4.4 FRAGMENTOS DA REPROVAÇÃO: EM MEIO AO MOVIMENTO DE TORNAR-SE	109
5. PRODUTO TÉCNICO: ESPAÇOS DE ENVOLVIMENTO	118
REFLEXÕES FINAIS	123

REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE	149

INTRODUÇÃO

Cicatrizes são marcas de um corpo, de uma história, de uma trajetória. O tema deste trabalho pretende tratar a reprovação como uma cicatriz, como uma particularidade de uma história que pode se manifestar de acordo com lembranças, períodos e situações vivenciadas pelo educando.

Cicatrizes, segundo Volpi (2015), são sentidas e experienciadas desde a gravidez e se perpetuam por toda a vida. Podem ser percebidas como lembranças e sensações que não necessariamente se apresentam aos olhos daquele que vê: “Quando temos possibilidade de entrar em contato com as lembranças e sensações que provocaram essas cicatrizes, também temos a possibilidade de amenizar os possíveis comprometimentos que elas causam em nossas vidas” (VOLPI, 2015, p.1).

Derrida (1972) situa a metáfora do rastro como algo que percorre o corpo que não traz a presença da coisa concreta:

Esse encadeamento, esse tecido, é o texto que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. Nada, nem nos elementos nem no sistema, está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. Não existe, em toda a parte, a não ser diferenças e rastros de rastros (DERRIDA, 1972, p.32).

Mota (1997) explica que, com a palavra rastro, Derrida remete à noção de que um texto só se produz a partir de uma transformação e de um repensar que considere o rastro como movimento ativo de algo que se diferencia nos escritos.

A existência de cicatrizes não nos remetem à cicatrizes e suas tipologias visíveis, mas à cicatrizes que percorrem momentos, ações, que não possuem significações acabadas, são sentidas de inúmeras formas, que se diferenciam em cada indivíduo em sua trajetória singular.

Há um recorte feito neste estudo que direciona à experiência da reprovação, à vinculação entre a escolha profissional e ao ingresso na Educação Superior, já que esta possui efeitos que podem se refletir durante este período.

Escolher a área da saúde como opção profissional é um privilégio, pode garantir status e boa colocação no mercado de trabalho, mas existem diferentes caminhos de chegada que nos mostram diversas perspectivas que podem acabar influenciando ações futuras e cotidianas.

Volpi (2015) traz que ao longo de uma história:

Passamos por inúmeros fatos marcantes tanto de forma positiva quanto negativa. Quando positivos, deixam marcas que ao longo da vida nos possibilitam a expressão do amor. Quando negativos, deixam marcas que ao longo da vida expressam raiva, rancor e ódio (VOLPI,2015, p.1).

O referencial teórico se baseia na leitura de Friedrich Nietzsche, em especial a noção de Vivências, alguns conceitos propostos na obra de Jacques Derrida, especialmente o conceito de acontecimento, e para a discussão do método este estudo qualitativo se baseia na proposta de Silas Monteiro sobre o método Otobiográfico.

Esta dissertação faz parte do projeto guarda-chuva intitulado: “Saúde-doença como acontecimento: a aporia nos processos educativos”, e envolve professores e estudantes de mestrado e graduação com diferentes projetos de pesquisa.

O objetivo principal do projeto guarda-chuva é:

Abordar o processo saúde-doença a partir das noções derridianas de aporia, tradução e acontecimento, especialmente em espaços educativos, como forma de contribuir para suscitar novas composições deste nas práticas docentes e profissionais (BIATO, 2020, p.6).

Considerando que a saúde e a educação são duas aliadas, ambas perpassam potenciais de transformação que contemplam as demandas da sociedade.

Atendendo a um dos objetivos do projeto guarda-chuva, com as contribuições desta pesquisa, foi feita a escuta a partir de um formulário com questões abertas de vivências de discentes da área da saúde relacionadas ao processo de ensino aprendizagem e a dinâmica individual e social destes estudantes, que permitiram o entendimento de processos singulares que foram levados ao campo de trabalho e contribuíram para novos desdobramentos da temática.

O projeto Guarda Chuva em que este estudo se insere, tem a aprovação do Comitê de Ética e faz parte da pesquisa: “Saúde-doença como acontecimento: a aporia nos processos educativos”, posto que, para estudos com indivíduos, preza-se o respeito à integridade, confidencialidade e tratamento dos dados, bem como direciona corretamente os caminhos que a pesquisa pode percorrer, em uma perspectiva ampla, respeitosa e ética.

Contemplando a partir deste projeto um de seus objetivos específicos, que se trata de escutar a partir de um formulário com questões abertas e fechadas, vivências de professores e alunos da área de saúde relacionados ao processo de ensino- aprendizagem, contemplando desta forma as variações educativas que podem acompanhar a trajetória singular deste estudante da área da saúde.

Atendendo assim, como critério de inclusão previsto no projeto: estudantes de cursos de graduação da área da saúde da Universidade de Brasília, maiores de 18 anos. Sendo excluídos: menores de idade, estudantes de outros cursos que não são da saúde e de outras universidades.

De acordo com Corrêa, Gonçalves, Oliveira, Silva e Ribeiro (2016), são poucos os estudos em âmbito nacional que consideram as relações de motivação acerca do ingresso do profissional de saúde na educação superior, principalmente no curso de medicina, existe uma realidade que envolve perspectivas e expectativas que influenciam nesta escolha e merecem atenção.

Convém mencionar que Azevedo, Caminha, Andrade, Godoy, Monteiro, Falbo (2019), ao analisarem as demandas atuais e a dinamicidade das necessidades que surgem, mostram que quando se trata do profissional da área da saúde há um direcionamento que:

Aponta-se para um perfil generalista, crítico, ético, proativo, de trabalho em equipe e de atuação nos diferentes níveis de atenção do processo saúde-doença. Pontua-se a importância do desenvolvimento de vínculos e do entendimento das condições psicossociais a que indivíduos e comunidades estejam submetidos (AZEVEDO; CAMINHA; ANDRADE; GODOY; MONTEIRO; FALBO, 2019, p.25).

Azevedo, Caminha, Andrade, Godoy, Monteiro, Falbo (2019) concluem ainda que como principais motivações na escolha pelo curso, principalmente pelo curso de medicina, aparece o interesse pela ciência e por ajudar as pessoas, bem como a pressão dos pais e a presença de familiares médicos.

Barros (2014) indaga que o processo de ingresso no Ensino Superior passou por mudanças consideráveis, assim como os estudantes que prestam vestibulares e processos seletivos: “Ressalte-se também que o vestibular potencializa as expectativas familiares, o que deixa o jovem ainda mais ansioso. Sem dúvida, esse alto nível de estresse afeta sua autoestima, tornando o processo de seleção bastante penoso” (BARROS, 2014, p.1066).

Ao analisarem como estudantes lidam com o período de vestibular, Dias, Felizzola, Lima, Uliana, Marangoni, Bonini (2020) mostram que a reprovação pode ser sentida previamente, gerando doenças que se generalizam nas ações desses educandos, como ansiedade e depressão, tendo o educando dificuldades em: “Reconhecer as perturbações existentes e usam, muitas vezes, rótulos inadequados para a identificação desses problemas” (DIAS; FELIZZOLA; LIMA; ULIANA; MARANGONI; BONINI, 2020, p.3).

D'Avila e Soares (2003) trazem que a reprovação é o fator que mais desencadeia medo e descontrole de emoções em processos de escolha do curso superior, em seu contexto o educando sempre está cercado pelo: “Medo da reprovação e a decepção que podem causar a seus familiares, no caso de fracassarem”(D'AVILA; SOARES,2003, p.114).

Sendo necessárias práticas que contemplem novas perspectivas de estudo com a temática da reprovação, centradas na singularidade daquele que a presencia, pois ela é presente e deve acompanhar o educando durante todo o processo de orientação profissional, como traz D'Avila e Soares (2003).

Tornando necessário e motivo de relevância a inclusão do tema, buscando alternativas viáveis que perpassam a atenção ao educando, que mesmo já na universidade pode apresentar reflexos que influenciaram na sua escolha atual e que perpassaram a temática.

O primeiro capítulo traz o fenômeno da reprovação e seus significados, bem como conceitos associados ao fenômeno, que são facilmente confundidos, e considerações sobre a sua origem em âmbito mundial e nacional, voltadas para aspectos do fenômeno da reprovação percebidos na Educação Superior. Já que esta enfrenta realidades que permeiam a temática ampla das avaliações, que são vistas como instrumentos potenciais e precisos para a amostra de resultados.

O segundo capítulo tem como centralidade o educando e a sua importância para o contexto, já que a reprovação está fortemente ligada à noção de vivências, cultura e reflexão.

O capítulo é voltado para os efeitos que a reprovação pode trazer como acontecimento, considerando que ela pode marcar positivamente ou negativamente o educando, devendo considerar aspectos particulares e concretos, que são perceptíveis no processo de reprovação do educando, visões individuais, percepção sobre o fenômeno e mecanismos comportamentais, posto que quando a reprovação acontece tudo muda e as relações pessoais e sociais vão ficando fragmentadas.

O terceiro capítulo se propõe a caracterizar o método do estudo, os passos, os princípios e os pressupostos que foram seguidos e que constituem o lugar de onde olho para

os acontecimentos. Especialmente, busca apresentar o uso que faço do método otobiográfico.

Diante das respostas ao formulário, de acordo com Monteiro (2004), vida e obra se misturam, considerando vivências, afetos, sentimentos que estão por trás do objeto de estudo. Visto que, no andamento da produção surgiram questões que influenciaram a abertura a outras percepções, que estão contempladas no quarto capítulo e nas reflexões finais.

Temos que considerar, segundo Valore(2008):

Portanto, mais urgente do que a questão “O que quero fazer?”, surge a questão “Quem quero ser daqui em diante”? Lado a lado a esta problemática, aquele que escolhe deverá lidar, também, com as perdas resultantes das escolhas referentes ao que ele irá deixar de lado, a quem ele não poderá ser e ao que deixará de fazer (VALORE, 2008, p.66).

O produto técnico consiste na oportunização de um espaço de envolvimento, na própria instituição, cujos eixos são envolver, pertencer e ensinar, como proposta de abertura de possibilidades para o repensamento de práticas dentro das instituições de educação superior.

Questionamos acerca de que fatores existentes e associados a reprovação podem fazer parte da vida do educando que ingressa em um curso da área da saúde. Bem como, o modo como este educando significa esse acontecimento, dado que a reprovação é um fenômeno multifatorial, social e particular.

Volpi (2015) nos traz que tudo que somos enquanto viventes, possui um registro no corpo e na mente, o que pode explicar a variedade de comportamentos diante de uma situação vivenciada, que reflete de forma particular nas várias formas de ser e agir de um indivíduo. É importante ressaltar que a reprovação no início da educação superior é um fenômeno que possui repercussões individuais.

OBJETIVO GERAL

Este estudo propõe, como objetivo geral, analisar os efeitos da reprovação na vida e nas relações pessoais e profissionais de estudantes da área da saúde da Universidade de Brasília.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar legislações vigentes, os efeitos das avaliações e o que elas dizem sobre o fenômeno da reprovação, ao se tratar do ingresso na Educação Superior.
- Reconhecer histórias relacionadas a reprovação em narrativas de vivências do educando e como o fenômeno pode se constituir em relações sociais, profissionais e pessoais.
- Agregar em ações que perpassem o entendimento do fenômeno, que auxiliem no processo de escuta das vivências dos discentes, para que questões percebidas no andamento do trabalho e desdobramentos do fenômeno não venham a interferir em futuras singularidades.
- Repensar coletivamente as relações acadêmicas e a atitude docente, por meio de um espaço de acolhimento, ou um seminário com o objetivo de devolver ao campo de pesquisa anseios para pensar novas ações acerca do tema e contribuir para um espaço inovador.

1. UMA PRIMEIRA CONVERSA: O FENÔMENO DA REPROVAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS

Com a intenção de alargar a compreensão e situar aspectos do tema da reprovação escolar, realizou-se uma busca nos principais bancos de dados de pesquisa: Scielo, Google Acadêmico, repositório da Universidade de Brasília e de outras instituições de ensino, bem como em produções literárias e obras de diferentes autores.

Os filtros utilizados foram: ensino e educação superior, reprovação escolar, história e origem da reprovação, bem como o uso de filtros de pesquisa no navegador Google, entre eles o uso da aspa para pesquisa exata, o termo “filetype:pdf”, para a preferência por arquivos em formato PDF (Portable Document Format). Além do uso das palavras “or” e “related”, para que houvesse um direcionamento para sites e páginas relacionadas a temática.

Essas palavras foram usadas em conjunto, tendo preferência por artigos nacionais e internacionais, utilizando a escrita das palavras anteriores nos idiomas inglês e espanhol para uma busca ativa e com melhor alcance. Bem como o mecanismo de busca ativa do site Google para a opção por publicações recentes, excluindo também palavras chaves desnecessárias com a utilização do hífen (-), o que tornou a busca específica, atualizada e com qualidade.

A experiência da reprovação nem sempre é bem recebida e pode ser considerada polêmica, segundo Moura e Silva (2012). Uma vez que ao seu redor podemos encontrar aspectos intrínsecos negativos e que não são sentidos positivamente pelo indivíduo em questão.

Moura e Silva (2012) inferem também que a reprovação pode influenciar em comportamentos e mudanças que perpassam a singularidade e refletem nas relações indivíduo-sociedade, sem a possibilidade de enfrentamento positivo e de encontro reflexivo com aquilo que se experimenta.

Silva, Filho e Araújo (2017) abordam que durante muito tempo confundiram-se os termos: reprovação, evasão, abandono e fracasso escolar como sinônimos. Todos os conceitos possuem causalidades diferentes que em algum momento podem vir a complementar a ocorrência respectiva de cada um, ou seja, um pode levar à ocorrência do outro, é certo diferenciarmos estes termos para que se entenda melhor o objeto de estudo.

Segundo Silva, Filho e Araújo (2017), a evasão é muitas vezes percebida como a causa do abandono escolar pelo aluno, ou seja, a saída do ambiente escolar para a realização de outras atividades indispensáveis ao aluno, como trabalhar, cuidar dos filhos ou o próprio descontentamento singular quanto a sua relação escolar.

O aluno que evade não retorna para a instituição, muitas vezes sua saída está ligada a aspectos cotidianos intrínsecos, o que pode ser visto como fator consequente na perspectiva do abandono e não pode ser tratado como um meio sem fim, há muito a ser investigado: “Nesse caso, “abandono” significa a situação em que o aluno desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto na “evasão” o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar” (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p.37).

Pozzobon, Mahendra e Marin (2017) nos mostram que o fracasso escolar é confundido com o fenômeno da reprovação e está ligado a aspectos que tornam a aprendizagem malsucedida: problemas ligados a comportamentos, transtornos de aprendizagem e necessidades educativas especiais.

O fracasso escolar sempre acaba situado como indicador do fenômeno da reprovação, por ser: “Um perfil de fracasso, o qual pode abalar a autoestima e a autoconfiança do aluno rotulado” (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017, p.2).

Quando o fracasso escolar acontece e leva à reprovação, Pozzobon, Mahendra e Marin (2017) nos mostram que esses impactos vão além da sala de aula, ou seja, se perpetuam perante a vida do aluno e consideram os aspectos singulares que acompanham o desenvolvimento deste educando.

Pozzobon, Mahendra e Marin (2017) ao analisarem os perfis de fracasso, inferem que os rótulos gerados pela reprovação escolar podem impedir as potencialidades que o indivíduo apresenta e gerar perfis de fracassos posteriores que não encorajam estes alunos a transformarem suas próprias realidades.

Temos que ter em mente que a repetência e a reprovação são conceitos distintos:

A repetência refere-se, portanto, aos estudantes que cursam o mesmo ano letivo duas vezes, por qualquer que seja o motivo. Assim, por exemplo, o estudante que saiu da escola e no ano seguinte retornou para a mesma etapa escolar que cursou no ano anterior é considerado um repetente, mas não um reprovado. Já a reprovação é a prática escolar de reter o estudante por aprendizado insatisfatório. Ou seja, o estudante não avança na sua trajetória escolar por não ter aprendido os conteúdos próprios da etapa escolar que cursou; isso o leva a fazer novamente a mesma etapa (LIMA, et al, 2019, p .6).

Tendo isso claro, segundo Lima et al (2019), podemos centralizar o nosso fenômeno em estudo como um processo de aprendizagem insatisfatório no qual o educando é impedido de lograr com êxito a outra etapa e pode ocorrer durante uma série, etapa escolar ou período de tempo, associado principalmente à questão do rendimento escolar, não se confundindo com os demais termos que perpassam o fenômeno em estudo e se inter-relacionam: “A reprovação é um mecanismo que serve a alguma coisa. O instituto da reprovação reproduz alguma coisa e a manutenção dela pode, perfeitamente, ser a causa da permanência de grandes injustiças” (WERNECK, 2007, p.58).

Todos os conceitos acabam se envolvendo em diversos aspectos. Vale lembrar que um pode levar ao outro e conseqüentemente refletir em uma realidade concreta e diversa, e que o indivíduo situado neste contexto deve ser olhado em seus aspectos reais, culturais, particulares e emocionais, como Werneck (2007) retrata, a reprovação serve a alguma coisa.

E se sua serventia perpassar o olhar ao indivíduo não apenas como o que reprova, mas envolvido de razões, sentimentos e ações que percorrem todos esses conceitos, e que está em um constante vir a ser. O indivíduo acaba inserido em um dado estatístico, como mero instrumento quantitativo e envolvido em injustiças, como nos traz Werneck (2017).

Moura e Silva (2012) abordam a reprovação como uma palavra que traz uma forte sensação consigo, que ao lermos e citá-la abre em nós estímulos que acabam refletindo em nossas singularidades e na situação evidenciada. Não tem como começar sem trazer as suas significações, que muitas vezes estão associadas a ações de censura, repreensão, sentimento de desdém ou constrangimento: “A concepção semântica do termo reprovação está aliada à rejeição, condenação, incapacidade, em uma abordagem complexa e muito delicada, que nega um ideal de sucesso, angustiando todos os envolvidos no processo” (MOURA; SILVA, 2012, p.1).

Há uma diversidade de sentidos para o termo reprovação, seja da pessoa que significa esse acontecimento, do sujeito que opta pela decisão de reprovar tal ação ou fato em contexto, e daqueles que se deparam com aquele sujeito reprovado, a concepção semântica perpassa o contexto histórico, social e a realidade inserida, segundo Moura e Silva (2012).

Gil (2018) ao situar a importância socialmente atribuída ao termo mostra que não é um conceito neutro. A palavra reprovação, segundo o autor, é presenciada e depreciada

por aqueles que a experimentam, é vista como um fato pronto e acabado, que não acompanha uma pretensão de mudança e é absoluta por si só, se o fato acontecer já existe um caminho concebido e uma nova realidade negativa que acompanhará a palavra.

Ao nos trazer aspectos sociais acerca do termo, Gil (2018) abre a reflexão sobre o afastamento das possibilidades transformativas que poderiam o acompanhar, já que está fadado à negatividade evidente e acompanhado de sensações destrutivas e fragmentadas que se refletem na sociedade em diversos problemas sociais.

Vale lembrar que esses efeitos se estendem por períodos indefinidos, conforme percebe-se: “Em outros termos, o que recai sob permanente vigília crítica não é a referência ao sentido, mas sim a pretensão de que o sentido referido já lá estivesse, plenamente presente e dado a si mesmo, antes da própria referência” (DUQUE-ESTRADA, 2002, p.12).

Uma palavra não é somente um conjunto de letras sem sentido, sozinha e que traz um significado pronto, é o começo de um pensar de possibilidades e em seu entorno podem existir reflexos de um contexto, marcas de uma história e mais ainda a atribuição de novos sentidos.

O que nos mostra que não podemos aceitá-la sem nos provocar um pensamento ou ação. Visto que é necessária a reflexão como forma de evitar que não ocorra apenas uma repetição daquilo que já se diz e se sabe, mas a consciência de saber que a palavra nunca estará fechada para novos sentidos para aquele que obtém contato com ela, a partir dela : “consiste em ter como objetivo o sujeito autônomo, criador, independente” (MOURA; SILVA, 2012, p.8).

É importante compreendermos que a palavra reprovação não é um fim em si mesma, mas um caminho a ser investigado que se configura como um acontecimento impactante na vida daquele que se depara com o fenômeno.

Marin, Borba e Silva (2018) nos mostram que a reprovação chega como algo que existe nas diferentes realidades, pois o meio social em que ela ocorre gera impactos diversos para cada indivíduo, que se depara com o fenômeno refletido em seus aspectos comportamentais, emocionais, sociais e singulares.

1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS E OS EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ÂMBITO MUNDIAL

De acordo com Aguiar, Brito e Tenório (2012), a origem da reprovação é uma questão que vem sendo debatida desde a década de 1970, principalmente na área da psicologia educacional, quando surgiram os primeiros debates acerca do fenômeno.

Aguiar, Brito e Tenório (2012) mostram que não eram considerados nesta época diferenças e especificidades de cada educando, as dificuldades observadas eram somente por responsabilidade do aprendiz, em uma proposta de centralização do aluno como o único responsável pelo seu rendimento escolar.

Segundo os autores Aguiar, Brito e Tenório (2012), existia um afastamento dos diversos fatores externos que fazem parte da vida do educando, pois este tem uma vida fora da escola, uma realidade local e uma singularidade diversa, além da existência de fragmentação das relações sociais. Se somente o aluno tem culpa de seu êxito ou fracasso, não existem outros olhares.

Aguiar, Brito e Tenório(2012) mostram que muito é atribuído ao perfil educacional daquele estudante quando é tomado como o principal responsável pelo seu rendimento. Ou seja, está associado em sua maioria com algum problema patológico ou de aprendizagem: mental e cognitivo, sendo uma falha individual a ser considerada e possivelmente sanada.

Netto e Costa (2017) nos trazem que a psicologia experimental tem como base o método, ou seja, um caminho a ser percorrido, com um objetivo pré-definido, trazendo resultados específicos e bem analisados, voltados a experimentos concretos e práticos e à aceitação daquela lacuna identificada. Enquanto a psicologia da aprendizagem considera o estímulo do indivíduo ao conhecimento de suas capacidades.

O que nos permite inferir, segundo Netto e Costa (2017), que a psicologia experimental quando se trata da reprovação escolar, busca normalizar aquela suposta falha, porque trabalha com um diagnóstico pronto ou em andamento, buscando entender os motivos que levaram ao acontecimento.

A área da psicologia educacional tem diversas abordagens, mas essas classificações ao longo da história adquiriram tendências reducionistas e generalizadoras, segundo Ploner et al (2008). Este aspecto não preserva o espaço da diferença singular, uma vez que é

somente nas relações estabelecidas com o indivíduo que somos capazes de reconhecer suas especificidades.

Ploner et al (2008) nos mostram que ao se limitar a compreensão de um fenômeno, nega-se o reconhecimento do outro em questão, existindo meras representações baseadas naquilo que supostamente o espera.

Segundo Rebelo (2009), Jackson fez uma pesquisa bibliográfica para entender se os alunos que não iam bem na escola eram os mais propícios a serem retidos repetidas vezes.

Para isso, realizou testes experimentais que consideravam se alunos com dificuldades de aprendizagem foram aleatoriamente destinados a reprovar ou passar: “Foi Jackson, em 1975, o autor da primeira revisão dos estudos, publicados entre 1911 e 1973, de que resultou a primeira visão geral, sistemática e abrangente, de base científica, sobre os efeitos da prática de reprovar alunos” (REBELO, 2009, p.29).

Segundo Rebelo (2009), Jackson chegou à conclusão que os testes experimentais, citados anteriormente, são insuficientes por si só, gerando lacunas consideradas metodológicas e de difícil entendimento, por se tratar de fenômeno complexo e multifatorial.

Holmes e Matthews (1984) realizaram um levantamento feito entre 1929 e 1981 sobre os efeitos da reprovação em alunos do ensino fundamental e médio. Em seus levantamentos utilizaram variáveis dependentes da relação entre reprovação, desempenho acadêmico (inclui autoconceito, ajuste social e ajuste emocional) e atitude em relação à escola, comportamento e comparecimento.

Os pesquisadores Holmes e Matthews (1984) concluíram em seus levantamentos que os resultados foram positivos para os alunos promovidos, enquanto que para os alunos retidos existia um ambiente escolar desfavorecido e desmotivador.

Holmes e Matthews (1984) em seus estudos inferiram que fenômenos como a reprovação apresentam efeitos negativos, pois existe uma lógica de convencimento indicando e apontando para o sucesso do aluno.

Esse sucesso só existe pois acompanha a falha de tantos outros educandos, evidenciando uma possibilidade de efeitos negativos da reprovação, segundo Holmes e

Matthews (1984), que interferem principalmente nas relações de autoconceito do educando.

Sanchez e Escribano (1999) trazem dados sobre teóricos que trabalham o rendimento relacionado ao autoconceito do educando, ou seja, o êxito e o fracasso escolar como uma consequência que agrega a personalidade em formação. E também como reflexo direto de fatores sociais, culturais e intelectuais, voltados a percepção das atitudes do educando diante de seu contato escolar e acadêmico do cotidiano, as relações de fracasso e sucesso perpassam esse contato diário.

Segundo Sanchez e Escribano (1999), existem abordagens que tratam o autoconceito como condicionante do rendimento acadêmico, propondo relações de aceitação, amor e respeito consigo mesmo. E abordagens que consideram a emergência de melhorar primeiro o rendimento do aluno para que ele modifique o que pensa negativamente sobre si.

Quando o fenômeno da reprovação é aliado ao entendimento do rendimento como ferramenta necessária ao contexto particular e perceptivo do aluno consigo mesmo vemos que existe um desafio acadêmico: “Os autores que trabalham nessa linha de investigação intentam esforços no sentido de não dar excessiva importância ao campo cognitivo e dar mais atenção aos resultados do lado afetivo” (PAIVA; LOURENÇO, 2011, p.394).

Jimerson (2001) também optou por fazer uma meta-análise voltada ao tema, com variáveis definidas e diversas considerações. Constatou que existe relação entre o abandono e a reprovação, onde um caminha com o outro, concluindo que os alunos que reprovam muito abandonam posteriormente a escola.

No entanto, o autor enfatizou a importância de o tema ser considerado em âmbito socioemocional, como aspecto importante e condicionado a um possível fracasso ou sucesso escolar, importando assim a atenção ao lado afetivo.

De acordo com Santos e Sant’ana (2013), desde o início do século XX, pesquisas se voltam para as causas da reprovação, partindo de causas hereditárias, disfunções neurológicas e patológicas.

Alavarse (2009) cita o credo social imposto de onde todos possuem o direito de almejar o sucesso, mas não possuem o caminho concreto e oportunidades de chegada, pois

o sucesso pode vir a ser utópico e negligenciado em um mundo voltado para a produção e mensuração de resultados, onde o rendimento é posto à prova em todos os momentos.

Santos e Sant'ana (2013) ao analisarem as questões históricas que relacionam o tema, perceberam que com o avanço de pesquisas voltadas para a causalidade, ganharam força os aspectos voltados para questões culturais, condições sociais e raciais.

Os autores pontuam ainda que esses aspectos são focados ao entendimento da cultura em seus aspectos políticos, sociais e particulares, o que pode favorecer a visibilidade de fenômenos como a reprovação, que sempre acaba relacionada ao fracasso escolar.

Sendo de extrema necessidade a ressignificação de aspectos considerados definitivos, principalmente em pesquisas na área de educação que abordam a temática, pois os aprofundamentos relacionados não abrangem os percursos que perpassam essas vivências e práticas socioculturais.

1.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS E OS EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ÂMBITO NACIONAL

Quando se trata da temática da reprovação em âmbito educacional brasileiro, temos que resgatar os aspectos históricos de nossa sociedade. Segundo Brandão (2002), os brasileiros em seu processo de formação foram marcados pela imposição de uma sociedade europeia clássica e pela adaptação diferenciada daquilo que eram acostumados.

Brandão (2002) nos mostra que o brasileiro passou a se reconhecer à medida que provocou a estranheza no lusitano e se identificou como novo membro das comunidades socioculturais. Buscando suas divergências aparentes e desprezando aqueles que contribuíram para a história, como índios e negros, que fazem parte de uma busca da particularidade brasileira que até hoje se encontra em formação:

Que misteriosamente existe tanto fora de nós, em qualquer dia de nosso cotidiano, quanto dentro de nós, seres obrigados a aprender, desde criança e pela vida afora, a compreender as suas várias gramáticas e a “falar” as suas várias linguagens (BRANDÃO, 2002, p. 16).

Atualmente, muitos brasileiros ainda se encontram em situações como essas, que negam e desconsideram toda a história biográfica e trajetória histórica presente em nosso país. Mesmo com o advento da globalização, que tem um poder fortíssimo em influenciar determinados padrões, existe no comportamento brasileiro a necessidade de: “Caminhos para a superação das tensões insuportáveis de que se alimentam tanto a vontade política como a tentação da revolta” (PERINE, 2002, p.330).

Segundo Moura e Silva (2007), os segmentos liberais sempre se fizeram presentes, bem como a influência europeia e norte americana, com ênfase ao capitalismo, o que situava a educação como ascensão principal ao mercado de trabalho e de produção de mão de obra qualificada.

A escola era vista como requisito do sucesso posterior e ascensão oportuna por todos aqueles que se adaptassem e obtivessem êxito, considerando que dela partiam as melhores mãos de obra para o mercado profissional:

Neste contexto de contradições, a seleção na escola passou a ser necessária; a reprovação e exclusão começaram a acontecer naturalmente, explicadas e justificadas pelas diferenças individuais. Cada indivíduo passava a ser responsável pelo seu próprio fracasso, já que outros conseguiam o almejado sucesso (MOURA; SILVA, 2007, p.2).

Com as contribuições de Moura e Silva (2007) percebe-se que a sociedade brasileira sofreu diversas mudanças devido ao modo como o Brasil foi colonizado, aos hábitos que

foram trazidos do sistema escravocrata e do capitalismo exacerbado, que ainda hoje se refletem nos ambientes educacionais e em desigualdades sociais e que se transformam em diferentes tipos de sucesso.

A Constituição Federal (1988) situa a educação básica brasileira em dois níveis de ensino: a educação básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, e a educação superior, que compreende a formação de diplomados nas diferentes áreas de conhecimento.

Moura e Silva (2007) concluem que a reprovação trata-se de uma realidade conflitante, pois ela é facilmente notada em todas as etapas do nível básico, além de fazer parte de tabelas, dados estatísticos e de espaços de discussão ampla do tema. Pois apresenta um percurso histórico e social e é problematizada como questão social.

Valle, Barrichello, Tomasi (2010) trazem como ponto de reflexão a importância de olhar para os movimentos e contradições que cercam a educação, para que consigamos desenvolver uma análise crítica para estudar as diferentes trajetórias de acesso à educação superior.

A centralidade deste trabalho é situar a reprovação como acontecimento complexo e multifatorial, por se tratar de acontecimento marcado por uma diversidade, principalmente nas relações particulares estabelecidas ao longo de um processo educacional pelo educando.

Sendo necessário a adoção de uma visão da reprovação, como um percurso contínuo de uma problematização ampla e abrangente, situando seu impacto, as perspectivas escolares de educação e o repensar das modalidades e níveis de ensino.

O que reflete a importância de pesquisas dentro desta área, principalmente para aqueles que estão inclusos no centro do acontecimento: docentes, discentes, gestores, ou outras figuras institucionais, que acabam lidando de forma direta com diversas responsabilidades inerentes às suas funções e que perpassam o fenômeno.

O fenômeno da reprovação se encontra em suas práticas diárias, exige posturas, escolhas, comportamentos e ações. Seus aspectos históricos nos permitem o entendimento de seus diversos desdobramentos e o caminhar para a multiplicidade de relações que a temática possa inaugurar.

1.2 REPROVAÇÃO E EDUCAÇÃO SUPERIOR

A reprovação sempre foi temática presente em legislações educativas brasileiras e políticas públicas educacionais. Existem dados históricos negativos acerca da temática que se integraram à sociedade brasileira, afastando a previsão da Constituição Federal (1988) de garantia do padrão de qualidade.

Vale lembrar que a reprovação e os índices gerados a partir dela sempre foram medidores de qualidade educacional, é um tema que sofre interferências políticas, internacionais e coletivas, localizando assim omissões legislativas que quando se trata dos educandos: “Não se mede o todo em questão e nem se garante que cheguem ao ensino superior: “Previsto na Constituição Federal de 1988, o processo de avaliação tende a se configurar como política pública sob responsabilidade do Estado” (GRIBOSKI, 2020, p.3).

A Constituição Federal (1988) aborda a educação como direito de todos, garantida pela família e pelo Estado, dos 4 aos 17 anos e para aqueles que não estiverem na faixa etária citada. Sendo de responsabilidade estatal o estabelecimento de mecanismos acerca de processos de avaliação.

Educação essa que tem como objetivo o desenvolvimento da pessoa plenamente para o exercício da cidadania e seu preparo para o mercado de trabalho, trazendo princípios que norteiam o ensino brasileiro, itens estes de fundamental importância que devem ser seguidos pelas instituições brasileiras.

Um dos princípios do ensino previstos na Constituição Federal (1988), diz sobre a chegada à educação superior: “V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (BRASIL, 1988).

Ao situarmos esse princípio da Constituição Federal (1988) as condições reais de acesso à Educação Superior podemos nos deparar com a lógica da meritocracia, ou seja, poucos chegam a este nível de ensino, principalmente nas universidades públicas federais, estaduais e municipais, pois a capacidade individual é que delimita essa chegada.

Barros e Murgo (2018) ao situarem aspectos internos de indivíduos no rendimento acadêmico mostram que são fatores que estão ligados ao fenômeno da reprovação e as oportunidades democráticas reais de ensino, tornando umas das maiores dificuldades a continuidade da escola, em razão de que muitos desses alunos não retornam ao ambiente educacional.

Esses fatores internos, segundo os autores Barros e Murgos (2018), são aspectos como a autoimagem, habilidades socioemocionais e mecanismos motivacionais que podem ser decisivos para a opção de frequentar ou não instituições educativas.

Barros e Murgos (2018) indagam ainda que o fato de não voltarem ao ambiente educacional afasta a chance de a instituição escolar lidar com seus aspectos singulares concretos para o enfrentamento da realidade escolar do estudante, e assim possam futuramente optar por ingressar em uma universidade, por exemplo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) traz critérios para a verificação do rendimento escolar, situa a preferência por aspectos qualitativos acima de aspectos quantitativos e a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, considerando os resultados ao longo do período.

O que reflete a importância do ato avaliativo não apenas ser focado nos aspectos quantitativos, como exames nacionais, estatísticas e números, mas voltado à qualidade do processo educacional que é ofertado a esse estudante, considerando o desenvolvimento deste educando em sua totalidade cultural, social e pessoal.

A igualdade de oportunidades pretende colocar todos os indivíduos na mesma situação inicial, procurando que as recompensas sejam dadas de acordo “com os méritos.”. Esta solução conduz à meritocracia e à desigualdade das recompensas, dada as diferenças de capacidade, de dedicação (e de sorte), que caracterizam os indivíduos (COHEN, 2013, p.23).

Cohen (2013) evidencia que a igualdade de oportunidades nem sempre acompanha a realidade social que permeia contextos de reprovação escolar, pois os indivíduos inseridos no processo educacional são singulares e envolvidos de realidades próprias que colocam a meritocracia em pauta.

É um tema complexo de abrangência conceitual e que parte de pressupostos que àqueles que discutem a temática tenham ciência de contextos, realidades e vivências daqueles que são os atores intrínsecos no fenômeno (os educandos).

A reprovação é sentida de forma diferente por cada envolvido, pois os contextos variam, sentimentos se encontram, visões de mundo que encadeiam acontecimentos cotidianos e marcantes se renovam: “Dizer o acontecimento é dizer o que é, logo as coisas tais quais elas se apresentam, os acontecimentos históricos tais quais eles tiveram lugar e é a questão da informação” (DERRIDA, 2012, p.8).

Acontecimento, segundo Derrida (2012), é algo que não pode ser previsto e programado, posto que as coisas nos acontecem e nos constituímos em um movimento de nos tornar quem somos, sempre em uma renovação, em um movimento de criação.

Sendo acontecimento o que causa surpresa, surpreende, não se compreende, o que vem e não se consegue mapear. Ao chegar se torna dinâmico, inaugura um pensamento novo que nos mostra o que não se tinha pensado antes e o que não se tinha controle. Acontecimento esse que traz o questionamento consigo e como marca intrínseca a hospitalidade, característica crucial de acolhida ao que chega sem avisar.

Pensemos na reprovação como uma visita inesperada, mas ao mesmo tempo esperada quando conscientemente sabemos que ela é marcada de incertezas que podem fazer parte dessa visita. A decisão de enfrentá-la perpassa aspectos que se encontram na acolhida, pois a negação e a vergonha podem ser supostos destinos do fenômeno.

A hospitalidade só ocorre quando não se está pronto para a acolhida do que chega e alcança indagações do que aconteceu. Esta hospitalidade, segundo Derrida (2012), não é a capacidade de receber o que vem de maneira cômoda, é a acolhida para além da ascensão da recepção, uma resposta inventiva ao que chegou. Uma recepção afetiva, o acolhimento do que não se prevê, se controla e se prepara, provocando um novo pensamento, uma criação.

É certo que existe uma separação entre o mundo além da instituição escolar que desconsidera competências e determinantes socioemocionais, como trazem Barros e Murgo (2018), o que pode afastar gestos de hospitalidade diante do fenômeno da reprovação por parte do educando, pois este recebe de maneira cômoda o que chega, sem a provocação de novos pensamentos a partir do fenômeno.

Dizer o acontecimento, segundo Derrida (2012), é um exercício de abertura ao que está por vir, é se arriscar diante da surpresa e do difícil controle com a recepção acolhedora ao que chegará.

Nessa perspectiva, é o chamar à uma lente nova, uma invenção que não se apegue aos modelos prontos de recebimento do fenômeno, mas a capacidade criativa e potencial que ele permite em sua integralidade para os indivíduos em questão.

Segundo Luckesi (2005):

Os exames e as conseqüentes reprovações, que se manifestam' como fracasso escolar, servem de álibi para a má qualidade de ensino, como já temos sinalizado, na medida em que o educando, em última, instância, torna-se o único responsável por esse fenômeno, pois que, usualmente, atribui-se a ele esse resultado negativo em função do seu suposto desinteresse e de sua suposta irresponsabilidade nos estudos; nesta situação, todos os outros fatores intervinientes nos resultados negativos da aprendizagem são obscurecidos, tais como políticas públicas, e educacionais insatisfatórias, más condições de ensino, baixos salários dos educadores (LUCKESI, 2005, p.40).

Se fizermos uma análise da realidade educacional brasileira, como nos traz Luckesi (2005), podemos considerar que ela é diversa, nem todos possuem a mesma condição e escolha: condições de ensino podem ser precárias, faltam recursos, percebe-se baixa capacitação docente, existe alto número de alunos por sala e altos índices de reprovações em etapas como a do Ensino Fundamental e Médio, bem como alunos que não chegam à Educação Superior.

Segundo dados do Censo da Educação Superior, que tem por objetivo a coleta de informações sobre as Instituições de Educação Superior (IES), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2022): “O número de matrículas em cursos de graduação presencial diminuiu -9,4% entre 2019 e 2020” (INEP,2022, p.24).

O que indica, segundo o do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2022), que novas realidades de Educação Superior exigem ser compreendidas, e ao serem analisadas essas informações permitem: “A análise da trajetória dos estudantes a partir de seu ingresso em determinado curso de graduação e, conseqüentemente, a geração de indicadores de acompanhamento e de fluxo na educação superior (ou acadêmica)” (INEP,2022, p.10).

Quando o acontecimento da reprovação chega, ele causa impacto e cria maneiras singulares de recepção dentro de um mesmo contexto. Por isso, quando se trata de contextos de reprovação é importante falarmos dos aspectos avaliativos como pontos importantes, pois o fenômeno acompanha uma série de avaliações contínuas que o determinam.

Silva e Paulo (2004) situam as avaliações como causadoras de impacto nas vidas dos indivíduos, o que denota a importância das avaliações também serem examinadas. Como trazem Silva e Paulo (2004), elas afetam indivíduos, instituições e a sociedade como um todo, existindo boas e más avaliações.

Segundo Correia, Tavares e Silva (2016), a avaliação é usada como forma de responsabilização e punição, em contextos escolares, por exemplo, há a predominância de aspectos quantitativos que embasam a avaliação somativa como crucial para um bom rendimento. Correia, Tavares e Silva (2016) trazem indagações importantes sobre a realidade avaliativa de nossa sociedade: “Aferir, diagnosticar, classificar, verificar, castigar ou reorientar? Para que realmente serve a avaliação?” (CORREIA; TAVARES; SILVA, 2016, p.23).

Luckesi (2005) critica a prática avaliativa tradicionalista e situa a avaliação como um elo necessário e como um ato que implica o diagnóstico e a decisão, bem como o ato de acolher o educando em sua formação deve ser presente em todas as etapas de seu desenvolvimento.

Segundo Luckesi (2005), o ato de acolher o educando permite que novas formas de avaliação possam ser presentes e contribuem em boas trajetórias, pois a avaliação, segundo o autor, não se encerra sem possibilitar traçar novos caminhos, é em si também um ato carregado de amor, um ato contínuo.

Hoffman (2015) traz a importância da reflexão sobre a ação. Quando aborda a perspectiva das avaliações, defende que uma avaliação mediadora ocorre na relação diária entre alunos e professores. É contínua, não se atenta para provas e exames finais, sendo o encontro da reflexão sobre ações dos docentes e educandos durante todo o processo que estão juntos.

Hoffman (2015) indaga sobre uma forma de avaliação que considera a realidade sociocultural de todos os presentes no processo educativo, pois a reflexão sobre a ação oportuniza o pensar de novas atuações efetivas e singulares, que de acordo com a realidade de cada aluno se concretiza em oportunidades reais.

Proporciona um novo caminho a ser seguido, nessa perspectiva o processo avaliativo é transformado e reavaliado quantas vezes for necessário, tendo como centralidade a realidade dos envolvidos nesse processo, como traz Hoffman (2015).

Libâneo (2013) traz a perspectiva de uma avaliação que considere o processo inerente à ela, já que é uma tarefa que acontece o tempo inteiro e não somente ao final, com

resultados de exames e provas. Segundo o autor Libâneo (2013), existem três tarefas insubstituíveis na avaliação: verificação, qualificação e apreciação qualitativa.

Libâneo (2013) explica que a verificação consiste na coleta de informações sobre o aluno. A qualificação é a adequação da proposta pedagógica ao aluno e seu alcance em relação aos objetivos, e, por fim, a apreciação qualitativa é a análise dos resultados em relação aos desempenhos projetados se despreendendo da avaliação somativa.

Libâneo (2013) aborda que a relação entre aspectos qualitativos e quantitativos devem estar alinhados e trabalhados em conjunto, já que um complementa o outro em seus aspectos fortes e fracos, são interdependentes e marcados pelo acompanhamento e pela reorientação de passo a passo desse processo que não se constitui sozinho.

Existem três tipos de avaliações: somativa, formativa e diagnóstica, segundo Oliveira e Oliveira (2019), a avaliação somativa acontece ao final de um processo, é classificada como acumulativa, neste tipo de avaliação se considera aspectos quantitativos que geralmente são notas e dados estatísticos.

Segundo os autores Oliveira e Oliveira (2019), a avaliação formativa possui papel qualitativo, está focada no processo contínuo, diário e no desenvolvimento do estudante, se preocupa com a sua formação integral, identificando erros e dificuldades que guiam a prática pedagógica.

A avaliação diagnóstica, segundo Silva, Silva e Alves (2014), busca encontrar potencialidades e eventuais dificuldades em um processo, serve de caminho para o docente ou gestor que considera conhecimentos prévios internos e externos ao processo de aprendizagem. Ocorrendo geralmente no início de um caminho de aprendizagem, deve ser vista como um ato de inclusão, mas acaba sendo utilizada para nivelar aprendizagens e conhecer realidades educacionais distintas.

Todas as formas de avaliação conhecidas geram um resultado esperado ou buscado pelos indivíduos que estão inseridos. Silva e Paulo (2004) mostram que a avaliação é uma mensageira dinâmica e complexa que é necessária na trajetória escolar do aluno.

O acerto ou o erro, o sucesso ou insucesso, pode ser considerado importante na aprendizagem do aluno. Pode-se considerar o insucesso como um indicador de que ainda não se chegou à posição que deveria se chegar para determinada

solução e também como uma forma ou modo de não mais resolver o que se pretendia solucionar ou chegar da mesma forma, podendo superá-lo como benefício significativo para o crescimento do aluno (CORREIA;TAVARES;SILVA ,2016 ,p.27).

O que deixa a sensação de: “será que tudo está correto, ou há falhas existentes no caminho/processo que podem ser percebidas facilmente? ”, porque não se pode atribuir e depositar em nossas instituições e educandos tudo aquilo que nos incomoda.

Há mais a ser investigado dada a importância de todos os atores sociais envolvidos no processo de reprovação, ao dia a dia e a forma como cada um recebe o fenômeno em seu por vir, tendo em vista que: “Pode haver uma culpabilização do aluno pelas dificuldades de entrada e permanência no Ensino Superior, como se essas dificuldades estivessem relacionadas a falta de capacidade dos mesmos” (FREITAS; LOBO; DINIZ; AMORIM; MENNOCCHI, 2017, p.3).

A Lei nº 13.005 de 2014 estabelece o Plano Nacional da Educação, que está em vigência de 2014 até 2024, onde traz 20 metas voltadas à educação brasileira, em sua maioria é presente o termo “universalizar”, além de estratégias que buscam auxiliar no alcance de cada meta.

No que se trata da Educação Superior as metas do Plano Nacional de Educação (2014) são acerca da especialização dos docentes, em especial a meta nº 12 prevê:

Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público” (BRASIL,2014).

Junior, Lucena e Ferreira (2011) ao apresentarem dados sobre eficiência, resultados e objetivos do Ensino Médio e da Educação Superior no Brasil inferem que todas as informações sobre as duas etapas são questionadas por grande parte da sociedade, já que a educação aliada à globalização trouxe consigo novos desafios.

As políticas educacionais nacionais acabam por referendar uma rígida divisão de classes no que se refere à formação educacional. Às classes mais favorecidas, uma educação voltada à pesquisa aplicada e ao saber científico. Às classes trabalhadoras, uma educação de cunho profissional, atendendo às demandas do mercado de trabalho. No segundo aspecto, especialmente no que se refere à formação dos trabalhadores, o ensino médio acaba por exemplificar iniciativas para esse fim (JUNIOR; LUCENA; FERREIRA, 2011, p.854).

Junior, Lucena e Ferreira (2011) concluíram que existem peculiaridades e carências docentes, principalmente na etapa do Ensino Médio, que acabam por impedir que jovens

nesta mesma faixa etária ingressem em instituições de Educação Superior. Visto que poucos são os jovens que atualmente optam pela realização de uma graduação devido às grandes necessidades diárias.

Assim, ampliar-se-ia a compreensão de que o sucesso/fracasso acadêmico dos estudantes não depende somente de fatores orgânicos ou cognitivos, mas também de fatores sociais e emocionais, que precisam ser considerados perante a complexidade do fenômeno (MARIN; BORBA; SILVA, 2018, p.295).

Souza et al (2020) enfocam que fatores emocionais e sociais presentes na vida de um educando podem contribuir para aspectos voltados ao rendimento. Pois, são fatores que afetam as diferentes relações estabelecidas em diversas situações vivenciadas, tornando-se mecanismos de reação singulares.

Enfatiza-se assim a importância em considerar ambientes pelo qual os educandos estabelecem vínculos emocionais e sociais em suas vidas, visto que a relação emocional, individual e social presenciada nesses espaços podem propiciar reflexos em suas aprendizagens, porque: “Nessas relações, ocorre o entrelaçamento de vivências oriundas de diferentes contextos e resultantes de interações sociais do indivíduo” (SOUZA, et al, 2020, p.18).

Reprovar em âmbito escolar e acadêmico pode estar associado ao verbo julgar de formas diretas, que contribuem para a criação de rótulos e sensações de incapacidade, que influem na autoestima e no autoconhecimento do educando. O que contribui para uma vulnerabilidade a longo prazo e a relações subjetivas cada vez mais fragmentadas, dado que indivíduos podem passar “a nutrir pensamentos de desvalorização, desesperança e pessimismo” (MARIN; BORBA; SILVA, 2018, p.294).

Madaloz, Scalabrin e Jappe (2012) trazem contribuições que nos mostram que as instituições de ensino são historicamente ensinadas a categorizar seus alunos em bons ou maus a partir de seu rendimento, o que nos mostra que existem os imprevisíveis e previsíveis da reprovação.

Quanto aos aspectos previsíveis, o acontecimento da reprovação pode ser situado como algo pelo qual foram depositadas expectativas no educando durante o ano letivo ou período de tempo, as quais ele não conseguiu atender, bem como foram dadas chances e conhecidas as suas dificuldades ao longo do processo.

Existem situações que fazem com que a reprovação possa ser previsível, mas não garantida por si só: falta de adaptação, limitação tecnológica e de recursos, ausências e

omissões estatais, falta de motivação de alunos e professores, baixo rendimento acadêmico, longa espera de realização de provas presenciais de seleção. Bem como diversos fatores que contribuem para a sua ocorrência, sendo um fenômeno em observação contínua, como trazem Almeida e Alves (2021).

Aspectos imprevisíveis são os fatores e mudanças que ela influencia quando acontece, a nova realidade que ela insere na vida do educando, os efeitos sociais, emocionais e psicológicos que ela evidencia, bem como as novas visões de possibilidades que ela pode criar. Pois sobre ela, surge uma emergência cultural que necessita de atenção, conforme pontuam Almeida e Alves (2021).

Vários fatores podem ser determinantes para a concretização da mesma, segundo Almeida e Alves (2021). Existindo também critérios de seleção docente por reprovar ou não seu aluno, bem como diretrizes regulamentares de aproveitamento e rendimento que reforçam a categorização ainda existente, além de seleções unificadas como vestibulares e outras formas de ingresso na Educação Superior.

Souza e Almeida (2020) mostram que no contexto pandêmico atual exige-se o enfrentamento e um olhar diferenciado para todas as questões vivenciadas pelos estudantes. É certo que muito pode estar a vir e aparecer: “Um olhar novo recebeu o processo avaliativo dos estudantes frente à crise vivenciada pela pandemia” (SOUZA; ALMEIDA, 2020, p.4).

Quando o fenômeno da reprovação chega várias maneiras de receber a notícia e lidar com seus desdobramentos podem ser notadas e presenciadas. É uma notícia carregada de expectativas e anseios do educando, da sociedade, do ambiente familiar e da própria instituição.

Esta notícia impacta, cria marcas, rótulos e imprime sensações, podendo se tornar uma notícia extremamente carregada de sentimentos pela lente daquele que está em um movimento de tornar-se o educando.

Considerando que esta notícia merece ser pensada, com todo seu caminho de indagações que confrontem o que já se sabe, se supõe, e os aspectos morais da própria realidade, que não podemos simplesmente categorizar o fenômeno como bom ou mau. Cabendo como ponto de partida reflexões, como: “Foi o problema da validade do verdadeiro que se colocou frente a nós ou fomos nós que o procuramos?” (NIETZSCHE, 2001, p.11).

Ao confrontar uma realidade, na perspectiva do filósofo Nietzsche (2001), ir além do bem e do mal é a percepção de que a observação de uma realidade não é definir o que é bom ou ruim.

É ter a consciência de que as definições não situam revelações das coisas tais como são, pois sobre elas não temos controle, infinitas são as perspectivas em um caminho de nada temer, como um ato de coragem para o que veio onde não se sabe o que chegará.

Um educando em processo de ingresso na Educação Superior está sujeito a vestibulares e exames de seleção, esperando que atenda seus objetivos: passar ou não em suas provas. Trabalham com a hipótese de que obterão êxitos a longo prazo e se questionam quanto à incerteza desse processo.

Resumindo o exposto, este "eu penso" implica que comparo meu estado momentâneo com outros estados observados em mim para estabelecer o que é posto que é preciso recorrer a um "saber de origem diferente", pois, "eu penso" não tem para mim nenhum valor de "certeza imediata" (NIETZSCHE , 2001,p.25).

Quando não conseguem ir ao encontro da aprovação devido ao caráter imprevisível da reprovação, tendem a se questionar, levantando questões de onde erraram, em que momento, como deixaram isso acontecer, bem como o acompanhamento de juízos de valores.

Reforçando a noção de que a reprovação é uma força que perturba, que levanta novas ações inventivas e reações que tendem a ressignificar o ocorrido como parte singular e histórica do indivíduo em uma possibilidade de descoberta. Segundo Nietzsche (2001), somos indivíduos instintivos condenados a inventar e descobrir com nossas vivências.

Silva e Nanini (2011) situam o vestibular como um evento estressante que influi na saúde mental dos adolescentes e jovens.

O termo vestibular, do latim vestibulum (entrada, início, começo) , parece muito simples: dispositivo que seleciona os estudantes brasileiros a serem admitidos nos cursos universitários. Esse enunciado, que se beneficia de uma definição consensual minimalista e, portanto, muito genérica, tem a vantagem de ser imediatamente compreendido, pois faz parte da linguagem corrente quando se trata do acesso ao ensino superior (VALLE; BARRICHELLO; TOMASI, 2010, p.393).

Valle, Barrichello e Tomasi (2010) caracterizam o exame vestibular como uma passagem necessária que elimina e integra ao mesmo tempo. Considerando que, em sua missão, separa critérios bem definidos, contempla oportunidades, interesses e aptidões

individuais e coletivos, evidenciam que a universidade ainda se mantém fechada e inacessível para a grande e diversa população brasileira.

Atualmente para o ingresso no Ensino Superior temos o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), segundo o INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021), o objetivo do exame é avaliar o desempenho escolar dos estudantes no término da educação básica.

Vale lembrar que, quando criado, o Enem não tinha como objetivo central o acesso à Educação Superior. O objetivo principal era a verificação de avaliação de desempenho com situações problemas ao final do ensino médio. Essa realidade mudou no ano de 2009 quando passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior e se perpetua até os dias atuais.

Segundo o Ministério da Educação (2022), o resultado do exame pode ser usado como critério de seleção para o ingresso na educação superior e pode substituir ou complementar o vestibular das universidades e instituições públicas e privadas.

Pelo Enem, segundo o INEP (2021), é garantido o acesso com a nota obtida a participação no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), voltado para as vagas em universidades públicas e ao Programa Universidade para Todos (ProUni), que possui parceria com faculdades privadas para a concessão de bolsas.

Bem como, os estudantes podem também ter acesso ao Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) para ajuda de custo governamental em sua opção por faculdade e curso de graduação, reembolsando os cofres públicos após certo período de tempo.

Em âmbito distrital possuímos o Pas/UnB (Programa de Avaliação Seriada), que segundo o Cebraspe (2022), destina metade das vagas de todos os cursos da Universidade de Brasília e abre portas para estudantes do ensino médio de forma gradual.

As provas são interdisciplinares e visam identificar e avaliar as competências desejadas para estes futuros universitários, o certame é realizado ao longo dos três anos do Ensino Médio e costuma ser menos concorrido que os vestibulares tradicionais.

O vestibular tradicional é o sistema de seleção tradicional da UnB, aplicado desde a fundação da instituição, em 1962. A prova é elaborada pela própria Universidade de Brasília e aplicada apenas para ingresso de estudantes no segundo semestre letivo. A classificação é feita com base no resultado obtido pelo candidato nas provas de conhecimentos e de redação elaboradas pela UnB (CUNHA, 2020, p.41).

Cunha (2020) traz perspectivas de ingresso à educação superior que perpassam em possibilidades reais e concretas que percorram as realidades sociais dos vestibulandos, além da necessidade de pesquisas que tratem da educação superior e seu acesso de forma abrangente e específica.

Quando Cunha (2020) retrata a importância dos condicionantes do processo de ingresso na educação superior ele pontua o reconhecimento de um momento histórico e social que abarca uma diversificação em movimento nunca estática dos condicionantes deste ingresso. Ou seja, em cada processo seletivo existe um governo, uma família, um aluno, uma realidade, uma expectativa, que limita, podendo gerar um sucesso ou um fracasso.

O uso das reprovações nestes exames é presente em estatísticas governamentais e programas, e podem revelar realidades inquietantes a longo prazo. Pois, ingressar com êxito em uma instituição de Educação Superior requer muito de uma trajetória que pode ser percebida e posta como objeto de análise, já que: “Há um desestímulo ao desenvolvimento vocacional dos estudantes que, por sua vez, desconhecem as novas alternativas de educação superior e de educação profissional de nível superior previstas em lei” (SPARTA; GOMES, 2005, p.51).

Carvalho (2001) mostra em seus escritos que não se pode aceitar acriticamente os números, taxas e estatísticas, gráficos e tabelas como incontestáveis, absolutos e como prova de disputas de privilégios e meritocracias.

Carvalho (2001) pontua que dados quantitativos são importantes, porque geram realidades consideráveis, cabendo a necessidade de se atentar aos aspectos sociológicos e qualitativos por trás destes números, que podem estar maquiados, sem acompanhamentos reais de condições e limitações materiais, sociais e emocionais.

Como traz Sparta e Gomes (2005), esse desestímulo pode ser percebido em razão de muitas vezes a temática ser vista como algo “normal” e necessária para o desenvolvimento do educando e para o rumo das políticas públicas de educação, o que torna o desconhecimento ainda mais presente quando se trata de educação superior.

Segundo Veras (2019), quanto mais se avança na vida escolar menos questões essenciais como noções de autoestima, desenvolvimento pessoal e pertencimento vão

sendo trabalhadas, devido aos vários avanços de nossa sociedade, tornando a instituição o depósito das questões a serem resolvidas.

Segundo Cury (2012), avaliações não podem ser utilizadas para punir ou segregar educandos, pois caminham abertamente com a ótica da aprendizagem e da prática pedagógica como consciência de modificações.

Ou seja, existem regras, segundo Cury (2012), que devem ser seguidas, mas o processo avaliativo deve ser sempre envolto de reflexões, participativo, contínuo e cabível de transformações, pois existe a concepção de que não existem espaços no ambiente universitário que contemplem essa prática. “Primeiro, por uma divisão do trabalho na qual os professores universitários foram assumindo a pesquisa e os professores da escola básica, a formação” (LUDKE; BOING, 2014, p.1174).

Os professores universitários de universidades federais acabam encarando mais a pesquisa acadêmica em virtude de ser um dos critérios para lograr posições de prestígio dentro da própria instituição, cabendo aos docentes novos olhares que contemplem a educação básica como indicadora de qualidade e realidade para seu trabalho, como pontua Lemos (2011).

Lemos (2011) pontua que há uma sobrecarga presente principalmente em professores de universidades federais, pois estes são condicionados aos parâmetros de qualidade, eficácia e eficiência, são cobrados em produtividade integralmente, estando o aluno submetido a essa complexa realidade que o acompanha antes mesmo do ingresso na universidade.

A Constituição Federal (1988) traz em sua íntegra a garantia pelo Estado de toda a educação básica, que compreende as etapas da Educação infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Segundo a Constituição Federal (1988), o acesso à educação superior é pautado na meritocracia, pois: “V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (BRASIL,1988).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), a educação escolar é composta de: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior”(BRASIL,1996).

A educação superior é um nível de ensino que se dissocia da educação básica. Está dividida em cursos sequenciais, de graduação, pós-graduação e extensão. Os cursos sequenciais,

segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), são organizados por campos de saber, já os cursos de graduação são para candidatos que são classificados em processo seletivo.

Os cursos de pós-graduação compreendem os programas de mestrado e doutorado, bem como cursos de especialização e aperfeiçoamento acadêmico e profissional. Cursos voltados para a extensão são oferecidos pelas universidades para o público em geral se atenderem os requisitos necessários para a sua execução.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), a Educação Superior tem como uma de suas finalidades:

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (BRASIL, 1996).

Segundo Oliveira (2019), escolas de educação básica não mantêm uma boa relação com universidades, um dos motivos citados pelo autor se trata do desconforto em mostrar fragilidades e a resistência em aceitar sugestões, críticas e propostas de auto avaliação e soluções, o que mostra que existe um distanciamento entre educação básica e superior.

Segundo Oliveira (2019), existem escolas da educação básica que supõem perder prestígio social. Posto que, possuem inferências de que pesquisadores universitários em suas dependências são ameaças para a cultura organizacional e para as relações existentes.

Isso porque a formação de coletivos robustos assim concebidos é a única forma de evitar que a educação escolar fique refém dos interesses de mercado, e de garantir que ela sirva ao propósito de educar para o alcance de relações e condições sociais mais humanas e mais justas, dentro e fora das escolas (OLIVEIRA, 2019, p.260).

O que o autor Oliveira (2019) evidência é a necessidade de repensar práticas, expectativas, formações e avaliações existentes e predominantes, em busca de relações duradouras e significativas que contribuam para uma aproximação significativa entre os dois níveis e que beneficiem diretamente o aluno e todos os envolvidos dentro do processo.

As formas de avaliar ainda se encontram como as principais causas da reprovação, na Educação Superior essa realidade é exorbitante, uma vez que os cursistas antes de ingressarem provavelmente se depararam com situações de reprovação e ao decorrer do curso podem estar suscetíveis a passar por isso:

Temos como afirmar que a avaliação da aprendizagem dos estudantes espelha decisões de natureza política, tomadas fora da escola, mas que repercutem neste

espaço, usando-o como legitimador e reproduzidor de uma ordem social que interessa ao processo de acumulação material (SORDI, 2012, p. 4).

Silva e Zanini (2011) situa que o vestibular traz consigo a lógica da exclusão ao considerar que apenas alguns terão êxito e outros ficarão sem o ingresso na educação superior. Estes serão rotulados, viram um mero dado estatístico, suas peculiaridades não são problemas e possibilidades pensadas em seu contexto socioeconômico e individual.

Além disso, a política de algumas escolas e a percepção social de que sua qualidade de ensino estão voltadas para o número de alunos aprovados no vestibular para cursos e universidades consideradas de renome (SILVA; ZANINI, 2011, p.152).

Toscano (2015) traz uma perspectiva acerca do ingresso pelo Vestibular nas universidades públicas, pois reflete em mudanças sociais do Brasil e se modificam ao longo do tempo. Ele aborda ainda que existe uma procura pela qualidade institucional, o que faz com que as universidades públicas não estejam mais preocupadas em selecionar os alunos mais bem preparados para atender suas demandas prioritárias, pois estes são os que chegam até ela, devido aos condicionantes de sucesso ou fracasso que os processos seletivos determinam.

Sabemos que no Brasil, salvo exceções - são as Universidades públicas que buscam alcançar os critérios de qualidade pretendidos para o ensino superior e ao mesmo tempo são essas as acusadas de serem “elitistas”. Por outro lado, convém aqui remeter as seguintes questões: Quem são os ocupantes das vagas nos mais diferentes cursos e áreas? (TOSCANO, 2015, p.14).

O perfil dos estudantes acompanha as mudanças sociais, Toscano (2015) mostra que é realidade nas instituições superiores públicas, pois a procura por alunos bem preparados continua em uma ótica de que os melhores chegam até ela.

Isso, segundo Toscano (2015), se dá devido aos processos seletivos de ingresso que selecionam a melhor nota, o melhor desempenho e o melhor aluno, pois entram com êxito aqueles que possuem maior capital cultural e bom rendimento educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) traz como obrigatoriedade a ser seguida pela instituição de ensino superior a divulgação de todo o resultado do processo seletivo do vestibular, assegurando ao candidato, se for classificado ou não, o acesso a sua nota e aos seus indicadores voltados ao desempenho.

Toscano (2015) indaga sobre quem são esses educandos que ocupam essas vagas, trazendo a importância de um olhar sensível para sua biografia, seu modo particular e suas vivências, que fazem parte de seu mérito por estar ali em uma universidade.

O quanto esse caminho pode ser diferenciado e nos trazer percepções acerca do objeto de estudo é incrivelmente relevante, porque muito se é vivido, percebido e analisado pelo educando.

Sordi (2012) mostra que a avaliação é pautada por interesses, a partir dela se consegue identificar pontos de atenção, melhorar, e caminhar em face do que necessita ser mudado. Isto, quando se faz um bom uso e pode ser enxergada como boa ou má de acordo com a escolha de seu uso e resultados.

Ratifica-se o uso da avaliação como estratégia qualificadora do ensino de graduação desde que os dados não permaneçam adormecidos nos relatórios e que possam ser apropriados em tempo hábil pela comunidade que os gerou para produzir novos significados e embasar os processos decisórios tanto centrais como locais (SORDI, 2012, p.16).

Sordi (2012) nos traz que o processo de formação universitária é um componente de todos os atores da Educação Superior, ou seja, as universidades estão lidando com elevadas demandas burocráticas. Avaliações de larga escala acabam dizendo quem são e seus nomes ficam em disputa na busca por recursos para se manterem.

As avaliações devem ser vistas como instrumentos potenciais. Segundo Sordi (2012), um bom uso de uma avaliação pode nos dizer sobre o alcance de um bom rendimento acadêmico e a avaliação de qualidade busca a emancipação, a consideração de todos os atores sociais em jogo, visto que a reflexão evita a repetição de comportamentos e:

Tentar explicar e resolver a avaliação da aprendizagem de nossos alunos exclusivamente como um fenômeno ligado às competências do docente para ensinar ou do estudante para aprender é ingenuidade política com sérias repercussões éticas e técnicas, inclusive (SORDI; MALVAZI, 2012, p.2).

Não existe uma forma única de atingir a reprovação, podemos chamar esse fenômeno de variante, tendo em vista que diversos setores estão envolvidos em sua ocorrência, podendo ser analisada sobre vários pontos de vista: da família, do docente, da instituição de Educação Superior e do discente.

Muito deve ser observado e considerado, como nos traz Malavazi (2012), principalmente daqueles que irão ingressar em cursos da área de saúde:

Nesse sentido, no processo de ensino e aprendizagem, saberes e conhecimentos científicos alinham-se aos processos de saber fazer e saber ser, elementos fundamentais para a inserção do profissional no contexto social no qual as práticas de cuidado são realizadas (GRIBOSKI, 2020, p.3).

O sucesso escolar nessa visão ocorre quando o estudante tem acesso a Educação Superior e permanece escolhendo seu curso de preferência e sobrevivendo ao sistema de ensino, bem como se adaptando aos processos de saber fazer e ser, como aspectos intrínsecos a sua formação e as possíveis situações profissionais que o espera.

A universidade não está sabendo dizer a si mesma e à sociedade que tipo de instituição deve e é capaz de ser, para responder com alguma coerência e eficácia às múltiplas demandas desconexas e contraditórias que lhes são postas, num quadro histórico de rápidas transformações e obsolescência em todos os campos da ciência, da política e da economia, de crise dos valores e de tantas incertezas relativamente ao futuro (SOBRINHO, 2010, p.1241).

Sobrinho (2010) situa as universidades como imersas em demandas de alta complexidade, que acabam vulneráveis em meio às diversas transformações exigidas e que todos que a constituem também são envoltos dessas mudanças, se adaptam conforme a necessidade e são produtos dessa qualidade.

Zago (2006) reforça que existem cursos com prestígios sociais incomparáveis, principalmente os da área de saúde, sendo necessário o conhecimento do perfil dos alunos e o entendimento de sua visão de mundo. Para que se abra a possibilidade de entender as novas mudanças que acompanham essas trajetórias, e como ingressaram com êxito a cursos de renome.

Peixoto, Passos e Brito (2018) mostram que responsabilidade e culpa podem estar ligadas e influenciam escolhas profissionais. Alunos que não conseguem ingressar em cursos de renome costumam carregar consigo o sentimento de “culpa”, depositando frustração e insatisfação em toda a situação.

Segundo Sens e Bolze (2015), a lógica de que uma instituição sozinha gere uma reprovação não é acertada, visto que não são todos os alunos que não ingressam no Ensino superior:

Podemos entender que para um universo limitado de alunos, a escola não consiga transmitir a contento o conhecimento e, desta maneira, esse não consegue ser assimilado por todos os alunos em virtude de suas diferenças individuais (SENS; BOLZE, 2015, p.12).

Cada educando é um, como trazem Sens e Bolze (2015). Cada aluno tem sua própria maneira de se relacionar com o ambiente universitário, com tudo que o cerca e consigo mesmo, é diverso e singular.

Aqui estamos falando de estudantes que passaram pelos níveis anteriores resgatados (escola e processos de seleção para ingresso na universidade), e lograram com êxito na universidade, percorrendo trajetórias que lhes são singulares.

O que se pode concluir até aqui é que o Brasil ainda precisa avançar muito no que diz respeito às condições de poder dar conta de oferecer educação em nível superior para um contingente maior de sua população, em especial, aos que estão em idade de ingresso no ensino superior (STALLIVIERI, 2013, p.21).

Stallivieri (2013) conclui que o Brasil deve avançar muito para que grande parte da população tenha acesso à educação superior. Pois, a realidade brasileira perpassa em: problemas familiares e sociais, uso da tecnologia em excesso, dificuldades trazidas pela pandemia, entre outros, que influenciam diretamente no rendimento escolar.

A universidade acaba sendo: “tudo em todos”, em um sentido de que é abrangente e contempla diversas realidades sociais e deve dar conta de todas as singularidades em uma proposta de inclusão. Essas demandas refletem no ensino universitário, mesmo que não sejam todos que cheguem a essa modalidade de ensino. Cabendo assim, segundo Stallivieri (2013), uma atenção especial aos estudantes que prestaram exames para ingressar na educação superior.

Segundo Axline (2005), a singularidade de um indivíduo não pode ser medida por outra pessoa e cada personalidade apresenta um mundo particular de significações que é integrado a sua história pessoal.

Somos particularmente movidos por impressões, imaginações e complexos por natureza o que, segundo Axline (2005), ao aceitar essa complexidade se permite seguir caminhos que perpassam os emaranhados de emoções e sentimentos que viram um convite para um movimento contínuo de protagonismo na sua singularidade.

Em relação às histórias pessoais, Nietzsche (1995) trata do vivente como quem está sempre em um movimento de vir a ser. E, nesse sentido, buscamos entender como um discente está inserido no ambiente no qual está envolvido e como ele constrói particularidades nos demais ambientes que são diferentes daqueles com os quais está acostumado, entre eles, o ambiente acadêmico.

No ambiente acadêmico chegam questões anteriores que vieram com o período de tentativa de ingresso, essas questões influenciam nas ações, percepções e atividades dentro da universidade.

Uma vida vivida ultrapassa concepções definidas de ideais, segundo Nietzsche (1995), existindo assim interações contínuas e recíprocas com o mundo. Sempre em um movimento singular, toda experiência de vida deve ser encarada como é.

Nietzsche (1995) situa o tornar-se como algo inacabado, permeado de particularidades a serem confrontadas, reestabelecidas e ressignificadas em um processo nunca acabado, pronto ou final. Sendo a vida, uma obra, uma atividade criadora que exige de seu autor capacidades inventivas em um desenvolver-se contínuo.

Nesse sentido, a vida é uma constante criação. Nunca esgotável. Um produto dinâmico exigido pela atividade criadora, ou melhor, pela atividade criativa do pensador que experimenta em si mesmo aquilo que é pensado, de tal forma que pensamento e vida se expressam num único e mesmo movimento ascendente de expressão vital (OLIVEIRA; FALABRETTI, 2018, p.189).

Quando situamos as contribuições de Nietzsche, Oliveira e Falabretti (2018) percebemos que abordam a vida como uma atividade criativa que perpassa experimentações daquele vivente que se expressa pensando criticamente, refletindo sua biografia não somente consequências, mas na vida que enriquece seus pensamentos.

Cabendo assim, situar o educando como indivíduo potencial em desenvolvimento contínuo, dinâmico e inacabado, protagonista de sua própria história, leitor de seu próprio mundo e cuja experiência sempre será singular e carregada de importância .

Tudo que se tem experiência pode marcar uma vida vivida, positivamente ou negativamente, o que pode ser decisivo para sua história e sua própria constituição singular, que está em desenvolvimento contínuo, por toda a vida e que nutrem o tornar-se.

Pois, instituições e docentes por fazerem parte da vida dos educandos carregam consigo uma grande responsabilidade social, sendo capazes de provocar sentimentos e percepções que se vinculam ao educando:

A responsabilidade social universitária é uma dimensão que relaciona vários aspectos quanto aos conhecimentos produzidos e difundidos na universidade que variam de acordo com o seu contexto social, promovendo ações com base em princípios éticos que asseguram o desenvolvimento considerando a sua contribuição no âmbito social, cultural, ambiental e econômico. Assim, a responsabilidade social universitária é discutida como um compromisso social e educacional da universidade com a igualdade social, meio ambiente, direitos humanos, ciência e a tecnologia, entre outros (NUNES; PEREIRA; PINHO, 2017, p.175).

Nunes, Pereira e Pinho (2017) retratam que a universidade apresenta ações que acompanham mudanças sociais, necessitando assim que esteja sempre em posição de

abertura para a efetiva inclusão social, pois é esperado que todas as dimensões formativas estejam contempladas para uma formação humanitária e empática.

Por isso é necessário que instituições e docentes estejam melhor preparados para lidar com os estudantes que logram com êxito após várias tentativas de acesso à Educação Superior ou os que ingressam com sucesso após o Ensino Médio, contemplando toda a diversidade e riqueza singular que pode ser percebida nas diferentes trajetórias.

Para que juntos consigam perceber elementos que podem ser aperfeiçoados ao longo do tempo, superando os ideais estabelecidos, se tornando conscientes de seus papéis perante o educando no centro desse processo, e optem por dar a voz necessária para que esse fenômeno seja repensado em uma proposta emancipadora, já que somente o educando pode dizer sobre sua recepção singular diante do fenômeno.

2. EU VIVO, PERCEBO E ME ENCONTRO REPROVADO

Ser aprovado ou reprovado envolve viver e interagir com o mundo que nos cerca e com todas as pessoas e possibilidades que fazem parte dele, para que por meio das vivências e do compartilhamento de experiências todos possam ter a capacidade de significar e ressignificar o tornar-se singular nos contextos que vivem.

Ser ou estar na condição de reprovado envolve sentimentos e expectativas que permeiam a compreensão e a relação com a consciência reflexiva particular. À medida que a sociedade vai evoluindo, passamos por mudanças constantes, a cada minuto sofremos alterações em nossos sentidos e posturas diante do que está ali, ao que chegou e ao que queremos.

A cada convivência adquirimos hábitos novos e construções de ideias, o que necessita da compreensão de todas essas formas de ser e se fazer presente no mundo, pautadas na singularidade do que nos acontece: “Histórias que nos constituem, nos situam, nos transportam, nos capturam, podem nos libertar” (NASCIMENTO, 2020, p.36).

Neste capítulo irei situar o centro da reprovação: o educando e sua importância para este contexto, considerando que a reprovação reflete a aprendizagem insatisfatória em uma etapa escolar ou acadêmica e está relacionada a vivências, cultura e consciência, uma vez que o educando é um indivíduo ativo e social.

Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de estender tanto quanto possível a cultura, por outro lado, a tendência de reduzi-la e enfraquecê-la (NIETZSCHE, 2012, p.53).

Nietzsche (2012) nos provoca a pensar que quando se trata do ambiente escolar, este pode se tornar a reprodução de uma cultura ou o afastamento dela por si só, podendo refletir um período cultural vivenciado, comportamentos e atitudes que perpassam o contato docente e discente. Além da implementação de políticas públicas que influenciam as atitudes presentes e vão de encontro ao nosso objeto de estudo, sempre passando pela questão cultural e ultrapassando sentidos e significados

A individuação é ligada a valores em que a própria pessoa carrega e está ligada ao processo de produção de si de cada indivíduo, em conjunto com suas emoções, história de vida, lugar em que vive e relação com o mundo, a individuação é o que diferencia um

indivíduo dos demais em sua singularidade: “Nesse caso, as vivências expressam a constituição de si. Cada qual tem seu estilo de individuação. Cada qual tem suas vivências. Para essas vivências é preciso ter ouvidos” (MONTEIRO, 2009, p.13).

Vivências, segundo Monteiro (2009), nutrem quem somos e são alimentos para os instintos do nosso ser em sociedade e imprimem nos espaços aquilo que sentimos, expressamos e nos diferencia.

Perpassam por ambientes, ações, expectativas, anseios, sentimentos e emoções, fazem parte da bagagem própria e da constituição particular em um mundo onde identificamos quem somos por nossas interações individuais, sociais e coletivas, como impressões e caminhos que deixamos com o tempo.

Segundo Monteiro (2009), as vivências passam por ações, como a superação e o ato de digerir o que criou-se a partir de impressões e fragmentos particulares ao longo de um dado momento, que não são marcadas apenas pelo que recordamos, mas por particularidades de situações e de pensamentos, o ouvir de cada ser.

Conhecer a si mesmo não é examinar suas motivações interiores ou fazer brotar o conhecimento conservado no pavilhão da memória remanescente. É trazer em questão aquilo que se é, a própria individualidade, pois entende que “nossas vivências determinam nossa individualidade, e elas são de tal modo que após cada impressão emocional, nossa individualidade é determinada para cada última célula”, Cria-se um estilo de individuação (MONTEIRO, 2009, p.18).

As interpretações singulares do que nos acontecem em um momento ou situação marcante do dia a dia, por exemplo, são únicas e também estão marcadas em nosso próprio corpo e refletem em nossa singularidade, segundo Monteiro (2009). Não atuando apenas na memória daquilo que é seu, somos indivíduos movidos pelo sentimento, sensações e as vivências mais notáveis são consideradas as mais simples.

Segundo Nietzsche (2008), o tornar-se permite saber que estamos em um movimento inacabado que envolve instintos e impulsos, do qual não podemos controlar, porque não escolhemos e nem prevemos vivências que iremos ter, essa apropriação e a superação de si mesmos são constituintes desse tornar-se o que se é.

Sabemos que podemos errar ou acertar e que estamos em um vir a ser que reflete em nossa individualidade à medida que passamos por determinadas situações e criamos novos sentidos, mas este vir a ser é sempre inacabado e dinâmico, um processo sempre em

metamorfose. O tempo todo estamos criando interpretações, percepções e visões sobre nós mesmos e o outro com o qual estabelecemos contato em nossas vidas.

As ações cotidianas são pautadas em sua imprevisibilidade, em virtude de o tempo todo vivermos em incertezas, como, por exemplo, o contexto pandêmico que se perpetua e exige a criação de novos pensamentos que contribuem para novas perspectivas e novas criações: “O que são, então, nossas vivências? São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha! Ou deveríamos até dizer que nelas não se acha nada? Que viver é inventar?” (NIETZSCHE, 2004, p.93).

Quando se trata de vivências: sobre elas não podemos ter controle e saber quais instintos serão nutridos, elas podem apresentar-se de momentos e posturas adotadas ao que chega, como uma novidade a ser recepcionada ou rejeitada. Sendo os instintos as expressões do que somos em um dado momento vivenciado e as vivências são singulares, mas nunca individuais, como nos traz Marton (2016).

A vida é uma obra em branco a qual cores e lentes novas sempre estão por vir, é uma história a ser preenchida, que ao mostrar sua capacidade criativa, e pode ser como uma ficção com infinitas possibilidades de registro sobre o que se é real e o que pode ser inventado, podendo o autor colorir, atribuindo novos tons. Ela é como é, uma vez que não é determinada pelos indivíduos, como nos reforça Nietzsche (2004), ao dizer que “viver é inventar”.

É necessário o trabalho do lugar do discente, como indivíduo ativo em suas experiências e expectativas construídas nas relações que vão definindo seu próprio processo formativo. Bem como considerar aspectos da formação esperada e as sensações e ações a serem construídas pelo educando posteriormente, tanto em sua escolha profissional como em sua trajetória acadêmica, em razão de que ao longo de sua trajetória suas vivências alimentam o movimento de tornar-se.

Quando se abre a oportunidade de o indivíduo analisar-se em sua condição particular e social, ele é capaz de visualizar a sua perspectiva a partir do que lhe aconteceu. Precisou pensar e superar, sua vivência se torna alimento para os instintos, segundo Nietzsche (2004).

Um tornar-se em meio a mudança e a superação no sentido de qual abertura ele escolheu fazer com as constituições de pensamento que chegaram e o que o fato significa em sua existência, conquista de vida e acúmulo de experiências. Tudo isso o torna quem é em suas forças constitutivas dentro deste processo, já que não são escolhidas e nem previstas as vivências que terá.

A vivência particular começa quando reconheço no outro a sua diferença de mim mesmo e de meus valores. Falar de vivências é extremamente delicado, pois temos que considerar nossa singularidade e as diversas situações que enfrentamos todos os dias que nos afastam de tudo que consideramos certo e de nós mesmos, e dos padrões prontos para serem seguidos por todos os componentes de uma sociedade, que acabam por influenciar quem deveremos nos tornar, criam impulsos e desejos que querem espaços particulares: “Não basta vivenciar, como um querer vivenciar; é preciso que cada vivência altere durante um longo período e de modo significativo a vida” (VIESENTEINER, 2013, p.149).

A composição do percurso de vida é promovida pela convivência social, pelo protagonismo individual e de tudo que o compõe, pelas interações individuais com ambientes e pessoas capazes de vincular sua ação à representação de mundo que constituem seus impulsos. Sendo a própria realidade um espaço e tempo onde este processo é vivenciado e significado, segundo Viesenteiner (2013). Onde se envolve diretamente a interação entre os sujeitos e o modo como vão se desenvolver, apropriando-se da tentativa de ir além, superar-se.

Não se pode negar a ninguém a possibilidade de mudança e aprendizagem com suas vivências ao longo da vida, porque elas fazem parte da constituição singular de um tornar-se inacabado e: “A noção de significabilidade da vivência confere a ela o status de algo exclusivamente individual, de modo que cada vivência é estritamente pessoal e sentida diferentemente por cada um” (VIESENTEINER, 2013, p.150).

Os ocorridos, as influências e constituições de um determinado ambiente afetam cada pessoa de maneira diferente e particular. A nossa presença no meio sociocultural faz com que as interações sejam experienciadas e nossas vivências sejam impactadas por meio de impulsos que nos fazem agir conforme o que presenciamos.

Suponhamos que um dia, passando pelo mercado, notamos que alguém ri de nós: conforme esse ou aquele impulso estiver no auge em nós, este acontecimento significará isso ou aquilo para nós — e, conforme o tipo de pessoa que somos,

será um acontecimento bastante diferente. Uma pessoa o toma como uma gota de chuva, outra o afasta de si como um inseto, outra vê aí um motivo para brigar, outra examina sua própria vestimenta, para ver se algo nela dá ensejo ao riso, outra reflete sobre o ridículo em si, outra sente-se bem por haver contribuído, sem o querer, para a alegria e a luz de sol que há no mundo — e em cada caso houve a satisfação de um impulso, seja o da irritação, o da vontade de briga, da reflexão ou da benevolência (NIETZSCHE, 2004, p.96).

Segundo Nietzsche (2004), cada pessoa é um ser constituído de impulsos que lhe são próprios e significa acontecimentos diários e cotidianos de maneiras diferentes.

Quando uma pessoa é reprovada, ela significa este acontecimento com base em uma bagagem cultural carregada historicamente e passada de gerações em gerações, o que faz com que nesse contexto as percepções individuais e coletivas entrem, a partir dos impulsos e forças existentes, em cada ser.

Ocorrendo sempre o estímulo e o incentivo para a percepção e formação de sentimentos e atitudes positivas ou negativas em relação ao mundo e ao outro. Mesmo com a sociedade em constante evolução, somos seres constituídos de impulsos que refletem nossas ações e tem a ver com os posicionamentos pessoais e sociais das relações de troca com as próprias experiências, como nos traz Bondía (2002).

Bondía (2002) traz reflexões sobre como o modo que lidamos com aquilo que vivenciamos pode nos ensinar sobre nós mesmos, devendo ser considerado parte valorativa e de grande relevância, e de como estamos em um tornar-se inacabado diante da vida. Esta dinâmica nunca é linear, mas sim composta de várias produções feitas por nós, os artistas.

Quantas vezes um aluno reprovado várias vezes é visto como diferente, só por ele ter outras perspectivas e passado por uma situação específica em seu processo de ensino-aprendizagem dentro de um contexto social amplo. Se esquece que ali é um indivíduo com vontades, vivências, desejos, pensamentos e impulsos próprios que não precisam ser questionados, mas sim respeitados.

Deve ser considerado em sua singularidade, pode não ter atingido os objetivos educacionais, os quais foram depositadas expectativas. Considerando que existe um reflexo desse processo em seus impulsos: “E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso” (BONDÍA, 2002, p.21).

Muitas dificuldades de ingresso em instituições superiores estão por trás do sentido atribuído pelo próprio aluno ao seu contato escolar, ou seja, a ação de aprender, considerada algo próprio do educando.

Estamos falando de um aluno que em seu processo de aprendizagem traz consigo aspectos emocionais, simbólicos e produções de sentido que lhe são próprias, ou seja, marcado de visões construídas e projetadas atribuições de sentido e formas de enxergar o mundo de acordo com suas interações até então, isso traz a necessidade de que:

A superação da reprovação escolar demanda mudanças em todas as esferas, envolvendo escola, família, alunos e a sociedade civil e política, uma vez que todos estão envolvidos no fenômeno que não tem um culpado específico, mas que tem reflexo na sociedade como um todo (BARROS; MUGO, 2018, p.13).

Barros e Mugo (2018) nos trazem que questões sobre a reprovação são amplamente ligadas com a autoimagem do educando e pode ter impactos que podem levar a traumas, transtornos e dificuldades de aprendizagem. Nesse momento podem surgir padrões emocionais que perpassam a vida e podem influenciar diretamente em ações diversas, o que cria barreiras que impedem o desenvolvimento saudável, pois o educando vive de uma forma, registra de outra e pode criar traumas durante o processo.

Blum (2014) traz a importância da alteridade como forma de reconhecer o que é distinto no outro e o que é distinto em mim enquanto indivíduo, bem como a importância do acolhimento deste outro em um processo de aprendizagem.

De acordo com Blum (2014), a noção de alteridade pode ser percebida como um sentido de pensar não pelo outro, mas a partir do outro com todo seu eu (sua singularidade, especificidades e peculiaridades) em dada situação para que possa existir o amparo e uma relação positiva diante das diferentes intersubjetividades que compreendem um ambiente educacional.

Isso pode auxiliar na possibilidade de transformação, para que ela não seja apenas utópica, mas presenciada de forma que se reflita em novas ações e considerações que contemplem todos os envolvidos, uma vez que o encontro com este outro é diário e frequente.

Por isso a necessidade de ajustarmos o nosso olhar para esse educando, que constrói e afirma o tempo todo valores singulares de pertencimento e de inserção. Embasados em vivências cujos sentimentos vinculados muitas vezes são de rebaixamento, indiferença e

descontentamento consigo mesmo e que chegam a Educação Superior com essa grande bagagem singular vivenciada. “Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam” (NIETZSCHE, 1995, p.17).

Os educandos em suas diferentes perspectivas devem ser ouvidos, porque são seres dotados de singularidades e vivências que lhe são próprias e acabam sendo invisibilizados em sua própria trajetória educacional. Sendo indispensável se dizer quem é o indivíduo em estudo, já que a sua existência, a sua vida, quem ele é e quem está se tornando em diversos contextos dos quais faz parte são importantes, pois se encontra em um tornar-se inacabado.

Muitos educandos não são ouvidos nem sequer vistos quando fracassam, mas apenas quando apresentam êxitos, entender o que e como lhes passou o fenômeno é parte constitutiva significativa na percepção de vivências, pois: “As pessoas são feitas de palavras e, exatamente por isso, são criadoras” (NASCIMENTO, 2020, p.34).

2.1 VOCÊ NÃO SABE O QUANTO EU CAMINHEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI

O título desse tópico não é por acaso e vale lembrar que é um trecho da Música: A estrada, da banda Cidade Negra, de 1998. Música que remete a um grande caminho a ser trilhado até chegar onde se pretendeu, sonhou, do qual não se consegue esquecer o caminho de ida e o tornar-se em meio ao processo.

A escolha dessa canção não foi por acaso, quero remeter ao percurso pelo qual educandos presenciaram o fenômeno da reprovação em seu processo de ingresso ao ensino superior, contemplando estudantes que acabaram optando por outros cursos de saúde que não a Medicina. A realidade é conflitante, Medicina é o curso mais concorrido em sistemas de seleção unificada, vestibulares e é sonhado por pais para seus filhos desde a infância.

Socialmente escuta-se que aqueles que são de famílias em que há médicos já são predestinados a serem futuros médicos, bem como aqueles que são vulnerabilizados socialmente, e quase não conseguem obter esse êxito e se inserir com maestria, são bombardeados de ataques preconceituosos por aqueles que alimentam o senso comum da meritocracia como direito.

Côrrea, Gonçalves, Oliveira, Silva e Ribeiro (2016) reforçam que a medicina é um sonho para muitos estudantes, até mesmo para aqueles que iniciaram outras graduações ou se formaram em outras áreas.

O educando que deseja ingressar em um curso da área de saúde acaba sujeito ao efeito que a reprovação pode trazer com seus desdobramentos, já que ela marca positivamente ou negativamente aquele pelo qual se constitui de expectativas, anseios e inseguranças.

O estudante, mesmo envolvido pelos sonhos de descobrir o corpo humano, ter conhecimento, sentir-se reconhecido ao ajudar o outro e contribuir socialmente com o mundo, entre outras motivações, vivencia a realidade dos primeiros momentos do curso com dúvidas, incertezas, sentimentos ambíguos, desencantos e frustrações (TRINDADE; VIEIRA, 2009, p.2).

Um desses sentimentos vinculados pode ser o medo, devido ao alto número de reprovações para a entrada no curso em si, processo esse que pode se refletir em opção por outras carreiras dentro da área da saúde. Posto que a reprovação é um fator presente durante todo o decorrer de suas tentativas vivenciadas pelo indivíduo.

Esse sentimento negativo induzido pelo acontecimento da reprovação pode fazer parte do questionamento do estudante enquanto futuro profissional e indivíduo dotado de

potenciais e impulsos que podem ser percebidos: “O modo como o indivíduo atende suas necessidades flui a partir da própria intencionalidade e, apesar dos tropeços, dificuldades e desencantos, ele é mobilizado a superá-los” (TRINDADE; VIEIRA, 2009, p.4).

A reprovação é acontecimento particular, pois envolve um processo de vinculação de sentimentos que é próprio do educando. É social, pois, envolve um processo de escolha dentro de uma sociedade, que pode refletir em políticas públicas, e individual pois fará parte da vida do indivíduo e seus efeitos podem ser percebidos e experimentados.

E pode ser repensada, a partir de estratégias que trabalhem a valorização do educando enquanto ser vivente, cuja função social será de extrema importância para a sociedade. Esse indivíduo reconhece o que não agrada e adia desejos, vontades que podem contribuir para o afastamento da humanização e do olhar empático ao paciente que terá que lidar futuramente em sua área escolhida, já que acaba não tendo opção de lidar com o que lhe acontece, afastando-se de superações que poderiam se tornar positivas, como nos trazem Trindade e Vieira (2009).

Trindade e Vieira (2009) ao trazerem as perspectivas e motivações de estudantes iniciantes da educação superior nos mostram que existem sentimentos vinculados e vivenciados em alunos calouros, no que se trata do olhar pedagógico limitante e distanciado daqueles que apresentam os conteúdos para seu futuro profissional: o docente.

O desejo de estabelecer uma relação de ajuda constituiu para o aluno uma possibilidade motivacional na escolha do curso, já que ajudar e cuidar do outro, no sentido de ser útil, o tornam importante, grandioso e reconhecido socialmente como um grande profissional, um médico humano, um profissional competente e, portanto, lhe confere certo status social na medida em que são atendidas as necessidades pessoais (TRINDADE; VIEIRA, 2009, p.4).

Esse desejo é oportunizado na construção docente valorativa e transformativa, empática e de valor que aproxima o aluno com suas perspectivas, anseios e vivências a serem criativos e comporem juntos a abertura ao espaço da aula como acontecimento.

Segundo Ribeiro, Leal, Diamantino e Bianchi (2011), a opção pela carreira na área da saúde atravessa diversos aspectos que refletem na concepção da sociedade a requisitos considerados importantes: o status social, o poder, bom salário, e a empregabilidade vinculadas ao desejo de ajudar, sendo predominante a empregabilidade a possibilidade de um ótimo salário quando os ingressantes são questionados.

Quando olhamos a perspectiva do que escolhe, Ribeiro, Leal, Diamantino e Bianchi (2011) consideram que os processos experimentados até essa chegada esperada são de

expectativas de sucesso, podem ser explicados devido a fatores e reflexos sociais, porque se tratando do mercado de trabalho brasileiro podemos perceber sua diversificação, precarização e informalização.

O que, segundo Souza (2021), veio ganhando força, principalmente agora devido aos reflexos trazidos pela pandemia, o que obriga os trabalhadores a se reinventarem em suas próprias vidas. Tendo como consequência o fato de que se prestigiem carreiras como as de saúde.

A palavra reinventar ganhou força na atual conjuntura pandêmica devido aos desafios trazidos: muitos trabalhadores começaram a vender produtos, trabalhar por aplicativos e se submeter a jornadas exaustivas de trabalho pautados na falsa flexibilização e a estudarem para mudarem suas vidas, sendo crucial atentar-se que são situações que: “Demandam atenção especial da ciência e de outras áreas sobre o percurso que irão trilhar daqui em diante” (SOUZA, 2021, p.12).

A desigualdade social ainda é um fenômeno que abala os diferentes estilos de vida brasileiro, enquanto uns tem muita concentração de renda, outros não possuem o mínimo para viver. Este é o processo histórico que se exacerbou nos últimos anos e que também chegam às instituições de Educação Superior, podemos ligar esses aspectos à grande demanda por vaga quando se trata da escolha por cursos da área da saúde.

Gurgel, Guimarães, Beatrice e Silva (2012) nos mostram que escolher a profissão é uma decisão que ainda sofre interferências pessoais e caminha pelas demandas sociodemográficas, perpassando fortemente pela influência familiar e condição social como condicionante para o ingresso e permanência.

Côrrea, Gonçalves, Oliveira, Silva e Ribeiro(2016) nos mostram que há a existência de uma diversidade na remuneração e empregabilidade, bem como uma maior autonomia profissional na carreira de Medicina, se comparada a outras áreas da saúde e que quando um aluno opta por ser médico ele sonha com aquilo que transforma: a educação como ferramenta de mudanças sociais e de encontro consigo mesmo em questões singulares, bem como meio de ascensão de sua condição social pelo status que a carreira proporciona.

Entretanto, ao chegar em sua sala de aula, já matriculado em seu curso, o futuro profissional da saúde se depara com diversas questões e percebe a questão didática como um auxílio em sua formação.

Em universidades públicas, por exemplo, existem questões burocráticas que acabam sendo grandes dificuldades para os discentes, entre elas: falta de estrutura, recursos e oportunidades de crescimento na instituição, distanciamento na relação professor-aluno e a inserção da modalidade de cursos a distância.

E, principalmente, após o enfrentamento da pandemia da Covid-19, essas necessidades se acentuaram, pois, segundo Castioni, Melo, Nascimento e Ramos (2021), é necessário que as universidades considerem o estudante ativo em seu próprio processo de aprendizagem, já que cada instituição se reinventou durante este cenário e obteve novas formas de repensarem seus cursos, metodologias e práticas.

Situações como essas alimentam sonhos e vontade de mudança nos discentes, que muitas vezes chegam fragmentadas em seus docentes, que não se encontram abertos às perspectivas de seus alunos e tão pouco à reflexão de sua didática. Considerando que muitos docentes dessas instituições vieram a se descobrir professores ao longo de suas carreiras, sem ter tempo para os embates e construções que a didática é capaz de oportunizar em suas salas de aula.

Adotando, segundo Santo e Luz (2013), práticas da didática em uma abordagem tradicional: voltada para memorização dos conteúdos, os quais são reproduzidos de forma criteriosa e rigorosa, aferidos pelo docente.

Biato (2021) nos traz uma crítica ao fato que nas cadeiras da universidade o aluno está pronto para acolher conceitos prontos, perspectivas dadas e isso pode refletir em sua prática profissional, gerando um afastamento evidente em pensar o novo e acolher o outro em sua particularidade, pois:

O contato com a saúde do outro, sua dor, as duras penas e os prazeres do acontecimento— também pela via da leitura parece oferecer, ao processo formativo na educação superior em saúde, o fundamento para a profissão que será exercida (BIATO, 2021, p.148).

Biato (2021) nos mostra a importância de uma didática percebida como o modo que um professor é capaz de tornar a aula um espaço de invenção, criação e eficiência na qual consiga atingir seus objetivos e ir além do esperado, refletindo em futuras boas práticas

profissionais e novas criações e aproximações com as temáticas em saúde, considerando que:

Ao preparar suas aulas, o professor escolhe como abordar determinado conteúdo e fala consigo mesmo por meio da voz que criou na própria mente. Em outras palavras, ao elaborar seu plano de ensino, o professor imagina e antecipa o outro a quem será dirigida a aula (BLUM, 2008, p.553).

Na Educação Superior nem todos os docentes possuem noção do quanto o tema é importante para suas aulas, posto que aquilo que tiveram contato e deu certo em sua época não precisa ser mudado.

Além de que muitas vezes não passaram por formações pedagógicas para o exercício da docência, contando apenas com especializações necessárias para a aplicação da matéria e não consideram os aspectos singulares desse outro (discente) que também estão intrínsecos no processo de aprendizagem e na relação professor-aluno, o que nos reforça Demo (2021):

Entre as ironias acadêmicas consta que mestres e doutores, que chegaram à titulação por conta da autoria, nunca da reprodução instrucionista, entrando em sala de aula, “apenas dão aula”, reproduzem conteúdos, mantendo os estudantes como bonecos passivos – estes copiam e fazem prova. Como regra, professores não se interessam pela autoria do estudante, cujo “produto” (um antiproduto) é a prova que muitos dizem não provar nada (DEMO, 2021, p.6).

Essa realidade tragada por Demo (2021) pode ser presenciada em todos os cursos, pois não possui interesse na autoria do estudante, mas sim nas habilidades que ele necessita desenvolver. No que se trata das áreas de saúde, estas exigem um profissional solitário, multidisciplinar e que saiba controlar suas emoções e sentimentos, o que reflete nas avaliações pensadas pelos docentes, que se distanciam desses processos de autoria.

Avaliações na universidade geralmente são provas e testes, e talvez pequenos seminários com colegas. Estas avaliações criam sensações, sentimentos e medos futuros, pois ao entrar no curso de saúde muitos possuem o sonho de ajudar e ter um bom salário, mas se deparam com a solidão discente e docente que se exacerbou com o cenário atual da COVID-19:

Embora questões de solidão e isolamento social possam frequentemente ser negligenciados, a pandemia do COVID-19 concentrou maior atenção nas questões sociais de isolamento e solidão para todas as idades (JANTARA; ABREU; JANTARA; PAULA; OLIVEIRA; PELZER, 2020, p.565).

Infelizmente, como trazem os autores, questões de solidão e isolamento foram negligenciadas, exacerbando a hierarquização no papel aluno/professor. Essa relação é

fundamental na universidade e precisa ser colocada em pauta, como na proposta de aulas com acontecimento criativo e autoral, como nos propõe Corazza (2019).

Corazza (2019) ao tratar sobre a aula, como espaço de criação e autoria, propõe que uma prática docente com essa perspectiva precisa ser vivenciada, ela é o hoje: a docência que encanta, que mesmo partindo de algo pronto ou constituído em sua fala o docente é capaz de ir ao encontro de algo novo, não se limita e estabelece novas criações juntamente com seus discentes.

Superando assim características e lacunas que exacerbam questões de isolamento e solidão, que se retratam em ações transformativas capazes de gerarem novas oportunidades diante do conteúdo estudado, pois a didática, como pontuam Santo e Luz (2013), é facilitadora e instiga novas ações inventivas.

Podemos afirmar que o docente universitário pode e deve utilizar a didática como elemento facilitador do processo de ensino aprendizagem desde que adote uma postura dialógica subsidiada por técnicas de ensino instigadoras e facilitadoras para a construção do conhecimento, em contraposição ao ensino incentivador da memorização e recheado de autoritarismo. Deveras, os docentes universitários têm à sua frente excelentes oportunidades para desenvolvimento de competências que lhes auxiliem neste desafio (SANTO; LUZ, 2013, p.70).

A presença do docente que tem contato com o futuro médico e futuro profissional da área da saúde é essencial no que se trata de sua abordagem e de práticas criativas de ser e se fazer profissional, onde surgirão demandas, problemas e emergências.

O futuro médico/profissional da área de saúde é o tempo todo bombardeado por suposições de como será, como se é e como se pode ser, reações de futuro e percepções singulares, cabendo ao professor universitário, como mostram Santo e Luz (2013), desenvolverem estes educandos em todas as dimensões.

Em muitas salas de aula não existem momentos para o diálogo entre professor-aluno e a oportunização de processos tradutórios, trazidos por Corazza (2019), o qual é um processo marcado pela crítica, autorreflexão docente e análise curricular nas perspectivas singulares, ou seja, a tradução docente se dá de acordo com o contexto, alunos, formas de ensinar, de sonhar e de vivenciar a aula.

O professor que alegoriza, segundo Corazza (2019), traz à vida concepções de saber de acordo com o momento vivido, o saber em jogo é objeto dinâmico e caminha com aquilo que é, sem mudanças e restrições totalitárias, aquilo que é tido como incompleto é

apenas o início de um novo processo tradutório, o qual o docente acaba estabelecendo uma relação de amor e ódio.

Dado que a docência, como traz Corazza (2019), é um trabalho complexo que exige adaptação psíquica, social e política, cada professor insere suas marcas à partir de quem é em sua singularidade, cada aula que dá insere seus próprios aspectos particulares e singulares, aproximando o sonho da realidade.

Corazza (2013) nos mostra que o professor pesquisador rompe com estigmas e concepções impostas pela sociedade, ele questiona, traz para perto e busca associar o entendimento de algo que pode ser repensado, posto em análise e reinventado. Acompanha a realidade e é um professor do seu tempo, tempo este feito pelas interações reais guiadas pelos verbos: questionar, problematizar, repensar, diagnosticar e ressignificar, que acabam sendo essenciais para as futuras práticas médicas, como o ato da escuta, boa resolução de problemas, o pensar em soluções, lidar com emoções.

Ao resolverem ser um professor-pesquisador, na perspectiva de Corazza (2013), estes docentes rompem com aspectos tradicionais que perpassam o ensino, ou seja, são capazes de captarem guias, profilaxias, manuais apenas como ponto de partida e não como o fim de suas práticas.

É certo que existem muitos documentos, guias, aulas prontas e manuais a serem seguidos, o veículo de informações atualmente é instantâneo, todos nós somos bombardeados por informações o tempo todo, o que nos deixa vulneráveis às diversas distorções que podem estar acompanhando essas notícias.

A falta de tempo, a opção pelo prático e fácil é sempre encontrada, o que afasta dos docentes a capacidade de pensar e refletir criticamente e de repensarem aquilo que estão a passar para os futuros profissionais da saúde do Brasil, que em breve carregarão consigo uma grande responsabilidade pessoal, social e coletiva, sendo necessárias: “Ações direcionadas, que possibilitem a motivação extrínseca dos estudantes da saúde, exigem o conhecimento do perfil dos que ingressam na Universidade, suas expectativas em relação ao curso e perspectivas após a graduação” (GURGEL; GUIMARÃES; BEATRICE; SILVA, 2012, p.181).

Didáticas são pensadas por aqueles que recebem o currículo não como um documento pronto a ser seguido à risca, como já sabemos que é, mas como algo que o

auxilia a se inserir em um processo tradutório e transformativo, como traz Corazza (2019), partindo de sonhos didáticos e uma poética curricular.

Ou seja, o uso do currículo é algo presente e necessário, não o ponto de chegada, mas sim o de partida para uma poética docente, onde se pensa naquilo que está ali e seu uso como ponto de partida para as diversas possibilidades que virão de encontro com aquilo que acontece.

Pois, a aula é um acontecimento, marcada ou não por transformações possíveis e pelo encontro entre conhecimento e encantamento, como Corazza (2013) relata, que pode ser protagonizado pelo docente e pelo aluno. Ele espera, cria expectativa e desperta sentimentos, já que o docente tem a oportunidade de se reinventar e aprender com seus alunos, suas pesquisas e consigo mesmo.

Visto que é na instituição onde expectativas são geradas, sensações são construídas e significações de toda a vida permanecem e refletem no futuro profissional, por isso é certo dizer que um bom professor nasce de uma construção coletiva que envolve alunos, sociedade, e ele mesmo como parte importante de uma sociedade emancipadora e transformadora.

Quando o docente se percebe no papel de criador juntamente com seus alunos, como traz Corazza (2019), esse caminho é um grande ponto de partida, sem previsão de término, sempre irá compor o início de uma criação autoral que irá se refletir futuramente, sendo todos responsáveis pela composição dessa grande obra.

O título deste tópico diz muito sobre o docente e o discente que percorre o caminho escolhido em tornar-se profissional da área da saúde: caminhei e cheguei, mas não parei, me movimento, me percebo, sou autor e compositor, juntamente com todos os processos que me trouxeram até onde estou, onde me encontro não devo permanecer, mas me repensar como sou, em minha condição, não penso sozinho, penso com todos os aspectos criativos, perspectivas e sentidos que nutrem minhas vivências.

3. INVESTIGAÇÃO OTOBIOGRÁFICA

A escolha de um método de pesquisa é totalmente dependente do que vai ser examinado, porque um estudo pode adquirir questões que tragam o uso de mais de um desdobramento deste mesmo método, além de existir uma coerência entre a abordagem teórica usada e o método de pesquisa utilizado.

Bem como aqueles que participam devem se sentir provocados a querer participar, criar sensações e percepções para que uma boa qualidade de estudo contínuo e aberto possa se iniciar.

A pesquisa tem como embasamento o método de pesquisa qualitativa com extensão otobiográfica, vale lembrar que a pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), contempla a chegada para além daquilo que foi pré-planejado, ou seja, considera ações, reações, percepções e sentimentos que podem ser vinculados ao longo do processo.

Além de que essas pesquisas, segundo Bogdan e Biklen (1994), perpassam o objeto de estudo em seus aspectos reais e valorativos, e convidam os participantes a se sentirem partes fundamentais no processo de construção e os instiga a pensar, problematizar e se expressar livremente.

Monteiro e Biato (2008) situam o método como caminho do conhecimento, uma criação que não pode ser confundida com uma descoberta, na qual não se pode considerar neutro o pesquisador já que possui intenções diante do objeto de estudo, despertando também o olhar amplo por trás dos vários percursos que o desenvolver da investigação pode percorrer.

Meyer e Paraíso (2012) com suas contribuições acerca da metodologia, nos mostram a importância deste processo constar de características não apegadas a formas tradicionais metodológicas, mas de aspectos que visam a ser criativos e autorais, principalmente no que diz respeito à pesquisas em educação.

Cabendo ao pesquisador fazer com que sua impressão singular se manifeste em todo o andamento de sua pesquisa, estando atento a todos os percursos inventivos e reconhecendo assim sua capacidade criativa e de ressignificar pensamentos e situações que muitas vezes desconhece.

Situam assim, Meyer e Paraíso (2012), a pesquisa como uma arte com suas diferentes manifestações, ampliações, interpretações e perspectivas, apropriando a pesquisa como um barco em movimento, no qual o pesquisador cria modos próprios de pesquisar, governando assim seu próprio barco, em diferentes direções, com caminhos de ida que permeiam as novas abordagens que podem ser facilmente vivenciadas.

Ao situarem a metáfora do barco em movimento, Meyer e Paraíso (2012), mostram uma perspectiva de acolhimento e pertencimento, no sentido de que dentro deste grande barco existem peculiaridades que lhe são próprias, bem como um alcance não definido, no sentido de que uma nova rota seja uma nova possibilidade diante dos caminhos já definidos anteriormente.

Gamboa (2014) traz a preocupação com a investigação em educação em seu método, caminhos e resultados, trazendo principalmente a importância de uma reflexão filosófica acerca do objeto em estudo. Quando se trata da relação existente entre a teoria e o método, aborda a necessidade do conhecimento de teorias filosóficas que embasam o objeto a ser tratado. O pesquisador não deve se apegar somente a uma teoria X ou Y, mas conseguir pensar para além daquela teoria, principalmente no que se trata da escolha de um método.

Gamboa (2014) mostra a importância de se considerar perspectivas, que surgiram na escolha de um caminho, a percorrer dentro de uma pesquisa, e de como com o passar do tempo pode-se aproximar o pesquisador e o pesquisado.

Assim, partindo de uma reflexão real e concreta, em virtude de conhecer o objeto real e com ele interagir, já que questões teóricas e filosóficas embasam sua prática e permitem ir além: “O método qualitativo funciona como caminho de produção de conhecimento a ser traçado com fundamentos teóricos consistentes, com postura crítica frente ao objeto de estudo e, simultaneamente, com sensibilidade ao que este dá a pensar” (CORAZZA; NODARI; BIATO, 2019, p.368).

Demo (2021) nos traz que a pesquisa qualitativa sempre foi mal vista, mas que a sua intenção é a melhor: aprofundar o tema, explicar radicalmente aquilo que pode vir acompanhado ao tema. O qual o pesquisador não espera, desvela e se surpreende no processo, é um analista da realidade e é sensível ao que lhe escapa.

O modo de pesquisa escolhido para a análise dos dados se chama Otobiografia e é um tipo de pesquisa da modalidade qualitativa, recriada por Monteiro (2004) em sua tese de doutorado intitulada: “Quando a Pedagogia forma professores: uma investigação otobiográfica”, trazendo um importante papel do pesquisador.

Este tipo metodológico tem como embasamento teórico as considerações de Derrida, autor que traz a criação do conceito Otobiografia a partir da leitura que faz Nietzsche acerca da escuta e das vivências.

Segundo Corazza, Nodari e Biato (2019), o pesquisador é capaz de escutar dos textos, através de suas vivências, aquilo que já tem ouvido. A observação de acontecimentos rumo à experimentação da multiplicidade de sentidos e perspectivas que podem ser encontradas, tornando o conhecer uma possibilidade criativa e não de descoberta.

Otobiografia significa ouvir a biografia. Ouvir a história da vida de uma pessoa, neste contexto, não é mera captação acústica, mas busca de significados nos textos autobiográficos. Para ouvir as vivências, o ouvinte não pode ser passivo, sem intencionalidade. Antes, deve procurar a vida que pulsa nos textos e, principalmente, como enfatiza Monteiro (2004, p. 73), “captar melhor o que quer essa vida ouvida” [grifo nosso] (SANTANA; MONTEIRO; SOUZA, 2012, p.82).

Daí a importância de o pesquisador saber que existem práticas singulares e vivências por trás, sendo capaz de construir um diferencial de acordo com aquilo que é, faz e acredita, tudo vira uma fusão. Bem como a importância de um enfoque que atenda aspectos filosóficos que vão ao encontro do conhecimento.

Não existindo caminho absoluto e único para se chegar, mas a riqueza de vários pontos de vista e perspectivas sobre o objeto em estudo: “O que está posto em questão é a vivência do processo e o conhecimento adquirido com ele, muito mais do que o estabelecimento de uma resposta” (MONTEIRO; BIATO, 2008, p.266).

Com uma análise cuidadosa, para que não nos apeguemos em aspectos prontos, acabados e limitantes que perpassam a temática, mas que sejam também vistos sob a ótica de Nietzsche (2004), acerca das vivências, e de Derrida (2009), sobre a otobiografia. Pois a escuta aqui desprende-se da escuta normal, é a busca de significados e relações de sentidos nos textos autobiográficos com o fenômeno a ser analisado.

Nietzsche (2012), e Derrida (2005), operam com o binômio ouvido-labirinto. Por ser procedimento, escutar requer trilhas em rodeios, circunlóquios, dilemas, dispersões, encontros, surpresas; sua dynamis não explora apenas linearidades sem relevos, em trajetos aterrados: esse traçado é tortuoso, porém, audível, assim como o labirinto membranoso (MONTEIRO,2020, p.557).

O escrever é um ato de escuta de vivências, Biato e Nodari (2020), ao discutirem o método otobiográfico nos mostram que as escrituras refletem o biográfico que se inscreve no biológico, ambos se complementam e dizem sobre o indivíduo em questão.

O ato de escutar parte da sensibilidade de que vivências podem estar nos escritos e que durante muito tempo não se deu importância para estudos que tornem a vida uma matéria, pois: “A pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles” (AUGUSTO et al, 2013 p.748).

A biografia como produção escrita deve ser analisada com cuidado, porque todos temos uma história para contar, um modo de ver uma situação e de percebê-la, somos atores sociais em nosso meio e protagonistas de nossas histórias, como nos traz Augusto et al (2013). Essas perspectivas devem ser consideradas, sendo indispensável dizer para a humanidade quem se é pela força de sua escritura, uma vez que existem julgamentos acerca da própria vida pelo indivíduo e pelos outros.

Almeida (2016) reflete que todos trazem a marca do ser gente: todos pensam, riem, choram, sabem sobre algo e sentem o que acontece em uma multiplicidade de emoções, porque dentro de cada indivíduo existem experiências que são adquiridas e refletidas em sua história, que convivem com o inesperado e com sentimentos que pulsam a todo instante.

O modo como uma pessoa fala sobre sua vida e si mesma, é um objeto riquíssimo a ser considerado quando se trata de um percurso a ser trilhado que conta com expectativas, sentimentos e anseios, e o que será explorado é o modo como o texto, espontaneamente, deixa rastros da vivência daquele que o escreve, como traz Biato e Nodari (2020).

3.1 ENTENDENDO A OTOBIOGRAFIA: FRAGMENTOS SENSÍVEIS

A aplicação do método otobiográfico parte da consideração de que deve-se buscar ir além do que só ter um tema e resolver falar sobre ele, envolve atores sociais e a própria consciência singular do pesquisador, que ao escolher um tema deverá problematizar e convidar seu participante a se sentir provocado a escrever, situá-lo e buscar alternativas.

Não se prendendo ao encontro de soluções prontas e acabadas para seu objeto de estudo, mas tendo a compreensão de que cada parte de seu estudo é um percurso embasado em suas vivências e na do outro em contato relacional.

Jacques Derrida possui uma obra intitulada *Otobiografias* (2009), a qual consta o registro de uma conferência na Universidade de Virgínia, cujo objetivo era a celebração da Declaração dos Direitos Humanos. Onde contemplava Direitos Humanos de primeira e segunda geração em seus 200 anos e comemorava a Independência Americana.

Em sua obra, Derrida (2009) nos traz que escritos podem e devem ser escutados em suas intenções e ações mesmo que sejam modificados em um decorrer de tempo, e sempre serão um excelente objeto de escuta que vincula vivências daqueles que os pensam, escrevem e estão com sua posse.

Mesmo que perpassem tempos e momentos distintos, esses escritos se unem ao que Derrida (2009) traz como liberdade acadêmica, que aproxima e convida o pensar a vida, uma prática filosófica de construção do conhecimento, como uma assinatura.

Se alguém conta sua história, ele pode ser o único ou apenas o primeiro destinatário de sua própria narração, vista com seu eu predominante, e a partir de suas origens, memórias, momentos e passagens. Já que uma coisa é o que se é, e outra são seus escritos que são compreendidos de formas diferentes e de acordo com a lente escolhida.

Neste sentido, para que possamos explicar a proposta metodológica é necessário voltarmos à nossa percepção de vivências. Segundo Nietzsche (2004), nossas vivências são aquilo que mais colocamos no que encontramos. Ou seja, é uma possibilidade de invenção, de criação, de acordo com aquilo que estamos lidando, momento ou situação em jogo, e pode explicar como alguém se torna o que é: “[...]pois o vivente também escapa, em percurso nunca acabado de tornar-se” (BIATO,2017, p.154).

A história faz parte de toda nossa singularidade, relacionar como se vive hoje e como se pensava há um tempo atrás. Portanto, se dinamiza na complexidade societária que vivemos e deixa pegadas, que não necessariamente nos acompanham ao longo do caminho, mas toda produção carrega vivências.

Almeida (2015) mostra que existem formas de interiorização da imagem negativa de si mesmo, às vezes fazendo com que este indivíduo acabe rompendo com possibilidades de caminhos para seu próprio projeto de vida, e pode estar permeado por atos culturais e sociais.

Uma pessoa não escolhe as vivências que vão lhe acontecer, essas vivências acontecem sem pretextos, escolhas programadas e com reflexos, a partir delas, que não podem ser programados ou previstos.

Muitas dessas vivências podem ser marcantes, como a reprovação, e partem de uma experiência cujo tornar-se é presenciado em um percurso inacabado. Uma vez que o educando se encontra em um movimento de tornar-se, que envolve também as repercussões do fenômeno e se estendem além do momento vivenciado. Assim, podendo inferir em uma busca de: “[...]vínculos afetivos que lhe confira um lugar de pertencimento ao tecido social” (ALMEIDA, 2015, p.24).

Ao ouvir as vivências daqueles que podem ter passado repetidas vezes pelo fenômeno pretende-se ouvir a biografia pautada nas vivências. Assim, através da escuta de alunos do Ensino Superior de cursos da área da saúde, que em algum momento desejaram ingressar no curso de Medicina, que percorreram trajetórias singulares em seu processo de escolha profissional.

Evans (1996) nos mostra que:

O jovem, ao ingressar no mercado de trabalho, deveria procurar a sua escada e, ao encontrá-la, deveria ir subindo cada degrau, assumindo níveis mais altos de responsabilidade, de status ou de salário. Apesar desta noção tender a persistir no futuro, é importante abordar outras formas de pensar sobre carreira e seu desenvolvimento; formas que, na verdade, fazem muito mais sentido numa organização mais plana (EVANS, 1996, p.16).

Podendo estar no perfil destes estudantes o contato com a reprovação antes mesmo da entrada no curso atual em seu processo de ingresso. Ocorrem também situações onde muitos estudantes desistem de ingressar em instituições de ensino devido a quantidade exorbitante de reprovações que passaram anteriormente e outros que optam pelo ingresso

em outras áreas dentro da carreira de saúde ou migram para outras áreas como educação e exatas, o que Evans (1996) classifica como carreiras zigzagues.

Essas carreiras, que são inicialmente percorridas e escolhidas, passam por uma espiral e não por uma escada, ou seja, uma carreira em espiral atende as necessidades da atualidade e contempla profissionais generalistas. Evans (1996) traz que as pessoas não se veem apenas com uma carreira, mas com várias durante o curso de suas vidas.

Então, para Nietzsche, depois que digere suas vivências e se torna o que é, a pessoa é capaz de sentar-se e escrever. Sendo assim, quando alguém elabora, fala, narra, descreve, ela está descrevendo aquilo que já superou e, como já foi vivido, é a oportunidade de atribuir novos significados àquilo (SANTANA; MONTEIRO; SOUZA, 2012, p.86).

Escutar as vivências desses alunos parte do pressuposto de que juntos podemos instigar, convidar, questionar, tomar, analisar, pensar, criar e recriar perspectivas sobre o fenômeno, ampliando o entendimento do perfil dos alunos que ingressam em cursos da área de saúde.

Considerando suas perspectivas e trajetórias e a presença do fenômeno da reprovação em suas relações consigo mesmo e com o outro, sendo capazes a partir da leitura e escrita a identificarem seu desenvolvimento particular e a compartilhar suas experiências: “E será essa interrogação a nortear o caminho da pessoa, indicando o ponto onde ela pode experimentar a completude: na origem mesma do eu” (PACHECO, 2017, p.188).

Como são alunos que já tiveram contato com o fenômeno anteriormente e alcançaram com êxito o curso, muito já se foi digerido na caminhada formativa. Como também, um aumento significativo de vivências ainda poderão ser percebidas no que se trata das percepções acerca do fenômeno e dos acontecimentos que o marcam.

Biato e Nodari (2020) nos mostram a importância da vontade de escrever para o percurso da pesquisa, visto que é um ato valorativo, fundamental e relevante no que se trata de métodos de investigação. O leitor confere ao texto possibilidades inventivas e este texto sempre estará marcado de oportunidades, e também da necessidade do escritor em assinar aquilo que escreveu, produziu e afirmar o que disse, já que escreve o seu tornar-se o que é. A fim de que os dados se constituam no decorrer do processo de escrita e leitura, sendo possível a associação do viver e do inventar uma procura, uma criação, não uma descoberta.

Ao optar pela otobiografia, promovemos o desenvolvimento do método que se deu por meio de produções textuais desses estudantes que obtiveram êxito em seu ingresso no curso atual, e que em algum momento tentaram ingressar no curso de Medicina.

Biato e Nodari (2020) trazem que o método otobiográfico permeia percepções que englobam o biológico e o biográfico, criando espaço para uma abertura ao inesperado, e tornando o conhecimento uma criação que provoca o pensamento e produz sentidos inéditos na ótica de que esses dados vão se constituindo no decorrer da pesquisa.

Otobiografia se configura, portanto, como uma escuta de biografias. Das vivências que tracejam as narrativas, das forças que as movimentam, as criações que levam cada relato a uma assinatura pessoal. Trata-se de tomar, em mãos, a obra grafada e percorrê-la como um labirinto, aguçando os ouvidos aos traços do vivido (ROTA; BIATO; MACEDO; MORAES, 2021 p.4177).

O ouvido do outro contra-assina toda escritura autobiográfica ou não, segundo Rota, Biato, Macedo e Moraes (2021). Escritura esta, que sempre traz um “eu” que não possui uma identidade presente em si, porquanto esse “eu” só existe em uma relação de alteridade: “É o “eu” que se inscreve e que existe em qualquer escritura; um “eu” que necessita de escuta e que espera um “sim” enquanto gesto de aceitação, pois só é “desvendado” pelo ouvido do outro” (SILVA; FERREIRA, 2015, p.172).

Segundo Silva e Ferreira (2015), o gesto da escrita autobiográfica segundo Derrida é um gesto de escuta desta vida, mas que não pode e não deve ser confundido com a vida propriamente dita. Esta vida pode ser contada de diferentes maneiras, falar de si sempre irá envolver uma auto escuta.

As produções escritas constam de aspectos daquilo que experimentaram e vivenciaram em seus espaços e narrativas, em um espaço de aproximação importante e acolhedor. O objetivo principal foi a escuta dos escritos a partir das vivências, marcadas de impressões singulares diante deste percurso de ingresso, que lhes são próprios.

Segundo Nietzsche (2004), alguém se torna o que é quando expressa vivências e potencializa seus pensamentos acerca de si e daquilo que lhe acontece. Ao longo dessa produção textual muitas sensações e emoções surgiram, misturando vida e obra em uma confissão, feita pelo próprio autor.

Entrar no mundo do outro só nos é permitido quando podemos usar nossos ouvidos, ouvir o que se tem a dizer é um trabalho complexo, mas que possui uma riqueza inigualável. O uso do termo Otobiografia por Monteiro (2004) é um:

[...] gesto de pesquisa em educação, a partir da leitura de dossiês produzidos por formandas de Pedagogia. Firma a função do pesquisador, que escuta aguçadamente os textos, aquilo para o que já tem ouvidos, através de suas próprias vivências (BIATO; NODARI, 2020, p. 286).

Segundo Monteiro (2020), ao se escutar as vivências temos que ter em mente que é um ato autobiográfico, visto que podem aparecer confissões, sendo as vivências uma compreensão sobre si. Já as otobiografias um procedimento metodológico a ser construído e atentamente analisado, não podendo ser confundida com análise psicológica, bem como a relação entre o autor e o texto são íntimas.

A investigação otobiográfica, segundo Monteiro (2020), afasta caminhos comuns de pesquisa, adota a provocação ao pensamento como processo indispensável para a consideração de suas vivências e como se trata da vida contada.

A escuta é processo indispensável, além do esperado, e que provoca novos sentidos, assim como as próprias vivências daquele que pesquisa, que também contribuem para essas novas lentes. Posto que autor e obra não podem existir sozinhos, sendo sua leitura ativa e criativa: “Como o direito de dizer tudo que não chega a se apagar, ela porta um testemunho singular e universalizável do acontecimento que ela arquiva no seu texto” (NETO, 2014, p.138).

Quando o momento inicial é bem explicado, o participante se sente acolhido e entende claramente o processo com o qual está lidando, tudo flui de uma maneira mais espontânea. Por isso, é necessário que o pesquisador proporcione esse momento de uma maneira natural, que seja um convite à escrita, livre e sem imposições, tendo em mente o objetivo principal a ser estudado, estando aberto a outras questões que podem vir a aparecer, o que Neves (1996) reforça: “O que importa, nesses estudos, não é a forma em que os dados se revestem, mas, sim, o seu sentido” (NEVES, 1996, p.3).

Segundo Monteiro (2020), a investigação otobiográfica não tem por si só um caminho garantido, os caminhos rastreiam seus registros através da escuta e os conceitos apresentados são possibilidades imaginativas e reais em andamentos potenciais, nesse tipo de pesquisa o nome e a assinatura ocupam lugar conceitual, sendo importante a análise:

“[...] com a questão “o que quer” uma obra, uma autobiografia, uma vivência, um texto. Se pôr à escuta desse logos, de um logo-tipo, de um ritmo que se faz em movimento de “tornar-se o que se é” (MONTEIRO,2020, p.565).

Ao serem interpretadas, as produções textuais seguirão três leis de leitura pelo pesquisador, pautadas no processo de escuta exigido pela investigação otobiográfica, trazidas por Monteiro (2020).

A autonomia parte da noção crítica do pesquisador de criar para si mesmo uma abordagem que é própria, sua lei de leitura e escritura, posto que quando coloca a si, isso pode gerar um estilo perceptível, uma autobiografia, dado que:

A escrituração deste protocolo registrará três leis de leitura, três leis de interpretação, três códigos labirínticos de escuta: a autonomia – da crítica (uma escritura de si mesmo); a heteronomia – do estado (uma escritura do estado); a economia – do signo (uma escritura dos signos) (MONTEIRO, 2020, p.570).

Segundo Monteiro (2020), a heteronomia trata-se daquilo que o Estado limita seus indivíduos, porque ele também fala por si, impõe obrigações e é presente na vida social como meio regulador de controle. Além de que o Estado se empenha em tornar todos iguais, como nos traz a Constituição Federal do Brasil de 1988 . Mas a percepção é que a diferença não nos torna iguais, mas configura processos de constituição de nossas individualidades.

A economia dos signos, de acordo com Monteiro (2020), parte de uma abordagem desconstrutiva, uma vez que a escritura é algo sem caminho definido, e afetos podem estar presentes na interpretação das vivências do texto.

Derrida aborda a própria consignação de afetos ofertadas pelo sentido interpretativo do escrito, em substituição a uma tarefa assumida na escritura, como método afirmativo nas vivências do próprio texto: as individuações de um texto o colocam, sempre, como autobiográfico, por meio da urgência de uma investigação otobiográfica (MONTEIRO, 2020, p.571).

Monteiro (2020) ao analisar as contribuições de Derrida para o desenvolvimento de sua metodologia, nos mostra que afetos podem se manifestar nos escritos. Parte da ideia da emancipação da escritura, que se trata do pensar a escritura a partir da abertura de procura por aquilo que se diferencia em um escrito, considerando que uma coisa é o que se é, e outra os escritos.

Pois, a escrita é dinâmica e nem sempre precisa da necessidade da fala, sozinha pode dizer sobre vários assuntos e perspectivas, trazendo consigo um resgate memorial e diversas outras questões vivenciadas e experimentadas pelo autor, que complementam o

sentido do texto. Focadas pela lente de quem se aproxima, apreendendo percepções que podem dizer sobre angústias, inseguranças, desejos, relações de confiança, opiniões e cultura, como traz Fassini, Machado, Schultz (2013).

O sentido interpretativo não se trata de atribuir as mesmas vivências, os mesmos significados, mas sim de que não existe um significado propriamente dito para cada uma. Bem como, não podemos nos concentrar apenas em aspectos que se repetem e se igualam, mas sim aspectos que levam em conta a relação estabelecida e o contato, algo que não pode ser decidido sem a reflexão e o convite à própria escritura: “Ademais, leitura e escrita são mediadas por um tipo particular de relação que se estabelece entre pessoas, entre pessoas e objetos, entre pessoas e o próprio mundo em que vivem” (ZONTA; ZANELLA, 2021, p.2).

Quando falamos de formar uma imagem sobre aquele que fala e se mostra não procuramos por esta imagem, mas sim pela desconformidade, por aquilo que é particular e próprio. As peculiaridades que não se apresentam em um mesmo escrito, falamos de um processo voltado à aparência, algo que pode vir a ser ou acreditamos que seja, mas que só pertence ao autor, não se perde no processo e nem no repensar.

Este escrito é particular e próprio do indivíduo com a escritura, o pesquisador ao fazer sua escuta envolve seus sentidos, observando que neste método de pesquisa não se busca os fatos, mas a escuta atenta das vivências:

Trata-se, portanto, de desdobrar palavras sobre palavras; palavras cujas existências decerto não almejam ser escrutinadoras daquelas das quais devêm, mas, no limite, insistir por algum tempo no mundo a fim de se metamorfosearem em outras tantas (AQUINO, 2011, p.648).

Parece necessário neste contexto repensar para que novas concepções sejam validadas, ou seja, desdobramentos que surgem em palavras, percepções singulares. Sendo a singularidade o caráter de ser o que se é de acordo com o que veio, e de como se lidou com as impressões individuais, marcas e expressões que se materializam em ações e se diferenciam de outros indivíduos.

Mas assim como as pessoas expressam seus pontos de vista falando, elas também escrevem para fazer relatórios, para planejar, jogar ou se divertir, para estabelecer normas e regras, e para discutir sobre temas controvertidos. Deste modo, os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam (BAUER; GASKELL, 2008, p.183).

Ao se considerar o trabalho com produções textuais do educando, o autobiográfico se manifesta, se trata de uma marca que é criada, seja no contato histórico, social ou individual. Ao abrir o leque de possibilidades de nossos laços interpretativos, podemos nos perceber como indivíduos compostos de múltiplas interpretações e singularidades: “Todo texto é vida-para-a-morte, narrar a própria vida é impossível, ou improvável. Se uma vida não poderia ser plenamente escrita, nenhum texto pode ser considerado pleno, pois a todo texto é necessário escutar suas vivências” (MONTEIRO,2020, p.571).

Monteiro (2020) nos mostra que o caráter da escolha do método otobiográfico parte principalmente de o pesquisador encontrar não a plenitude da escritura, mas uma escuta atenta aos novos processos de individuação que podem surgir. Assim como aos novos conceitos, aproximações, perspectivas e práticas que poderão aparecer e assim estabelecer contatos de recriação e ressignificação, para que saia dos padrões já estabelecidos de pesquisa e repense novas maneiras de pensar o objeto de estudo.

Vivências são notáveis e não devem ser invisibilizadas, pois existe um caráter único e singular, que faz com que cada um se torne o que é em um percurso e trajetória inacabadas, inclusive o fenômeno a ser estudado. Visto que:

Nós somos bastante numerosos, cada um interpreta, prevê, antecipa, é sobrecarregado, surpreso face ao que se pode chamar de acontecimentos. Além da significação que cada um de nós pode ler aí, e mesmo enunciar, há um sintoma. Mesmo o efeito de verdade ou a pesquisa da verdade é da ordem do sintoma. A propósito desses sintomas, pode haver análises (DERRIDA,2012, p.19).

Ao optar pela análise de produções textuais, consideramos o que Minayo, Deslandes e Gomes (2002) abordam, que as indagações e inquietações nos fazem construir nossa pesquisa e a difundir conhecimento.

Quando consideramos a existência do desconhecido, o sentido dessa novidade e o confronto com o que é estranho, aproxima-se aquilo que se quer conhecer e a obtenção de resultados. Com isso, a necessidade de uma produção que contemple a interação entre aqueles que participem, para que não se torne um trabalho com um fim em si mesmo, mas o início de considerações e percepções que poderão ser levadas à discussão e a (re) transformações valorativas.

Em razão de tudo estar interligado e fazer parte de um processo, composto de variadas formas de percepção para o alcance dos resultados de forma positiva, e para que

consigamos fazer com que esse educando não se sinta pequeno em sua contribuição, mas parte relevante, instigado, criativo e reflexivo, principalmente no que se trata dos estudos da temática reprovação. Visto que, ao se olhar para aspectos singulares e qualitativos, aperfeçoamos a nossa complexidade diante de outras situações que podem perpassar o objeto de estudo.

Essa investigação visa não separar o autor da sua obra e, assim, leva em consideração as experiências de vida do autor que deixaram marcas, que geram concepções, que desenvolvem crenças, que levam à tomada de atitudes, à realização de opções, enfim, a todas as transformações pelas quais o autor passa no decorrer da sua trajetória de vida e que o tornou o que é. Sendo assim, o autor se materializa no texto; o texto é ele (JUNIO; MORAES; MONTEIRO, 2011, p.156).

Toda produção tem a marca daquele que a escreve, em uma investigação otobiográfica não se procura ações que se repetem, noções que se igualam, mas marcas que diferenciam o autor em sua escrita, abertura e convite. Ela busca situar construções de pensamento que aparecem nas diferentes autorias, valoriza o singular, o particular, o potencial, o inerente de cada um.

3.2 APLICAÇÃO METODOLÓGICA

Como pretensão inicial para a validação de instrumento de pesquisa, foi aplicado na forma de estudo piloto a aplicação para professores da área da educação e saúde da universidade de Brasília (UnB), para avaliar a qualidade do formulário que foi respondido pelos estudantes de graduação.

As questões dos estudantes eram visíveis apenas para a avaliação, onde se apresentou dois espaços que contemplavam críticas, sugestões e opiniões combinados em quatro perguntas que eram obrigatórias apenas para os docentes responderem.

As perguntas contemplavam indagações como: a pertinência das questões, se os vídeos selecionados provocavam o pensamento do educando que iria responder, se os questionamentos estavam claros e profundos, bem como sugestões para o caminho metodológico do que poderia ser mudado ou melhorado.

O fazer pesquisa, se conecta com determinadas possibilidades de elaborar perguntas e objetos de pesquisa, planejar a investigação, movimentar-se no processo de sua implementação, operar sobre o material empírico que nele produzimos e compor o texto que resulta da análise que dele fazemos (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.49).

A participação dos docentes foi positiva, dos 10 docentes, dos quais foram enviados o formulário, 6 participaram de forma integral e se disponibilizaram a responder. Alguns apresentaram um medo desconhecido acerca do método, o que é justificável pois muitos se ambientaram ao uso dos métodos qualitativo e quantitativo, sem se apropriar das diversas abordagens que cada um apresenta.

Minayo e Sanches (1993) em suas contribuições acerca das abordagens de pesquisa relatam que o pesquisador tem que estar aberto ao entendimento de que não existe uma abordagem de pesquisa perfeita:

Esta observação torna-se necessária para rebater a tese de vários estudiosos que, do ponto de vista científico, colocam, numa escala, a abordagem quantitativa como sendo a mais perfeita, classificando estudos qualitativos apenas como "subjetivismo", "impressões" ou, no máximo, "atividades exploratórias" (MINAYO; SANCHES, 1993, p.247).

Foram apresentadas contribuições pelos docentes acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como forma de deixar clara as intenções deste estudo. Assim como elogios acerca da dinamicidade do formulário e de seu tamanho, já que ao situarmos a contemporaneidade que vivemos fica nítido que o tempo todo estamos em contato com as telas.

Ao serem perguntados sobre as questões, todos os docentes disseram que estavam claras, profundas e pertinentes, como também o vídeo escolhido atendia a provocação do pensamento, cujo objetivo é o convite à escritura.

Silva e Silva (2017) abordam a dinamicidade da tecnologia no que se trata de facilitar o dia a dia de quem a utiliza e como ela pode ser pensada como uma forma de descomplicar limitações existentes, pois o mercado de trabalho e as relações sociais estão cada dia mais inseridos por demandas tecnológicas e digitais.

A investigação otobiográfica, foi por meio da produção textual, que foi dividida em 5 tópicos e realizada em um formulário digital devido ao contexto pandêmico que estamos enfrentando.

A divulgação do formulário se deu por meio das mídias sociais, em especial pelo Instagram e WhatsApp. Sendo aberto assim, um convite à escritura com um card feito por um estudante de Engenharia de Software da Universidade de Brasília, que, com seu conhecimento em design web, foi compartilhado pelas redes sociais e conseguiu a alcançabilidade desejada para atender os propósitos da pesquisa.

Vale lembrar que todos os tópicos e elementos foram um convite à escritura, foram utilizados trechos de músicas, vídeos e elementos mais livres, tratando-se de uma forma de pesquisar que se difere de outras que apresentam métodos com perguntas e respostas enraizados, e que não abrem para novas percepções, considerando que muitos:

[...] pesquisadores sociais têm a tendência de subestimar matérias textuais como dados. Os métodos de pesquisa passam por ciclos de moda e esquecimento, mas a Word Wide Web(www) e os arquivos on-line para jornais, programas de rádio e televisão, criaram uma grande oportunidade para os dados em forma de textos (BAUER; GASKELL, 2008, p.190).

Primeiramente, foi dada uma breve introdução sobre o formulário, como também foi disponibilizado meu contato e de minha orientadora para eventuais dúvidas e informações que envolvam o formulário, em virtude de ser um modelo aberto que pode gerar indagações e reflexões profundas para além do que é proposto.

Em seguida foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), explicando que a pesquisa tem como objetivo convidar a falar um pouco sobre a reprovação e seus efeitos em seu ingresso no curso atual: suas perspectivas, percepções e experiências.

Luna (2008) aborda que o TCLE é muito importante na pesquisa, sendo uma condição necessária, mas não suficiente por si só, pois em sua visão além de ter a autorização destes para o uso de suas informações, é necessário que se trate esses indivíduos da pesquisa com o respeito que merecem.

Foi explicado também que ao longo do formulário serão oportunizados elementos interativos e dinâmicos, bem como o estilo das questões que foram todas abertas, cabendo também a opção de retirar a concordância do participante a qualquer momento.

Foi questionado se o estudante já foi reprovado em algum processo seletivo para o curso de graduação em Medicina, já que como relatado anteriormente o objetivo da pesquisa é captar vivências de educandos que tentaram ingressar no Curso de Medicina, mas que optaram pela escolha de outras áreas dentro da saúde.

Sendo este questionamento critério de exclusão, já que aqueles que responderam não, foram direcionados ao envio do formulário, encerrando sua participação. E aqueles que responderam sim, obtiveram o acesso ao andamento do questionário.

Como forma de sabermos mais sobre o nosso participante foi indagado acerca de seu curso atual e a sua idade.

A opção está por alunos de vários semestres da área da saúde, juntando percepções acerca do fenômeno em análise, o que tornou as percepções singulares em amostras de resultados valorosas e significativas que perpassaram a fronteira da temática.

A primeira produção foi acerca de quem é o aluno para ele mesmo, pela força de sua escritura, uma apresentação pequena e sintética de quem ele é, suas percepções principais acerca de si mesmo, propostas através de uma imagem de Pedro Salomão que diz: “quem sou eu? Depende... de quem está perguntando, de onde estou, da música que eu tô ouvindo, da estação do ano e de quanto tempo faz que eu estou sem comer.”

Ao propor a fala de si mesmo, apareceram rótulos existentes, construídos a partir das interações marcantes pela qual o indivíduo obteve contato e novas percepções conceituais podem ser observadas, pois a sua assinatura e seu nome estão vinculadas a seus escritos: “[...] aqui segue-se essa posição ao organizar conceitos que operam na investigação, neste caso, otobiográfica” (MONTEIRO, 2020, p.566).

O segundo tópico teve como abordagem a problematização do objeto de estudo: a reprovação como um fenômeno em análise, o que o educando entende acerca do processo em sua significação, e percepções individuais sobre seus sentidos dentro da sociedade e para si, uma vez que esta é uma questão social.

O cantor Thiago Brava, tem uma música intitulada: “Hino dos reprovados”, paródia da música: “ Marcas do que já se foi”, da banda: Os incríveis, que fala de reflexos da reprovação como repetir o ano, ficar de castigo, ter limitações dentro do ambiente familiar e escolar e repercussões sociais que se repetem, pois: “ [...] nunca é idêntico a si mesmo por todo o sempre, já que guarda uma abertura para o tempo, um tempo histórico que o vai posicionar na diferença e não no mesmo, através dos tempos” (GUARESCHI et al., 2003, p. 47).

Lembrando que o indivíduo se encontra em um tornar-se inacabado e acontecimentos o situam ao longo de sua trajetória e podem refletir aspectos sociais, culturais e simbólicos.

No terceiro tópico, pretendeu-se captar o contato próximo ao fenômeno, por meio de um relato autobiográfico do participante, o qual este contou um pouco de sua história com o fenômeno desde seu ingresso para seu curso atual e perspectivas futuras enquanto futuro profissional da saúde.

A vivência deste processo, no entanto, possibilita questionar e refletir a respeito de ações, posturas, preparo e decisões no mundo profissional, conduzindo a novas escolhas e à necessidade de definir novos direcionamentos nos âmbitos pessoal e profissional, restabelecendo, deste modo, uma continuidade (HALL, 2003, p.7).

Com o foco nas emoções e particularidades geradas pelo processo, sentimentos, anseios e aquilo que achou pertinente, bem como comportamentos percebidos, considerando que, quando se trata de cursos de saúde no Brasil e sua alta demanda por vaga , existe a percepção de que o fenômeno é mais presente do que se imagina.

Para dar norte à escritura foi oportunizado um vídeo que fala de um caso de um aluno de medicina da Universidade Federal do Piauí, reprovado 9 vezes em uma disciplina, com rendimento inferior ao esperado que acabou jubilado e um vídeo de algumas reações de candidatos que foram aprovados depois de anos de estudos.

O que nos mostra que o medo da reprovação pode ser vivenciado no ingresso e na continuidade da educação superior, podendo se constituir em todas as etapas, desde o ingresso até a saída da universidade.

Passinoto (2008) relata que não podemos esperar que um educando busque as respostas que precisa dentro de si sem um “empurrãozinho”, ou seja, sem mecanismos motivacionais que o convidem a refletir sobre sua própria história.

No quarto tópico, ao indagar sobre a importância do discente na percepção desse fenômeno, pretendeu-se captar vivências acerca de aspectos didáticos facilitadores ou desmotivadores que possam ter surgido ao longo do processo de ingresso e que contribuíram para análises acerca do papel formativo do professor quanto a esse fenômeno.

Meyer e Paraíso (2012) trazem que as pesquisas precisam reconhecer a importância da educação e do processo educativo, pois os indivíduos se transformam ou são transformados em indivíduos da cultura, já que estão envolvidos de um complexo de forças e de processos de ensino aprendizagem que são sentidos de forma particular.

Além de possíveis identificações de aspectos didáticos limitantes ou desafiantes durante o processo de ingresso, e uma perspectiva que pode nos mostrar a forte pressão no processo de escolha do curso, estando Medicina como uma das opções.

Considerando o que Meyer e Paraíso (2012) nos mostra, que a preocupação não é dizer de fato como as coisas são, mas sim: “Descrever e problematizar processos por meio dos quais significados e saberes específicos são produzidos, no contexto de determinadas redes de poder, com certas consequências para determinados indivíduos e/ou grupos” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.51).

Considerando o que Debacker, Menezes e Blum (2013) nos trazem sobre a relação de aprendizagem como parte dependente das relações entre professor e aluno, dado que se esta tiver caráter afetivo e de acolhimento, o aluno se vê estimulado a aprender e a lograr com êxito outras etapas, não existindo a perda de papéis entre aprendiz e educador. Considerando que: “As relações que se estabelecem no rico ambiente escolar repercutem por toda a vida do adolescente” (DEBACKER; MENEZES; BLUM, 2013, p.161).

Foram utilizados no formulário memes que fazem parte da rotina de ingresso dos alunos, pois muitos são postados em seus Instagram, Facebook e Twitter e se relacionam seriamente com as limitações encontradas pelos discentes. O que permitiu abrir espaço para

a compreensão do aluno no que se trata do olhar aos aspectos sociais e pessoais em um processo de reprovação vivenciado: “A internet faz parte da vida hodierna, sendo utilizada das mais diversas maneiras a fim de preencher as necessidades de cada indivíduo” (MOROMIZATO; FERREIRA; SOUZA; LEITE; MACEDO; PIMENTEL, 2017, p.502).

Pois existem ações de dedicação de tempo e planejamento que podem ser capazes de inspirar ou afastar esses estudantes em seu processo de ingresso e que os levaram a caminhos diferentes dentro da área da saúde e que se refletem em sua trajetória de graduação, reforçando:

[...]que as vivências colaboram e resistem durante o tempo de formação e, quanto a isso, quase nada pode ser feito pelos professores do curso, a não ser, lidar com tais limites, o que significa colocar, mais uma vez e sempre, a didática em questão (MONTEIRO, 2020, p.554).

Neste tópico o olhar discente ao seu percurso de ingresso é fundamental para a provocação de pensamentos, revisitar o passado e ajuste do olhar para novas estratégias facilitadoras e que superem questões de afastamento discente no ambiente acadêmico, porque: “Onde olhamos, manipulamos e ouvimos, nos acrescentamos ao texto: a vida narrada ocupa os espaços abertos, abrindo passagens de ar de palavra a palavra, em encadeamento e transgressão” (BIATO; LEITÃO, 2017, p.15).

E ao falarmos de perspectivas desconstrucionistas, trazemos à tona não seus conceitos prontos e acabados, mas sim questões que não podem ser decididas sem a reflexão e o modo próprio de estabelecer visões. Visto que, podem ser definidoras de estratégias de trajetórias particulares, em conjunto com sentimentos, afetos, modos prévios de pensar sobre algo.

O tópico final, de forma livre, tinha como objetivo buscar a reflexão acerca do fenômeno, resgatando aspectos históricos vivenciados e mensagens a si mesmo, como pessoa de vivências e que possa superar aspectos voltados à pensamentos limitantes, mal acabados ou prontos, com relações a escolha de tomadas de decisões e a percepção reflexiva particular.

Então, foi utilizado um comando específico que falou: “que mensagem você deixaria hoje para você, com base em tudo que você produziu e escreveu anteriormente?”.

Sendo utilizada como ponto de partida a inspiração de uma imagem com base em uma poesia, de Meryellen Rangel (2021), que fala sobre a importância de escrever e criar

e principalmente do desafio de falarmos sobre nós em escritos, que podem perpassar nossos sentimentos e emoções diante do que nos é colocado.

Poesia que pode auxiliar o participante a se desafiar a escrever a si mesmo, ato difícil, quando somos convidados a escrever ao outro parece mais fácil, mas quando se trata da mensagem e resgate voltado à nossa própria particularidade, têm-se um grande desafio, o que pode abrir possibilidades de resgates interpretativos, futuramente, e agregar na reflexão de posturas particulares e de desenvolvimento.

Junior, Moraes e Monteiro (2011) nos mostram que ouvir a narrativa de uma história sobre a vida de uma pessoa em um dado contexto é uma busca incansável de sentidos dessas vivências, que confirmam que todas as pessoas que participam da pesquisa são ativas no processo, que vida é essa que está nos escritos e o que se quer e pode se captar dessa vida.

Nesta proposta, a investigação não procurará saber o que aquele que participa de uma pesquisa quis dizer em determinado dito; procura-se a vontade que toma a palavra, e essa vontade encontra-se vinculada às vivências que constituem cada um de nós (JUNIO; MORAES; MONTEIRO, 2011, p.155).

Após a aplicação do formulário intitulado: “Investigação Otobiográfica: Reprovação em pauta”, foi feita a escuta atenta, observando as fronteiras que o tema pode perpassar. Quando situamos os participantes da pesquisa, todos de acordo com o critério de inclusão: já optaram por medicina anteriormente, mas não lograram com êxito, caminhando assim para uma nova realidade dentro da área da saúde: outro curso.

A discussão foi feita a partir da escuta das vivências em diálogo com a literatura acerca do tema. Os critérios utilizados para escolher os textos foram: a opção por não utilizar nomes para os participantes, respeitando o anonimato dos participantes, conforme exigência do Comitê de Ética. E a análise de textos longos que evidenciaram a vontade e abertura do participante ao processo de escrita e recortes do olhar sensível à temática e aos relatos em todas as perguntas.

Sendo fundamental na produção de resultados que o tema não se esgote em um só fim, mas que abra novos caminhos que façam com que essas vivências permeiem os escritos e nutram novos sentidos para a temática e seus desdobramentos, produzindo uma riqueza singular da discussão evidenciada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atendendo o objetivo geral desta pesquisa, que propõe a escuta dos efeitos da reprovação na vida e nas relações pessoais e profissionais de estudantes da área da saúde da Universidade de Brasília, este capítulo percorrerá caminhos que se encontram com os objetivos específicos desta pesquisa, divididos em tópicos.

O método otobiográfico é um percurso de criação, não de descoberta:

Firma a função do pesquisador, que escuta aguçadamente os textos, aquilo para o que já tem ouvidos, através de suas próprias vivências. Sendo assim, o método otobiográfico busca realizar uma escuta de vivências nos escritos, que passa, não necessariamente, pelas vivências de quem ouve (BIATO; NODARI, 2020, p.286).

Segundo Biato e Nodari (2020), a vontade de escrever é um aspecto que traz consigo elementos do vivido que perpassam um caráter inventivo, tendo como característica no método otobiográfico não o querer dizer, desvelar e nem a busca da verdade. Portanto, este texto não se encontra em busca de uma verdade ou significado pronto, como trazem Rota, Biato, Macedo e Moraes (2021), este texto não é assinado por quem o escreve, mas pelo outro que irá contra assinar em um processo de criação com o texto e a vida desse outro, sempre em um processo de abertura de possibilidades.

O formulário de pesquisa foi divulgado em mídias sociais e aplicativos de mensagens, bem como em correio eletrônico com o auxílio da Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília (SECOM), que encaminhou o e-mail institucional de cada curso da área da saúde da universidade, e de apoio de estudantes da própria universidade que compartilharam em seus grupos e mídias sociais, o que auxiliou muito no convite à escritura.

Dessa maneira, a utilização da internet, como recurso auxiliar de troca e disseminação de informações, possibilita a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa. Além de permitir ao pesquisador o contato rápido e preciso com os indivíduos participantes do estudo (FALEIROS; KÄPPLER; PONTES; SILVA; GOES; CUCICK, 2016, P.2).

Os autores Faleiros, Käßpler, Pontes, Silva, Goes, Cucick (2016) mostram ainda que, formulários curtos e bem claros, chamam a atenção e abrangem respostas com maior facilidade, e pesquisas que utilizam a internet são capazes de proporcionar praticidade e comodidade aos participantes, pois tendem a se sentir à vontade sem a presença física do pesquisador.

Foi feito um convite com o boneco intitulado Flork, que está em alta neste ano de 2022, o que auxiliou no alcance pelo aplicativo Instagram e Facebook, por meio de postagem chamada Story. Obtivemos ao total 35 participantes que se sentiram à vontade para escrever sobre suas trajetórias singulares, os estudantes responderam virtualmente em espaço e tempos diferentes, e utilizaram gírias e expressões próprias em seus relatos.

O tempo de aplicação do questionário durou um mês, envolveu e abrangeu estudantes de todos os cursos da área da saúde, exceto medicina, o que proporcionou e refletiu com grande qualidade no objetivo proposto desta dissertação. O formulário atingiu estudantes dos campus da universidade intitulados Darcy Ribeiro e Faculdade de Ceilândia.

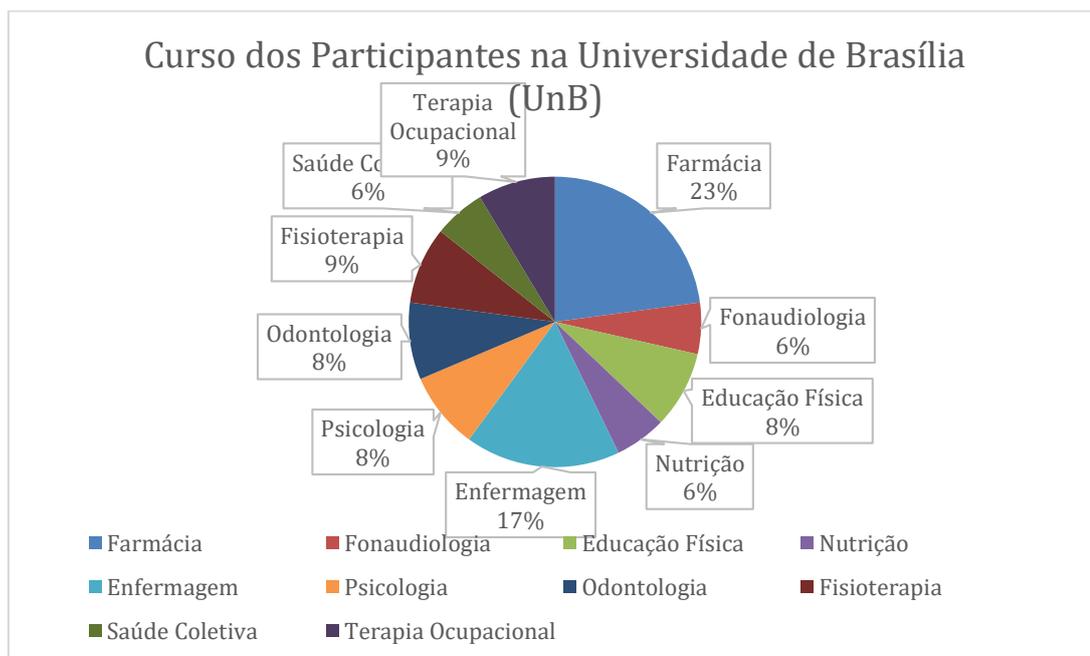
Todos os estudantes aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando assim o convite proposto de escreverem suas trajetórias e de utilizarmos seus escritos para fins teóricos e metodológicos, sendo permitido a retirada de concordância a qualquer instante pelo participante.

Participaram do convite à escritura estudantes que já foram reprovados anteriormente em algum processo seletivo para o curso de graduação em Medicina na Universidade de Brasília, essa pergunta foi um fator condicionante e critério de exclusão para o próprio andamento do formulário.

Após as duas perguntas condicionantes para o andamento do formulário (aceitação TCLE e a reprovação em Medicina) , foi feita uma breve apresentação do estudante que não contempla seu nome. Pois, como traz Biato e Nodari (2020), se chamamos o nome do vivente, o portador desse nome já está morto.

Questionou-se no formulário o curso realizado na Universidade de Brasília (UnB) e a idade dos respondentes. Quanto aos cursos da área da saúde obtiveram-se respostas de todos os cursos da Universidade, alguns em uma proporção maior que outros, como Farmácia e Enfermagem. O formulário conseguiu atingir de forma potencial estudantes do campus Darcy Ribeiro e Faculdade de Ceilândia (FCE), onde se concentram vários cursos da área da saúde:

FIGURA 1. CURSO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



O regimento geral da Universidade de Brasília (2022), local onde se deu o presente estudo prevê como modalidade de admissão a seus cursos superiores: a seleção por vestibular, portadores de diploma, transferências obrigatórias e facultativas, bolsistas que sejam beneficiados por acordo entre o Brasil e seu país, alunos de instituições conveniadas à universidade e casos de reciprocidade diplomática.

Segundo a Universidade de Brasília (2022), o campus Darcy Ribeiro é o maior, mas a universidade desde o ano de 2006 é multicampi, possui outros campus nas cidades de Planaltina, Gama e Ceilândia. Estas novas unidades surgiram como necessidade de aproximação e desenvolvimento de atividades acadêmicas e regionais.

A Universidade de Brasília (2022) explica que a Faculdade de Planaltina, conhecida como FUP atua em áreas relacionadas às ciências naturais e agrárias, o campus do Gama (FGA) é direcionado às engenharias, e o da Ceilândia (FCE) em diversos cursos de saúde, sendo o campus Darcy Ribeiro o abrigo da maioria dos cursos, dividido em institutos, faculdades e órgãos essenciais para as atividades da Universidade.

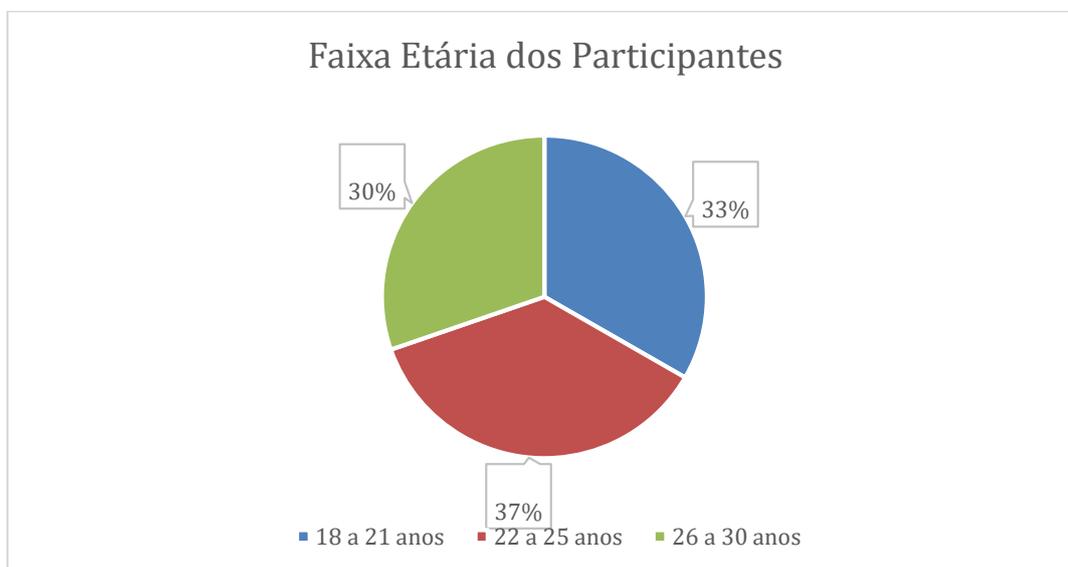
No campus da Ceilândia, segundo a Universidade de Brasília (2022), são oferecidos os seguintes cursos: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional. Já no campus Darcy Ribeiro, os cursos da área da saúde oferecidos

são: Enfermagem e Obstetrícia, Educação Física, Medicina, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Saúde Coletiva.

Com base no conhecimento sobre os cursos oferecidos pela universidade, no formulário questionou-se qual curso o estudante é matriculado atualmente e a idade que possui, para que pudéssemos entender o percurso que o próprio formulário percorreria. Assim, serão utilizados nomes fictícios para a melhor organização das experiências e vivências.

Visto que, segundo Biato e Nodari (2020), a produção do conhecimento é uma criação que é desenvolvida provocando a produção de sentidos novos, tendo o pesquisador abertura para o processo de criação inventiva que pode vir a ser evidenciado. Quanto à idade dos respondentes do formulário desta dissertação, essa idade variou entre 18 a 30 anos, apresentando o maior número de respondentes na faixa etária de 22 a 25 anos:

FIGURA 2. FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES



A Universidade de Brasília apresenta um levantamento feito pela Comissão Própria de Avaliação, de acordo com a Secretaria de Comunicação da Universidade (2019), que contempla dados dos relatórios e dos perfis estudantis, divididos por cursos. Esse levantamento, analisa também a permanência em semestres e o perfil dos egressos, dando enfoque a aspectos do curso que podem aparecer reprovações e desistências.

De acordo com a Comissão Própria de Avaliação (2019), a faixa etária de ingressantes na graduação da Universidade de Brasília, varia entre 18 anos a 45 anos ou mais, sendo o maior número de ingressantes, em geral na maioria dos cursos, na faixa etária

de 18 a 24 anos. O que pode ser percebido com este dado é que, nesta faixa etária de 22 a 25 anos, são estudantes que estão no início de suas graduações, com perspectivas e formações que lhe são singulares e que se sentiram à vontade em compartilhar suas histórias.

Devemos ter em mente que, em produções escritas, segundo Biato e Nodari (2020), é pela leitura da vida vivida que palavras ganham a vida, o leitor se integra a cena pela qual o texto o convoca, ele já não é mais um mero espectador, ele participa e se torna o ator principal.

Vale lembrar que Yatsugafu (2017) nos mostra que produções textuais que contemplam a utilização do método otobiográfico trazem aspectos autobiográficos, não são portanto dados ou objetos de pesquisa, mas textos com os quais se dialoga, pretende-se escutar o que quer essa vida ouvida: “Textos assinados, datados; com estilos, marcas, rastros. Autorais. Com eles, o pesquisador que realiza investigação otobiográfica “busca o que quer a obra, o que quer a autobiografia, o que querem as vivências” (YATSUGAFU, 2017, p.94).

Então, partindo desse entendimento, o que quer o estudante? Que possibilidades inventivas percorre? Sendo importante indagações e reflexões inacabadas acerca das novas formas inaugurais que este tema pode percorrer, pois não podemos dizer se a reprovação é boa ou má.

Segundo Nietzsche (2001), a admiração como sentimento perpassa uma ingenuidade que caracteriza o fato de que o indivíduo jamais se pensou como uma pessoa que pode ser admirada.

É necessário o entendimento de que a partir da reprovação surgem modos distintos e novos olhares que contemplam transformações diante do vivido. Muitos desses indivíduos não se orgulham de suas trajetórias e não se sentem dignos de serem admirados, justamente por terem passado anos em contato com a reprovação.

Ao optar pela análise das trajetórias desses educandos estamos criando sentimentos de admiração por cada vivência, ao que chegou e ao que foi conquistado, em uma ótica inacabada. Pois dentro dessa vida vivida e contada existem modos distintos de olhar o fenômeno da reprovação como um campo de potencialidades e possibilidades.

4.1 EFEITOS DA REPROVAÇÃO: ENTRE REALIDADES E PERCEPÇÕES

Quando questionados sobre o que entendiam como reprovação, a intenção era percorrer as percepções individuais sobre os sentidos que o fenômeno tende a tomar e a proporção de vinculação dentro da sociedade, que acaba por ditar regras e convenções para suas ações, pois apresenta legislações e políticas públicas. Analisando assim, os efeitos de avaliações e os reflexos que englobam o fenômeno da reprovação.

“Entendo que é algo que ninguém quer passar, algo pesado, que te remete a coisa ruim.” (Estudante de Farmácia)

“Reprovação para mim é algo repugnante, péssimo.” (Estudante de Enfermagem)

Relatos como esses condicionam percepções de que o fenômeno é sempre visto como negativo, o que podemos trazer como ponto inicial de análise é a noção de que são vivências distintas: “Das vivências que tracejam as narrativas, das forças que as movimentam, as criações que levam cada relato a uma assinatura pessoal” (ROTA; BIATO; MACEDO; MORAES, 2021, p.4177).

Cada relato tem traços do vivido, pois carregam sensações e ações que foram presenciadas por este indivíduo, confirmando o que Bertagna (2010) traz, que o indivíduo pode ser aprovado ou reprovado no meio em que vive e convive, o que acentua a desigualdade, principalmente na sociedade, que perpetua contradições acerca do tema.

Almeida e Alves (2021) pontuam que a reprovação é presente na educação brasileira e tem interferentes que refletem na sociedade e no indivíduo em questão. Sendo ainda pouco conhecidos os impactos negativos por trás da temática, mas que eles merecem ser compreendidos para que soluções possam ser evidenciadas. Almeida e Alves (2021) mostram que: “A ameaça da reprovação motiva os alunos, que se dedicam mais, e é justa por reconhecer o mérito dos que se esforçaram e foram disciplinados durante o período letivo” (ALMEIDA; ALVES, 2021, p.6).

Usar a reprovação como aspecto motivacional é algo presente na atual conjuntura que vivemos, para Almeida e Alves (2021) parte desse pensamento se deve à crença, que muitas pessoas naturalizam, de que alguns jovens certamente terão mais sucesso que outros e isso se materializa na aprovação e na reprovação, como em culturas de repetência.

“Entendo que reprovação tem todo o potencial de um fenômeno traumático. Desde como as escolas lidam com os alunos repetentes, pais, colegas. Acredito que para a maioria das pessoas reprovação é sinônimo de fracasso.” (Estudante de Psicologia)

A música Hino dos Reprovados, paródia do cantor Thiago Brava, da música “Marcas do que já se foi”, fala de reflexos da reprovação que tendem a ser normalizados quando uma situação como esta acontece.

Com base nos relatos de alguns estudantes, apresentou-se uma naturalização de circunstâncias negativas, como o olhar carregado de concepções, os sentimentos negativos gerados pelo outro, o rótulo que é inserido a este estudante que frustra expectativas e que cria traumas neste processo.

“Reprovação para minha família sempre foi motivo de apanhar, de dar desgosto, então sempre foi um caminho que nunca quis ir.” (Estudante de Nutrição)

“A reprovação te dá arrepio, para mim é vergonha, desonra, motivo de rejeição e frustração, tudo que a música fala. Pois já reprovei na infância e cara não foi fácil, tudo da música aconteceu comigo. Então é vergonha, rótulo, taxaço, te olham como reprovado, te tratam como um e não te olham como alguém, mais como o reprovado.” (Estudante de Farmácia)

Caramaschdai (2019) relaciona as emoções como algo cuja experiência afetiva é privada, não podemos nunca dar a elas o poder de encerramento, ou seja, não podemos ignorar ou subestimar os condicionantes que determinam um dado comportamento, pois definições e concepções que envolvem emoções e sentimentos são abrangentes.

Caramaschdai (2019) situa o sentimento de receio como adaptativo, pois ele dá eficácia ao comportamento, este sentimento aumenta a atenção aos estímulos diante de uma situação diferenciada, que pode gerar a possibilidade de entendermos que existem reações afetivas básicas, como: alegria, medo, tristeza, raiva, saudade.

Besset, Zanotti, Vieira, Costa, Silva, Brito, Maluf (2006) pontuam que trauma remete à ferida, às catástrofes mundiais e pessoais, sendo vivências no corpo próprio, compostas por lembranças ou impressões sobre um dado acontecimento considerado marcante.

Essa descrição ‘objetiva’ do traumático inclui fatos que marcam nosso contemporâneo, contribuindo para a generalização do que se nomeia traumático ou trauma e induz à crença na possibilidade de controle dos fatos, em nome do bem-estar humano (BESSET, ZANOTTI, VIEIRA, COSTA, SILVA, BRITO, MALUF, 2006, p.317).

Situada como efeito traumático, a reprovação foi evidenciada como fator indutor na recepção de sentimentos negativos, mas presenciada como fator de superação que acompanha uma crença de controle dos fatos e do futuro a partir dela. Já que depreende-se

que ela não vai mais acontecer e nem pode acontecer, pois a visão evidenciada é de que é um acontecimento.

“Reprova para você ver! Era como minha mãe falava então eu nunca quis ver o que tinha para ver (risos), é algo que abomino e abominei, mas na faculdade passei por isso em anatomia e meu Deus, me senti a pior pessoa do mundo, nem contei para minha família. Porque até hoje tenho medo do que eu tenho que ver.” (Estudante de Fonoaudiologia)

Mesmo que estes estudantes a prevejam, e ela deixe pistas que pode vir a se concretizar, principalmente em situações de passagens pelo fenômeno, um acontecimento, é uma força que inicialmente não se compreende, mas pode gerar surpresas, conforme Derrida (2004) pontua.

“Reprovar é algo que um dia ou outro pode te acontecer.” (Estudante de Fonoaudiologia)

A reprovação do vestibular pode estar associada a este acontecimento, pois o indivíduo não tem controle sobre sua futura aprovação. Meyer e Koller (2000) inferem que estudantes que passam pelo fenômeno da reprovação sempre apresentam crenças de controle externo, não acreditam em si e depositam as causas e as responsabilidades de seus resultados a outros fatores e pessoas.

“Você perde tudo, as pessoas te olham estranho, você não é mais o mesmo, vai levar ela com você onde for. Sem contar que pode desenvolver medo a todo instante dela acontecer.” (Estudante de Fisioterapia)

Quando a estudante mostra que a reprovação e o medo vai acompanhá-la por onde for, demonstra ter consciência de limitantes e agravantes do fenômeno em sua vida, que afastam o pensar em outras possibilidades a partir deste acontecimento, pois sobre ela não se tem controle ou imunidade.

O fato da passagem pelo fenômeno consiste em algo perceptivo, pois estes educandos para alcançarem seus sucessos, acabaram tendo que utilizar de outros meios e formas que sempre os levaram à comparações, o que segundo Meyer e Koller (2000) se dá porque:

Associam a esta crença, a intervenção da sorte, como controle ao fracasso (evento negativo), demonstrando a dificuldade em lidar com situações difíceis. A análise de regressão logística confirma estes resultados da regressão múltipla, pois os altos escores nas crenças de uso de estratégia nas quais a sorte e o poder dos outros, e os baixos escores em crenças de capacidade de esforçar-se e de atribuir a si mesmos a garantia para o alcance dos objetivos, predizem a reprovação (MEYER; KOLLER, 2000, p.12).

Meyer e Koller (2000) mostram também que diante de um possível fracasso, o estudante tende a criar mecanismos e estratégias que façam com que as possíveis dificuldades sejam superadas.

Quando cada estudante fala de sua conquista, de sua trajetória, existe uma dificuldade que perpassa sua própria história, pois muitos ainda se sentem desmotivados e não sentem que suas conquistas possuem valor:

No entanto, vivemos numa sociedade onde falar de si mesmo é visto com maus olhos. Encarecemos a tal ponto valores como a modéstia que as pessoas deixam de ficar orgulhosas de suas conquistas por medo de serem consideradas pedantes e vaidosas (SÁNCHEZ; ESCRIBANO, 1999, p.34).

Sánchez e Escribano (1999) inferem que acontecimentos marcantes e traumatizantes requerem mecanismos efetivos de atenção e compreensão por parte daquele que está inserido no processo, mas que a medição do autoconceito percorre uma aceitabilidade inatingível e sempre negativa de acordo com o momento vivenciado e com as impressões que podem surgir.

“Reprovação é algo que ninguém quer, mas se acontecer vai trazer consequência.” (Estudante de Saúde coletiva)

Estando a reprovação intimamente ligada a mecanismos que desencadeiam estresse, ansiedade e doenças mentais, Daolio e Neufeld (2017) concluem que o vestibular é um fator de grande reflexo na saúde mental de um estudante, e que a invisibilização desses fatores refletem em consequências graves de adoecimento.

“Reprovação? Mano! A pior coisa do mundo, se você passa por isso, nunca vai ser o mesmo entende?” (Estudante de fisioterapia)

Concluem, Daolio e Neufeld (2017), que durante este período o estudante tem medo do fracasso, de escolhas malsucedidas e de todo o tempo perdido, exigindo controle emocional, pois ela é a maneira de alcançar seu futuro.

“Reprovar é saber que não foi aprovado, você tem que lidar com tudo aquilo que vem junto e ainda tem que ser forte.” (Estudante de Terapia Ocupacional)

“Reprovar na escola, na faculdade, na vida não é algo que te leva para um lugar legal, mas a forma como você vai lidar com isso vai te levar em diferentes direções, é um fato que pode te levar a depressão e a ansiedade em níveis altos.” (Estudante de Farmácia)

“Reprovação é algo perverso, traz consigo todo um contexto horrível, só te dá estresse e ansiedade.” (Estudante de Farmácia)

O controle de emoções, a demanda alta de pressão que esses estudantes percorrem, leva a sentimentos de ansiedade e depressão, conforme Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000): “Ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho” (CASTILLO; RECONDO; ASBAHR, MANFRO, 2000, p.20).

Segundo Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000), a ansiedade e o medo passam a ser reconhecidos como patológicos quando em níveis exagerados e desproporcionais ao normal, com longa duração quando estes dificultam relações e atividades diárias e futuras.

Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000) concluem ainda que a identificação precoce de transtornos que podem estar relacionados à ansiedade, podem evitar repercussões negativas no desenvolvimento acadêmico e intelectual de um estudante, merecendo ponto de atenção e investigação.

Em seus estudos Terra, Vieira, Costa, e Freire (2013) concluíram que existe uma realidade predominante em vestibulandos com menor renda familiar, pois estes apresentam expectativas de baixo desempenho no vestibular. E são influenciados em seu meio familiar a se inserirem no mercado de trabalho, e tendem a apresentar um aumento evidente de ansiedade e depressão.

A depressão, segundo Porto (1999), é multifatorial, pois pode ser percebida como sintoma quando associada a situações estressantes e como síndrome, quando gera alterações no comportamento e nas funções corporais.

Se situarmos o medo da reprovação como uma situação estressante, principalmente em estudantes que passaram pelo vestibular de forma exitosa para seu curso atual, esse evento pode ser notado com uma união de forças, que são imparáveis e que se permitiram ao que estava por vir, com todas as dificuldades e necessidades do processo.

“Acredito que as reprovações apesar de proporcionar momentos de profunda tristeza e cansaço emocional pode proporcionar momentos de superação e ânimo para poder enfim conseguir o que realmente quer depois de um fracasso. ” (Estudante de Odontologia)

“Reprovação é algo que te prepara para o pior, mas que também pode te ajudar a realinhar a vida e sua força perante o que ela traz. ” (Estudante de fisioterapia)

Perceber a reprovação como movimento inacabado parte do pressuposto que ela não tem efeitos determinantes, mas que é sentida por cada um de uma forma que impacta, cria desejos e sensações que não param em simples tendências de comportamentos aceitáveis, pode realinhar novos sentidos e oportunidades.

“É algo que deve ser tratado com mais seriedade, encontrando maneiras de falar sobre o assunto com mais aceitação, ao invés de vergonha. ” (Estudante de Farmácia)

“Reprovação na sociedade é algo que convém, gera estatística e se beneficiam com isso, quando você entra na universidade, tem professores que gostam de ser os que mais reprovam e essa fama pega, chega a ser vergonhoso, deveria ser a última saída. Ninguém merece passar por esse processo. ” (Estudante de Enfermagem)

Perceber a reprovação como um fenômeno é compreender que ela não está sozinha, segundo Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020), ela é um fator de desmotivação para um educando, pois pode ocasionar em diminuição de expectativas quanto ao futuro e à adoção de comportamentos considerados atípicos.

Segundo os autores Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020), é necessário a compreensão de que a reprovação interage com fatores múltiplos de formas complexas, influenciando mutuamente na projeção e frustração de expectativas.

Igue, Bariani e Milanesi (2008) com suas contribuições sobre a vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes, pontuam que: “O período de ingresso é marcado pela euforia e idealização de que o novo ambiente educacional, que foi tão desejado, satisfaça suas necessidades, promova mudanças pessoais e o transforme em um profissional capacitado” (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008, p.156).

Sendo sentimento evidente para este educando, a criação de expectativas positivas diante do fenômeno, que pode percorrer caminhos distintos de acordo com a lente escolhida. Para Igue, Bariani e Milanesi (2008) este novo contexto de ingresso na universidade nem sempre atende às altas expectativas, o que pode gerar dificuldades a esses estudantes no decorrer do curso:

Certamente, a satisfação do universitário em suas experiências acadêmicas poderá ser dificultada mediante a falta de recursos pessoais, inapropriado repertório acadêmico básico, inexistência de um projeto profissional definido e ausência de apoio da instituição (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008, p.156).

Aceitar a existência do fenômeno e seus efeitos exige que ele seja tratado desde a base inicial da educação escolar, no ensino fundamental. Quando se trata da educação superior têm-se a necessidade de novas rotas e caminhos que considerem este educando que reprova, pois: “ Sendo assim, o impacto da vivência acadêmica nos estudantes universitários em geral e, em particular, nos que ingressam pela primeira vez no ensino superior mostra-se como um importante foco de investigação” (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008, p.157).

Além disso, ainda existe a noção de que o mais importante é o ponto de chegada, sem considerar as partidas que fizeram parte dessa chegada que não tem limite, onde a aprovação na própria universidade, é também parte desse percurso e não pode ser desconsiderada em trabalhos sobre a reprovação.

Seria possível a universidade acolher os estudantes de forma a oferecer-lhes apoio, inclusive psicológico, para que tivessem uma melhor qualidade das vivências acadêmicas? E, ao ingressar na universidade, talvez fosse importante um projeto de integração dos calouros que abordasse com eficácia os serviços fundamentais já oferecidos por ela (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008, p.162).

Como alternativas de apoio, podem ser pensados e colocados em prática: a aproximação da educação superior para as realidades locais e o cumprimento da sua responsabilidade social de conhecer os problemas do mundo presente, reforçando o que está na Constituição Federal de 1988.

Por certo, as experiências externas também contam para um período estressante como a prestação do vestibular, bem como políticas específicas educacionais locais, nacionais e regionais que contemplem a visibilização da reprovação como fator emocional que pode influenciar em questões de saúde mental.

Enquanto somos viventes de um período pandêmico se exacerbaram questões de cunho mental que despertaram sentimentos fortes de medo, raiva e solidão, constituindo-se:

O atual cenário de potencial catástrofe em saúde mental – o que requer ainda mais atenção do poder público – só será devidamente conhecido após passado o período de pandemia. Portanto, esforços imediatos devem ser empregados, em todos os níveis e pelas mais diversas áreas de conhecimento, a fim de minimizar resultados ainda mais negativos na saúde mental da população (FARO; BAHIANO; NAKANO; REIS; SILVA; VITTI, 2020, p.11).

É importante salientar que cada estudante sentiu o período que estamos vivendo de alguma forma, e que mesmo anteriores as expectativas e anseios que trouxeram acerca de suas vivências sobre seu ingresso, foram escritos autorais de estudantes que estão voltando ao regime presencial.

Escritos estes que mostram aspectos que remontam à questão da saúde mental, importando dizer, segundo Faro, Bahiano, Nakano, Reis, Silva e Vitti (2020), que as sequelas em saúde mental serão os maiores agravantes deste período, sendo necessária a atenção principalmente aos resquícios que reprovações e sentimentos presentes com ela podem estar gerando, a curto, médio e longo prazo.

4.2. VIVÊNCIAS DA REPROVAÇÃO: ENTRE EXPECTATIVAS, NARRATIVAS E AVALIAÇÕES

Este tópico tem como objetivo a discussão de aspectos ligados a expectativas e anseios dos participantes, que já passaram pelo fenômeno da reprovação anteriormente e que lograram com êxito em seu curso atual, tendo como centralidade o reconhecimento de histórias relacionadas à reprovação.

Todos os participantes presenciaram o fenômeno da reprovação e o sentiram de formas diferentes durante as tentativas para chegar em seu curso de graduação atual. Apareceram situações de quase tentativas em universidades no exterior, em países como a Argentina:

“Já tentei em 2015 o vestibular para medicina, não consegui, já pensei em fazer na Argentina, dizem que é muito fácil, mas minha família não tinha dinheiro para faculdade particular, imagina me manter na Argentina? Como futura profissional, quero ir aonde ninguém foi, quero descobrir algo extraordinário na minha área.” (Estudante de Odontologia)

Segundo Nassar, Couto e Junior (2021), a opção por cursos de Medicina em países como Paraguai, Bolívia e Argentina é bem vista devido às mensalidades baratas e a concorrência que é baixa, pois muitos não possuem condições de se manterem em outros países, como o Brasil, por exemplo.

“ Já tentei medicina 3 vezes pelo Enem para onde quer que fosse, até no Paraguai já pensei em fazer, mas era tanto gasto que pensei com minha família eu que não, sem contar que teria que aprender espanhol. O que facilitou, foi a boa nota do enem. O que dificultou foi o que falei, alta concorrência, pouca vaga.” (Estudante de Fisioterapia)

O curso de medicina é muito concorrido no Brasil, Martins e Machado (2018) fizeram um levantamento de análise da escolha do curso superior no país e pontuaram que:

Seguir a carreira universitária, portanto, envolve uma decisão relativa ao estudo para o exame de acesso, seja nos moldes atuais (Enem), seja no modelo tradicional anterior. Como as qualidades dos ensinos médio e fundamental diferem de forma significativa pelas classes de renda no Brasil, as aspirações com relação ao ingresso no ensino superior acabam sendo influenciadas pelas condições socioeconômicas (MARTINS; MACHADO, 2018, p.3).

Entender os condicionantes de uma escolha é analisar metodicamente aspectos que podem ser inerentes à uma aprovação considerada vitoriosa por parte destes educandos, pois existem aspectos como os experimentados pelo estudante de fisioterapia que afastam a possibilidade de êxito em cursos como o de Medicina.

Martins e Machado (2018) posicionam em seus argumentos a necessidade de ponderar aspectos que revelam a baixa qualidade da educação básica e das políticas de

acesso à educação superior, alertando que aspirações ao ingresso na educação superior são realidades distintas, pois as condições socioeconômicas são as maiores limitantes de acesso. A transição do ensino médio para a educação superior exige do estudante seletividade, assertividade e clareza de suas ações, pois em nossa realidade:

A maior parte dos alunos que ingressam no ensino superior vem das camadas mais ricas da população. Ou seja, a escolha do curso universitário ocorre muitas vezes a partir de um processo de autosseleção do candidato, que segue uma determinada hierarquização de cursos (MARTINS; MACHADO, 2018, p.4).

O curso de medicina, segundo Martins e Machado (2018), é o mais concorrido do país, persistindo ainda quanto a seu ingresso situações que se perpetuam como um curso de prestígio devido à sua alta empregabilidade e remuneração, e o seu afastamento das camadas populares.

“Entrei de primeira pelo PAS, vim de uma escola pública, fui o primeiro a entrar na UnB da minha família, queria medicina ou odontologia, mas né farmácia foi o que deu, porque nenhum dos dois eu conseguiria de primeira, mas já tentei passar no vestibular, não deu certo. Lembro que fiquei me sentindo mal, burro e principalmente incapaz, sofri bastante porque odiei fazer o Enem, prova que me deu dor de cabeça de tão chata. Atualmente, estou atrasado no curso, já reprovei várias vezes e tem sido desanimador, não tenho bagagem nenhuma, mesmo me esforçando parece que nunca sou capaz de passar. Mas lembro que quando passei na UnB para farmácia, eu fiquei feliz demais e minha família então, se desse para colocarem uma faixa eles tinham colocado, fiquei metido, porque quem passa na UnB tem que se achar mesmo rsrs..” (Estudante de Farmácia)

Experiências como essa, com relatos do vivido, mostram que em um caminho aparecem várias situações, estas permitem novas ações que se refletem em boas ou más visões diante do vivido. O que nos mostra que a reprovação é evidenciada por fatores pessoais, sociais e principalmente emocionais, pois este é aluno oriundo de escola pública e presença de perto a desigualdade socioeducacional, como traz Sampaio (2011).

Provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), segundo Sampaio (2011), refletem realidades que atingem principalmente estudantes oriundos de escolas públicas, pois estes são a minoria para a aprovação no certame. Sampaio (2011) traz como reflexão que: “Portanto, atravessar o tortuoso caminho do ensino médio público em direção ao ensino superior público significa, para essa população, lidar com as desigualdades socioeducacionais que se evidenciam nessa transição” (SAMPAIO, 2011, p.33).

Segundo Zago (2006), estudantes de camadas populares conseguem vencer situações de exclusão e marginalização dentro da própria sociedade, sendo fato marcante e atual a condição do estudante diante das dimensões do êxito e do fracasso, visto que a escolarização anterior pode sim refletir em seu desempenho na própria universidade.

Assim, torna-se redutor considerar indiscriminadamente os casos de estudantes que têm acesso ao ensino superior como de “sucesso escolar”. Evidentemente, caberia explicitar o que se quer dizer com “sucesso escolar”. Ele representa o acesso, ou vai além para definir tanto a chamada “escolha” pelo tipo de curso quanto as condições de inserção, ou seja, de “sobrevivência” no sistema de ensino? (ZAGO,2006. p.228).

O estudante de Farmácia evidencia a sua dificuldade em se manter no curso e o pessimismo diante de tudo que está vivendo, bem como uma incapacidade que o limita a perceber o que é sucesso e fracasso dentro de sua própria trajetória.

Zago (2006) relata que estudantes que têm acesso à educação superior nem sempre percebem suas trajetórias como de sucesso escolar, pois este sucesso nem sempre é um fator positivo, pois pode levar à evasões e abandonos, devido a grandes índices de reprovação.

“Eu sempre quis medicina desde criança, tenho familiares médicos e parentes enfermeiros, minha família é um misto da saúde, então logicamente sempre me moldaram para ser plantonista. Sempre quis médica, mas enfermagem também é bom, pega responsabilidade igual, mas nós mandamos nos técnicos e verificamos se está tudo certo, então penso que sempre tive boa liderança, nasci para mandar e quero trabalhar com chefia de hospital ou sessão. Escolhi a área por boa remuneração, qualidade de vida e nunca fica desamparada. ” (Estudante de enfermagem)

Fatores como a presença de familiares na área da saúde, como traz o estudante, podem ser determinantes para a escolha de um curso nesta área, pois segundo Azevedo, Tollendal, Nogueira, Bartels, Paula, Beraldo (2005), a motivação consciente pela escolha pelo curso de Medicina percorre o destaque em áreas de ciências, a atração pela carreira e suas vantagens, ajudar pessoas, a vocação e a influência familiar: “Torna-se continuamente necessária a observação das multideterminações que influenciam o indivíduo – fatores psicológicos, sociais e biológicos- orientando sua opção profissional e seu futuro”(AZEVEDO;TOLLENDAL;NOGUEIRA; BARTELS; PAULA;BERALDO,2005 p.218).

O estudante foi certo de sua decisão, sempre teve a vontade de ser como sua família, plantonista e de ser uma líder, apresentando em seu processo de escolha multideterminações que a levaram a predizer sobre seu futuro, como trazem Azevedo, Tollendal, Nogueira, Bartels, Paula, Beraldo (2005).

Em todas as produções há realidades distintas que se encontram em uma pretensão de ascensão diante do curso escolhido, ambas carregam sentimentos de satisfação e felicidade com o que veio, mas estendem a abertura para o que pode vir a surgir dentro de suas vivências.

Os sentimentos e emoções que são transformados e impactados neste processo passam por influências, pois a escolha da carreira médica também pode ser fruto de angústias que podem estar presentes em todos os indivíduos, como fragilidade e desamparo, como reforçam Azevedo, Tollendal, Nogueira, Bartels, Paula, Beraldo (2005).

“A primeira reprovação foi a mais dramática, o pior é passar fora das vagas e ficar no quase lá. (Estudante de psicologia)

“Quando passei minha família fez um churrasco de aprovação para mim. Foi tão bom, me senti acolhida e vi que todos gostaram da minha escolha, como futura profissional quero trabalhar na pediatria, amo crianças. ” (Estudante de Enfermagem)

O sonho de fazer medicina pode ser presenciado por influência da família e das expectativas geradas pelos próprios estudantes que idealizam vários futuros, uns vão por caminhos positivos, e outros, com percepções que permanecem na memória.

O estudante de psicologia evidencia o quanto a primeira reprovação não foi fácil, reforçando o que Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020) abordam, de que a reprovação em seu momento de acontecimento afasta as possibilidades de futuro pela qual o educando pode criar, se prende ao momento e ganha o foco principal, por uma grande quantidade de tempo, se inserindo assim na memória.

“Quando passei fiquei eufórica, na época não achava que conseguiria, mas meus pais ficaram muito felizes, chegaram a me dizer que eu não tinha feito mais que a minha obrigação. Penso que não sei se vou terminar esse curso, não estou gostando e não me identifico. Quando penso no futuro, penso no mercado de trabalho e no que ele me oferece e na minha área não são muitas as chances. ” (Estudante de Farmácia)

O discente em seu relato experimenta uma sensação de não reconhecimento, pois seus pais não validaram a sua conquista, além do sentimento de não pertencimento à seu curso atual, o que pode fragmentar as suas perspectivas futuras, pois, sem previsão de término, é certo que a reprovação persiste em sua vida e exige tempo para enfrentá-la.

Sampaio (2011) ao fazer uma análise sobre perfis de estudantes que passam pelo vestibular conclui que:

Trata-se, depois de tantos obstáculos, de uma vitória, uma conquista individual, familiar e do grupo social, ainda que o depoimento acima evidencie certa depreciação de si mesmo quanto à capacidade de ser aprovado e mesmo uma tentativa de explicar o resultado obtido pela desvalorização relativa do curso. Mas, por outro lado, encontramos também aqueles que, mesmo considerando a aprovação no vestibular uma vitória, a identificam com o que poderíamos chamar de ‘vitória sob condições’, ou seja, uma conquista que só se consumará tendo sido asseguradas condições concretas para realizar o curso (SAMPAIO,2011, p.47).

Sampaio (2011) retrata que as desigualdades socioeducacionais entre os estudantes, não são eliminadas na entrada da universidade, as trilhas percorridas por esses estudantes

são repletas de singularidades que não somam e tentam ser amenizadas e postas em segundo plano, pois o alto nível de rendimento é somente o que importa em contextos de avaliações.

“Quando passei fiquei eufórico, a vida te cobra né, não somos ensinados a escolher no mundo, ainda mais que minha família sempre escolheu por mim, nunca quis terapia ocupacional, nunca nem tinha visto o curso, mas vi que a nota de corte não era tão alta, área nova e muito importante e gostei, até hoje escuto que estou perdendo meu tempo em um curso que não me dá emprego. Como futuro profissional vejo que tenho que lutar contra a sociedade e seus preconceitos.” (Estudante de Terapia Ocupacional)

Relatos como o deste estudante refletem visões e concepções carregadas de anseios e de conflitos existentes com sua própria escolha, que foi feita sozinho para possibilidade de ingresso. Devido a nota de corte baixa e ao desconhecimento social sobre seu curso existe conflito por sua escolha, que não foi feita pela família, esta não a valida e a torna menos significativa.

Como retrato e reflexo educacional têm-se também a presença de problematizações acerca da marginalização de outros cursos dentro da própria área da saúde que possui seus favoritos: Medicina, Enfermagem e Odontologia. Os outros cursos costumam ser a escolha daqueles que não alcançaram a aprovação nos principais, sendo um desafio a mudança de paradigma.

De acordo com Villardi, Cyrino, Berbel (2015), o estudante da área da saúde se prepara para atuar na promoção da saúde de forma ampla e precisa, ao mesmo tempo de cuidados que requerem ampla abertura dentro das instituições de educação superior.

Os autores Villardi, Cyrino e Berbel (2015) sinalizam os novos modos de olhar para estes estudantes da área da saúde dentro das universidades. São indivíduos com novos desejos e perspectivas, que podem ser negligenciados em sua própria saúde, emergindo assim o caráter urgente de cuidado perante aqueles que cuidarão da saúde de diversas pessoas de maneira direta e diária em suas práticas futuras.

“Reprovei 2 vestibulares e 1 Enem. Lembro que na época fiquei triste para caramba, frustrada até um pouquinho depressiva. Mas não desanimei não, fui pesquisar sobre cursos, sobre todos e o que mais gostei foi “ TO”, as pessoas não sabem para que serve, mas pensa em um curso importante que nem os outros. Eu gosto do diferente e estou feliz.” (Estudante de Terapia Ocupacional)

Este outro estudante, em seu relato carrega os mesmos anseios de seu colega de curso, pois, ambos são do mesmo curso e relatam a importância de seus cursos, que mesmo não sendo bem vistos carregam importâncias significativas que se concretizam na sociedade.

Segundo Silva, Nicolau e Oliver (2021), as perspectivas de estudantes da área de terapia ocupacional são positivas, por ser uma área que só cresce no Brasil, reconhecem a importância de assessoramento para pessoas com deficiências motoras e sensoriais, pessoas com sofrimento psíquico, patologias crônicas, e a necessidade de interferências positivas como amenização das consequências destas doenças.

As demais áreas da saúde acabam sendo deixadas de lado e tendem a ser mal vistas. Kamijo, Lima, Pereira e Bonamigo (2021) em seus estudos com ingressantes de cursos de medicina mostram que as principais razões de acadêmicos escolherem a profissão perpassam a estabilidade financeira, a influência familiar e o altruísmo.

Os autores Kamijo, Lima, Pereira e Bonamigo (2021) evidenciam ainda que estes estudantes também criam fascínios acerca do retorno financeiro e da relevância social da profissão, tendo em mente que ao escolher:

Em conclusão, os estudantes apresentam uma visão mais idealizada da medicina nas fases iniciais, porém, entre os discentes do final do curso, houve uma diminuição dos ideais humanísticos que motivaram a escolha da profissão e um aumento da insegurança em relação ao mercado de trabalho, ao salário e à conquista do sucesso profissional (KAMIJO; LIMA; PEREIRA; BONAMIGO, 2021, p.9).

Em alguns relatos, alguns participantes demonstraram a preocupação com o tempo perdido para a aprovação e a insegurança que podem presenciar ao se formarem com questões de mercado de trabalho e oportunidades em suas áreas:

“Quando tentei Medicina foi pelo PAS em 2014 e no vestibular do meio do ano. Se não fosse ia ser algo da saúde, sempre gostei de comer bem e de notar o que as pessoas comem, então falei porque não nutrição? E fiz, entrei em 2015. A reprovação me fez bem, porque medicina é puxado, não sei se ia dar conta e também não ia ficar perdendo tempo tentando passar, a vida é aqui agora. Não sou muito feliz na área, mas confesso que gosto e gostei muito do curso, tenho receio do mercado profissional, porque não é uma área boa que nem medicina.” (Estudante de Nutrição)

Mesmo que em um período de tentativas considerado curto perante a outros relatos o estudante nos mostra que a reprovação não é por si só sempre ruim, a brevidade do tempo e as noções de felicidade caminham com as intenções e ações que se vinculam em uma comparação constante com a área de medicina.

Vieira e Trindade (2009) revelam que estudantes:

Em busca de atender suas necessidades, o indivíduo lança mão de motivações conscientes e inconscientes, independentemente do nível de tensão que suas gratificações possam produzir. A imaturidade do estudante e a realidade acadêmica demonstram ser fatores mobilizadores de sentimentos conflitantes (TRINDADE; VIEIRA, 2009, p.543).

A escolha pela graduação é um fator decisivo na vida de um jovem, como traz Trindade e Vieira (2009), ela é embasada de intenções e expectativas internas e externas, posto em análise o pensamento da forma de acolhida destes ingressantes nas próprias universidades.

“Já reprovei 6 vezes, tentei 3 anos passar em medicina, foi tempo demais e o arrependimento? Perder tanto tempo da sua vida, as pessoas me julgavam e falavam vai formar velha, e realmente isso está acontecendo, porque estou sem previsão para formar, mas estou bem, uma hora chego na colação de grau, um dia de cada vez.” (Estudante de Fisioterapia)

Percebemos no relato, uma realidade conflitante diante da sua opção por medicina antes de ingressar em fisioterapia, foram anos de tentativas que influenciaram em sua escolha. Evidência de que julgamentos de pessoas próximas sobre sua idade e o tempo que necessita está formada se estenderam, estando assim sem perspectivas, desmotivada.

Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020) argumentam que aspectos como a reprovação só podem ser superados em uma trajetória se as experiências passadas forem ressignificadas por aprendizagens oferecidas no presente em caminhos motivacionais.

Possuir o diploma de um curso superior, segundo Dias e Soares (2012), é uma realidade sonhada por muitos brasileiros, faz parte de toda uma trajetória histórica de lutas e anseios de diferentes estudantes. O que pode gerar perspectivas que ditam que possuir e alcançar um diploma é mais importante do que a escolha da profissão e o tempo destinado.

Segundo as autoras Dias e Soares (2012), a categoria de escolha considera também as limitações e complicações que perpassam fenômenos como a reprovação, onde: “A escolha inicial de um curso superior está vinculada a possibilidades e condições do ingresso na universidade” (DIAS; SOARES, 2012, p.274).

O ingresso na Universidade é muito importante porque pode definir rumos perante as decisões que serão tomadas e concebidas:

“Eu tentei o vestibular de 2014, não passei. Tentei o vestibular da ESCS, Universidade Católica, também não consegui cheguei mesmo até a ir ver FIES na Uniceplac, o curso chegava a 1 milhão de saldo devedor. Não quis e não tinha condições de fazer. Coloquei no PAS 3 farmácia, pasmem consegui. Não foi fácil, mas passar na UNB é euforia! Quanto ao futuro tenho medo e receio, é um curso vasto de áreas e muitas vezes temo por não ter espaço no mercado de trabalho.” (Estudante de Farmácia)

A perspectiva dessa estudante mostra uma trilha de caminhos que a levaram até seu curso atual: Farmácia. Ela chegou a procurar programas como o Financiamento Estudantil para realizar o curso de medicina em uma instituição privada do Distrito Federal, mas não realizou, pois suas condições financeiras não permitiam e o valor era totalmente inacessível.

A ESCS (Escola Superior de Ciências da Saúde) também apareceu em muitos relatos dos estudantes, é uma instituição de educação superior pública mantida pela FEPECS (Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde), localizada no Distrito Federal.

Segundo a própria ESCS (2022) a sua finalidade é aprimorar o ensino e a aprendizagem das ciências da saúde. Oferece o curso de graduação em Medicina e Enfermagem, bem como pós-graduação, pesquisa, extensão e residências dentro da própria instituição nas respectivas áreas.

O acesso aos cursos de graduação na instituição, segundo a ESCS (2022), ocorre apenas uma vez ao ano, a seleção é realizada pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) para candidatos que prestaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo aprovados por ano 80 estudantes por curso.

A instituição ESCS também adota o sistema universal e o sistema de cotas, bem como uma reserva de vagas para candidatos que cursaram todas as séries do ensino fundamental e médio em escolas distritais. É uma instituição concorrida e pela oferta de poucas vagas acaba sendo uma realidade distante para muitos jovens que residem no Distrito Federal.

A realidade da estudante, também perpassou a escolha de ir atrás de financiamento estudantil para realizar o curso de Medicina, mas acabou sendo impactada pelo preço exorbitante e pela dívida que a esperava, caso desejasse cursar.

Nassar, Couto e Junior (2021) mostram que cursos como Medicina, possuem alta concorrência nos vestibulares e alto custo de mensalidades na iniciativa privada, e o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil) se trata de um empréstimo bancário que tem que ser devolvido pelo estudante após a conclusão de seu curso.

Santos, Chaves e Paixão (2021) situam o Fies (O Fundo de Financiamento Estudantil) como gerador de inadimplência, pois vem gerando uma grande dívida para o governo e mesmo apresentando sua criação nos anseios de acesso à população carente a educação superior, vem se contrapondo aos reais interesses de seu surgimento, pois apresenta juros altos e um afastamento evidente das camadas populares: “A escolha inicial, portanto, limita e direciona futuras decisões de carreira que são muitas vezes desconhecidas no momento do ingresso” (DIAS; SOARES,2012, p.275).

Dias e Soares (2012) pontuam que escolhas iniciais limitam e orientam perspectivas futuras, não existindo mais a crença de que o curso por si só inicialmente define o que será, mas sim a adaptação à modernidade que acompanha a interdisciplinaridade dos cursos e as várias carreiras que podem existir dentro de uma única área.

A perspectiva da estudante evidencia que a aprovação na Universidade de Brasília é marcada por euforia, um sentimento inexplicável que perpassa sentimentos positivos e que mesmo com medo em relação ao que virá, existe felicidade no que sua trajetória está te levando.

Ribeiro (2017) situa a Universidade de Brasília como um inédito campo de possibilidades, como a universidade necessária, no sentido de que todos que a compõem fazem parte de um projeto acadêmico, educacional, arquitetônico e social importantes e vitais para a sociedade.

Ribeiro (2017) mostra ainda que a missão da universidade se possibilita a cada novo ingressante, projeto e história vivenciada na instituição, onde os campos de possibilidades se renovam e as trajetórias reais alimentam o hoje, mas não encerram os vários amanhã que a universidade participa.

Aqueles que conseguem alcançar com êxito a Universidade continuam suas histórias e a instituição sempre irá acompanhá-los nas várias possibilidades inventivas que podem percorrer.

A preferência inicial faz parte de um percurso de momentos e decisões, bem como de pesquisas, sentimentos, emoções e ações, que não se descolam da bagagem vivenciada e experimentada pelo indivíduo que escolhe cursar uma graduação na área da saúde.

As vivências que acompanharam este período de preparação para a carreira atual, são marcadas por escolhas singulares que tornaram caminhos possíveis, e marcados de desejos que se transformam e se movimentam em meio ao vivido.

4.3 ENTRE DECISÕES E TRAJETÓRIAS: PERCURSOS INVENTIVOS DAQUELES QUE UM DIA DESEJARAM MEDICINA

Quando questionados acerca das suas narrativas, se já desejaram Medicina, e como foi o processo de ingresso, o objetivo era analisar como o fenômeno da reprovação pode se constituir em suas relações sociais, profissionais e pessoais e como pode percorrer em suas vivências.

Os participantes trouxeram em suas narrativas aspectos que facilitaram e dificultaram sua trajetória de ingresso em seu curso atual, percebeu-se que cada um sentiu a reprovação de uma forma diferente.

“Tentei 3 anos da minha vida e não consegui, nem pelo Enem, nem pelo PAS, nem pelo vestibular, só consegui lograr em um curso na UnB pelo vestibular e olhe lá. Nunca fui capaz de passar. O que me ajudou foi ter fé que ia dar certo de algum jeito, mas não deu. Mas gosto do que faço e tô indo no meu ritmo, tenho crises de ansiedade e ataque de pânico devido ao estresse que adquiri.” (Estudante de Fisioterapia)

A incapacidade evidenciada pela estudante, perpassa noções que permeiam sua autoestima. Paixão, Patias e Dellaglio (2018) pontuam que vivências saudáveis estão relacionadas à própria forma de o indivíduo perceber, sentir e responder ao mundo diante da situação vivenciada.

Ainda, importantes estudos têm considerado a estabilidade e os níveis de autoestima, demonstrando que flutuações da autoestima podem ser decorrentes de experiências contextualizadas e imediatos sentimentos de autovalor, ou seja, a autoestima depende de como as pessoas se sentem no exato momento da ocorrência de fatos (PAIXÃO; PATIAS; DELLAGLIO, 2018, p.2).

Paixão, Patias e Dellaglio (2018) sinalizam ainda que pessoas vulneráveis a tendências pessimistas sobre si, estão mais propensas a apresentar oscilações de sentimentos de autovalor, como uma resposta particular a eventos negativos e as consequências que se exacerbam.

Destaca-se a importância de dar visibilidade a esses fenômenos por meio de estudos que possam contribuir para a construção de programas de intervenção que proporcionem aos jovens condições mais adequadas para uma adultez com bem-estar e qualidade de vida (PAIXÃO; PATIAS; DELLAGLIO, 2018, p.6).

Paixão, Patias, Dellaglio (2018) mostram a emergência da compreensão de que aspectos emocionais ligados à autoestima positiva, permeiam relações diante das situações estressantes, pois para estas situações devem existir propostas interventivas onde quer que o indivíduo se encontre.

“Desde muito pequena tive vontade de cursar Medicina, mas a partir do 2º ano do Ensino Médio uma angústia invadiu meu emocional e o medo da reprovação começou a tomar conta dos meus pensamentos. A cada prova, simulado ou leitura que fazia e relacionava a palavra Vestibular ou Enem, me

causava extrema insegurança e angústia por conta da grande batalha que eu teria que iniciar para conquistar a minha tão sonhada vaga no curso de Medicina, a qual demandava muitos estudos e horas de choro. Quando veio a pandemia em 2020, no meu último ano de Ensino MÉDIO, meu medo da reprovação cresceu e vários problemas eu desenvolvi, ansiedade, choros constantes e pânico. E em 2021 a reprovação no Enem veio, nem na Primeira Opção: Medicina, nem na Segunda opção: Odontologia, a aprovação não veio e eu me senti desolada. Porém, ainda me restava o PAS/ Unb que havia atrasado por conta da pandemia, com o cursinho já iniciado para tentar a medicina, fui e fiz o PAS e passei para Odontologia, mistura de sentimentos de felicidade e emoção. Como só iniciava o curso em 2022, fiz matrícula e continuei no cursinho para a tão sonhada Medicina, mas final de 2021 a reprovação veio novamente. E assim, resolvi cursar Odontologia e é um curso que me encanta muito. ” (Estudante de Odontologia)

A ótica das avaliações pode ser traumatizante para alguns estudantes, a estudante prestou o Exame Nacional do ensino médio (Enem), o Programa de Avaliação Seriada (Pas) e o Vestibular tradicional da Universidade de Brasília, diversos processos seletivos para realizar a vontade da infância, mas se encontrou em odontologia e está encantada e se sente bem.

Quando o fenômeno da reprovação acontece em processos seletivos, Padoin e Silva (2008) relatam que é algo que pode passar despercebido e naturalizado diante dos processos de curso de vida desses estudantes. Entretanto, é necessário considerar que algumas carreiras exigem uma formação sólida e de qualidade durante os anos anteriores de estudos no Ensino fundamental e Médio.

Dentre as novas formas de avaliação que geram o ingresso a educação superior, Padoin e Silva (2008) situam o programa de Avaliação Seriada (Pas) da Unb como uma forma inovadora de acesso, mas que ao mesmo tempo mantém a estratificação social de acesso aos cursos de maior prestígio social, assim como o vestibular que também supõe a avaliação de três anos de Ensino Médio em uma única prova.

Provas como o Exame Nacional do Ensino médio (ENEM), segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2018), é realizado em duas etapas e tem como referência na primeira etapa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e na segunda o disposto nos Referenciais para a Elaboração dos Itinerários Formativos, que são propostos a partir das áreas de conhecimento e da formação técnica e profissional pelos respectivos sistemas de ensino.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2018) trazem como novidade que o estudante inscrito no ENEM poderá escolher as provas do exame da segunda etapa de acordo com a área que se vincula ao curso superior que pretende cursar.

Adicionalmente, estimula as discussões a respeito das políticas voltadas à melhoria da qualidade das escolas como alternativa para suavizar o papel da família sobre resultado educacional, visto que o Brasil ainda apresenta cenário

com baixo nível de renda e educação (FIGUEIRÊDO; NOGUEIRA; SANTANA, 2014, p.390).

Figueirêdo, Nogueira e Santana(2014) ao estudarem a igualdade de oportunidades e a relação de desempenho de estudantes que prestaram o ENEM, concluíram que estudantes que obtém a aprovação no processo seletivo possuem investimentos pontuais das famílias, rendas superiores e espaços de ensino médio em instituições especializadas para esse alcance, afastando pontualmente estudantes de camadas populares, que optam pelo acesso ao mundo do trabalho com maior assertividade.

Lançando o desafio de repensar as políticas de ingresso, pois para um alcance positivo de suas vagas os participantes em geral declararam a realização de cursinhos preparatórios. O que, segundo Padoin e Silva (2008), são cursos que focalizam o acesso à educação superior e onde se aprende a fazer o vestibular.

“O que facilitou minha aprovação foi fazer o cursinho que minha mãe pagava para mim e me obrigava a ir, porque se quisesse pagar faculdade eu quem ia atrás, minha cota de escola pública foi mais que merecida. O que dificultou minha aprovação, foi o fato de não ter boa base da escola para fazer as provas do Enem e do PAS, mesmo que minha escola estimulasse a gente, eu não conseguia acompanhar o cursinho, eu estudava todos os dias e a noite, porque queria entrar na UnB seja lá para o que fosse, o resto eu ia pensar depois, e aqui estou, não consigo me formar e penso em desistir porque estou muito atrasado.” (Estudante de Farmácia).

O estudante, aluno de escola pública, cotista, entrou na Universidade. Sua experiência se deu com muita batalha, sua mãe pagava seu curso preparatório e se quisesse faculdade privada teria que ir atrás, pois os recursos da família eram limitados, queria estar na universidade, aceitando qualquer curso e oportunidade que sua nota conseguisse.

O cursinho preparatório, segundo Padoin e Silva (2008), é um escape necessário para aqueles que querem potencializar sua aprovação de forma satisfatória, segundo os autores, aqueles estudantes que optam por cursinhos preparatórios conseguem ingressar com facilidade.

Quando optam por essa preparação, Padoin e Silva (2008) mostram que existem indicadores que comprovam que as escolas, principalmente públicas, não são suficientes para garantir a aprovação do aluno em cursos de maior prestígio social. Sendo os cursos preparatórios realidade distante para muitos educandos oriundos de escolas públicas, pois: “O financiamento dessa preparação para o ensino superior é feito pelos pais. São custos altos e viáveis apenas aos pais de maior poder aquisitivo” (PADOIN; SILVA, 2008, p.82).

Padoin e Silva (2008) também contornam a existência de ações e projetos sociais que oferecem cursinhos voluntários, direcionados para jovens carentes e que não possuem

recursos para arcar com um cursinho tradicional, podendo inferir que o acesso ao cursinho preparatório é uma porta de ingresso e pode ser considerada requisito para a educação superior, que vem sendo naturalizada e inerente ao processo de ingresso. As cotas de escola pública são uma política de ingresso que foi muito discutida por estudantes que participaram do formulário:

“ Como contei anteriormente não me faltaram tentativas, mas não quis arriscar e coloquei farmácia no PAS. Consegui entrar, o que facilitou foi o uso da cota de escola pública, pois vim de lá e pensa em uma que é justa! Nós não temos bagagem, temos horários vagos o ensino médio é precário. O que facilitou foi estudar em casa e no cursinho. Mas sempre me senti um passo atrás dos que eram de particulares. O que é verdade porque durante matérias do curso atualmente, vejo que tenho que estudar o que não estudei e o que é o conteúdo novo. É um saco, leva tempo e parece que estou sendo alfabetizada de novo.” (Estudante de Farmácia)

A aluna, detalha sua experiência como uma nova alfabetização, pois, segundo ela, as dificuldades que a acompanhavam em sua experiência antes da entrada no curso continuaram e ainda continuam, pois toda a sua bagagem de conteúdos é vaga, imprecisa e não atende as expectativas de suas disciplinas.

O acesso às universidades públicas por meio de cotas, segundo Vasconcelos e Silva (2005), é uma realidade nova ainda, porque tende a gerar estranhamento por parte da população acerca de sua segurança e eficácia. Os autores pontuam que cotas de acesso à educação superior tem sido implementadas sem um debate merecido com diversos segmentos da sociedade, e sem os estudantes que irão pleitear uma vaga.

Vasconcelos e Silva (2005) ao debaterem sobre as políticas de acesso à educação superior relatam que apenas uma parcela considerável dos que concluem o ensino médio nas escolas públicas enfrentam o vestibular, especialmente pelo menor preparo e pelas limitações escolares, pois muitos nem se interessam por esta etapa de ensino por conta destas limitações.

A Universidade de Brasília (2022) adota os dois períodos letivos do ano com dinâmicas de ingresso diferentes, no primeiro período os acessos à universidade são o Programa de Avaliação Seriada (PAS), vestibular tradicional, licenciatura em libras, transferência facultativa e portadores de diploma de curso superior (DCS).

Já no segundo semestre letivo as portas de entrada são o PAS, o Enem, vestibular para licenciatura em educação do campo (LEDOC), transferência facultativa (TF) e portadores de diploma de curso superior (DCS) e também o vestibular indígena.

Em cada semestre letivo existem variações de ingresso, o que, segundo a Universidade de Brasília (2022), a coloca como referência nacional de ensino, pois depreende-se que essa dinâmica oportuniza várias portas para o educando que quer acesso à universidade. Para cada processo seletivo existe um edital, com as especificações, bem como datas de prova e regras detalhadas.

Em especial o PAS e o Vestibular tradicional adotam uma política de cotas específica, segundo o último edital do Vestibular tradicional:

O vestibular é realizado por meio de três sistemas de vagas: o Sistema Universal, o Sistema de Cotas para Escolas Públicas e o Sistema de Cotas para Negros. Os candidatos que se inscreverem no vestibular deverão optar por concorrer prioritariamente pelo Sistema Universal, pelo Sistema de Cotas para Escolas Públicas ou pelo Sistema de Cotas para Negros (CEBRASPE, 2022,p.1).

No sistema de cotas para escolas públicas, o candidato deverá apresentar, segundo o Cebraspe (2022), renda bruta igual, inferior ou superior a um salário mínimo e meio, há também nesta modalidade a cota racial para os candidatos que se declararem pretos, pardos ou indígenas. Assim como para aqueles que não se autodeclararam pretos, pardos ou indígenas que estudaram em escola pública, e para candidatos que sejam pessoas com deficiência e que estudaram em escolas públicas.

Esses candidatos que pleiteiam suas vagas e que utilizam a cota de escola pública, comprovam que cursaram o ensino médio em instituição pública, bem como se foram bolsistas integralmente em alguma escola privada. Entrando também os casos em que o candidato estudou certo período na rede pública e foi para a rede privada sendo bolsista integral.

Junior, Campos, Daflon e Venturini (2018) relatam que a história das ações afirmativas no Brasil não equilibra a diversidade da população presente no Brasil, e que quando a inclusão ocorre, se dá sempre em cursos menos concorridos, o que ainda é um desafio para as universidades. A lei 12.711 de 2012 trata sobre o ingresso nas universidades federais, em seu artigo primeiro é explícito a reserva de vagas para alunos oriundos de escolas públicas de ensino médio:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL,2012).

É evidente que o ingresso nas universidades federais é uma preocupação pública e política, ao percebermos a abrangência, segundo a Lei de Cotas para o Ensino Superior (2012), para estudantes oriundos de família com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio. Percebemos também a problemática do dilema de ingresso à educação superior, que pode ser inacessível e uma utopia para algumas parcelas da população, como pontuam Vasconcelos e Silva (2005). O artigo terceiro da referida lei afirma que:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL,2012) .

A lei de ingresso na educação superior (2012) valida ainda que no caso de não se preencher estas mesmas vagas do artigo terceiro, as remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

A lei, contudo, fixou quatro subcotas: (1) candidatos egressos de escolas públicas, independentemente da cor e da renda, (2) candidatos de escolas públicas e baixa renda, independentemente da cor, (3) candidatos pretos, pardos e indígenas de escolas públicas, independentemente da renda, e (4) candidatos pretos, pardos e indígenas de escolas públicas e de baixa renda (JUNIOR; CAMPOS; DAFLON; VENTURINI, 2018, p.84) .

Junior, Campos, Daflon e Venturini (2018) pontuam ainda que a adesão por partes das universidades federais é máxima, pois estas seguem e seguem à risca a legislação em vigor, mas:

Essa opção pode parecer justa se considerarmos que, embora o Estado brasileiro ofereça educação pública gratuita aos cidadãos, o sistema educacional do país é marcado por uma perversidade fundamental: enquanto as melhores instituições de ensino fundamental e médio são privadas, as instituições de ensino superior de maior qualidade são gratuitas e estatais. Tal situação nega aos estudantes pobres oportunidades educacionais, uma vez que a educação básica pública não os prepara para a competição intensa com os estudantes de classes média e alta por um lugar na educação superior pública de qualidade (JUNIOR; CAMPOS; DAFLON E VENTURINI; 2018, p.87).

As cotas estão funcionando como um mecanismo de inclusão de egressos da escola pública e está dando visibilidade para aqueles que eram esquecidos no sistema. Em alguns casos o desempenho destes alunos supera o de não cotistas, mas não são todos, e a presença destes alunos acaba sendo limitadora. O que, segundo Junior, Campos, Daflon e Venturini (2018), não impulsiona a inclusão, mas reforça que as desigualdades continuam.

“Desde o ensino fundamental queria medicina, durante o ensino médio cogitei e após ensino médio fiz vestibular para medicina. Estudei 1 ano e meio, sozinha em casa e no resultado do meu terceiro vestibular com receio de não entrar na universidade, joguei minha nota para Psicologia, que era uma ciência que tinha muita afinidade e queria conhecer mais, caso não gostasse do curso desistiria. Mas entrando no curso amei o curso e sou apaixonada. Os aspectos que facilitaram a minha aprovação foi a organização nos estudos e conhecimento da demanda e minha nota e saber que pessoas de escola pública assim como eu, entram na UnB. Aspectos que dificultaram a aprovação foi a falta de apoio familiar, adoecimento psicológico e falta assistência em relação as dúvidas que tinha, por estudar só, também sofri com falta de material e isolamento social. ” (Estudante de Psicologia)

A estudante alega que desde seu ensino fundamental queria medicina e que pessoas como ela oriundas de escola pública também entram na Universidade de Brasília. A estudante mostrou ainda que não possuía material de qualidade, mas que hoje tem amor por seu curso e que se reinventou em meio a todas as dificuldades que passou em várias tentativas de acesso à universidade.

Acolher o que veio e o que chegou é um ato de hospitalidade, como traz Derrida (2012), é essa recepção que gera afetos e é positiva, pois ela não era esperada e nem definida, mas uma incerteza que chegou e provocou sentidos novos, em um ato de acolhimento.

A trajetória de aprovação da estudante passou por aspectos singulares que perpassaram situações e momentos marcantes que produziram novos sentimentos. Neves e Araujo (2006) abordam que trabalhar com situações emergentes e possíveis formas de soluções, não abrange o desenrolar que uma reprovação pode inferir, pois dela não se tem controle.

Neves e Araújo (2006) pontuam que:

De modo geral, a manifestação da diversidade humana, expressa enquanto diferenças (de ritmos, estilos e padrões para aprender), tem sido entendida como deficiência ou desajustamentos diante de uma expectativa idealizada de padrões satisfatórios, homogêneos e regulares de desempenho escolar (NEVES; ARAUJO, 2006, p.165).

É importante a reflexão e as indagações acerca de campos emocionais, culturais e simbólicos, pois um indivíduo está sempre em um processo de desenvolver-se diante de sua vida. Fenômenos individuais acontecem em sintonia com os sociais e há a existência de padrões, onde histórias se tornam armas de superação e mecanismos de resistência.

4.4 FRAGMENTOS DA REPROVAÇÃO: EM MEIO AO MOVIMENTO DE TORNAR-SE

“Um eu é muito relativo de dizer, a imagem que transparecemos aos outros é que nos define, quem a gente é para nós mesmos é sempre perfeito.” (Estudante de Psicologia)

“Quem sou é difícil de dizer gosto de perguntar sempre para os outros como me veem, porque não consigo me enxergar como me enxergam.” (Estudante de Terapia Ocupacional)

“Eu sou alguém que gosta da imagem que criam de mim, mas não sei sobre ela. Ou sei?” (Estudante de Odontologia)

A opção por começar com essas afirmações destes estudantes não é por acaso, fizemos até aqui um processo de escuta das vivências, que se desmembrou em percepções abrangentes sobre o fenômeno. Considerando como necessário a reflexão e o convite a conhecer, perceber e criar novos sentidos sobre a diversidade existente nas singularidades.

Estes estudantes mostram em seus relatos a necessidade de autopertencimento a imagem feita por outros indivíduos, alertando a dificuldade de um olhar crítico, sensível e reflexivo sobre si. A validação do outro é sempre necessária e crucial, o que o torna vulnerável, como abordam Machado e Oliveira (2021):

A complexidade das mudanças vividas torna-o vulnerável frente às mídias e exigências sociais, que impõem determinados padrões de comportamento e estilo de vida. Essas exigências os enlaçam em uma condição existencial, com o risco de se reduzir à imagem numa sociedade na qual os valores subjetivos se desfazem (MACHADO; OLIVEIRA, 2021, p.2664).

Dizer sobre si implica movimentos aparentes que envolvem outras pessoas, mecanismos sociais e a própria situação vivenciada. A perfeição é algo que pode ser buscada, mas ela escapa, pois, segundo Machado e Oliveira (2021), a autoimagem carrega consigo um peso insustentável, que não pode ser medido ou determinado.

Essa busca pela perfeição, pela perspectiva de Nietzsche, pode levar o ser humano a idolatria cega, ao exagero, condicionando pensamentos e ações em fracassados ideários. Segundo Norton (2016):

O mundo, para Nietzsche, é um imenso laboratório de vivências ou experiências, no qual certas coisas têm sucesso, outras fracassam, e falta uma ordem ou uma lógica entre elas. Não há uma ordenação visando a um fim, à perfeição humana ou do mundo (NORTON, 2016, p.184).

Ao situar o mundo como um laboratório de vivências Nietzsche, segundo Norton (2016), percebe a vida como uma riqueza de experiências, em um sentido, de que tudo aquilo que o indivíduo interage são supostos fracassos ou acertos. Ou seja, diante deste laboratório não existem fórmulas prontas e perfeitas, assim como produtos finais esperados e deduzidos, o que torna a vida um grande e valioso experimento, dentro deste laboratório.

A perfeição é inalcançável, vaga e imprecisa. Zavatta (2021) mostra que cada indivíduo é diferente do outro, importando esta diferença para que não se reproduzam certas idolatrias:

Ou seja, Nietzsche não apresenta um conjunto de comportamentos corretos ou virtuosos, contrapostos a um conjunto de atitudes e ações malignas. Ao contrário, ele se concentra no processo de individualização, vale ressaltar, no processo de formação do caráter que leva à autonomia moral e à expressão original de si mesmo (ZAVATTA, 2021, p.53).

A imagem que supostamente transmitimos aos próximos, retratam movimentos aparentes que, segundo Oliveira e Machado (2021), na sociedade em que vivemos existe a ideia de que a vida é um espetáculo, com tendências superficiais, perfeitas e iguais para todos. Principalmente, pelo que impõem mídias sociais que tem como consequência a forte alienação e a imagem fragmentada dos indivíduos que participam desse espetáculo.

Imagem esta que é proposta por cada espectador sendo frágil e limitada, pois já existe um espetáculo concebido que deve ser seguido à risca. Existe um reconhecimento social que importa para cada participante, o período vivenciado de ingresso para seu curso, influencia no momento atual e gera peculiaridades.

A busca pela perfeição e pela aceitabilidade social também se estende, já que ao referir-se a si mesmo estende a tendência que a perfeição é alocada conforme se dá a responsabilidade para o outro dizer sobre quem se é.

Segundo Oliveira e Machado (2021), a autoimagem pode ser entendida como a forma que o indivíduo se visualiza, como pressupõe, ou como se sente. Assim, tratando-se de um fenômeno psíquico que possibilita a representação e o registro de eventos vividos ou percebidos, formando-se como algo visual, que interfere nas divergentes posições a quais as interações com os meios sociais requerem.

“Eu quero ser tudo que sou capaz de me tornar, como Katherine Mansfield. Gosto muito dessa frase porque, penso que todo dia me requer uma versão de mim.” (Estudante de Fonoaudiologia)

“Sou uma pessoa em constante transformação.” (Estudante de Farmácia)

“Não sou a mesma de ontem isso eu já sei!” (Estudante de Farmácia)

“Cara. Quem sou eu? não sei dizer, mas alguém que se transforma todo dia.” (Estudante de Educação Física)

“Hoje não sei se posso dizer quem sou, porque todos os dias tenho me confrontado com tudo aquilo que já passei. Ontem era uma, hoje já não sei e amanhã não posso ter certeza, porque se o mundo tá mudando o tempo todo, eu também estou.” (Estudante de Farmácia)

Fragmentos que contornam o tornar-se são evidenciados por esses estudantes, que não se acomodam em perspectivas limitadas sobre si e idealizam noções de passado,

presente e futuro que lhes são próprios, resgatando assim a dinamicidade de entender e compreender a vida como uma obra em criação.

O desenvolvimento pode ser considerado o próprio vir-a-ser: tornar-se algo e definir e assim sucessivamente. O ser humano, como todo ser vivo, não tem uma meta, mas tem desenvolvimento, ou seja, sua pretensa finalidade, seu pretense ponto final, não é mais importante que qualquer ponto de sua trajetória de desenvolvimento (NORTON,2016, p.183).

Cada estudante está aberto à perspectiva de que tudo se encontra em um contínuo movimento que começa em si mesmo, estando assim em um desenvolver-se a cada instante, como mostra Norton (2016).

Segundo Zavatta (2021), o entendimento do tornar-se equivale ao entendimento de que são idealizadas supostas criações acerca de si, que caminham em volta dessa busca constante em supor, predizer, mas este tornar-se nunca está propriamente dito, pois é transformado, reinventado e modificado a todo e qualquer momento.

A visualização de um caminho a ser vivido faz parte da transformação humana, Lemm (2020) traz que para Nietzsche o passado de toda existência sensível, segue vivendo, escreve, ama, odeia e raciocina.

O estudante que ingressa em um curso superior visualiza um caminho, possui uma meta e faz parte de um desenvolver-se que requer enfrentamentos e abertura ao que supostamente chega. Augusto (2002) traz que a sociedade moderna adequa suas pretensões partindo de noções temporais.

“Eu já fui e sou tanta coisa, que já me perdi no que acho que sou.”(Estudante de Farmácia)

“Sou uma pessoa em constante transformação. ” (Estudante de Farmácia)

“Eu costumo ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo, já dizia Raul Seixas. Então não consigo me definir, porque sou esse dinâmico, esse indivíduo que se movimenta. ” (Estudante de Fisioterapia)

A instabilidade em dizer sobre si é claramente um esforço contínuo de um indivíduo, que deve, segundo Marcelo e Fischer (2014), ter em mente que o cuidado consigo mesmo e suas experiências é investigação, produção e reflexo de escolhas diárias e potenciais que compõem a si mesmo, com todos os gestos produzidos dentro desse processo: “Porque se trata, sobretudo, de uma relação consigo é que se pode falar, genuinamente, de arte de si e de moléculas de resistência” (MARCELO; FISCHER,2014, p.173).

Quando Marcelo e Fischer (2014) situam a si mesmo como uma arte, os traços que o vivido remete é que compõem a grande obra que toma a vida como principal pincel. Sendo as moléculas de resistência, caminhos e cicatrizes que colorem a si mesmo, sempre em um movimento de resistir, de transformar o que está a vir dentro de uma vida vivida.

O esforço para manter-se em dia com o seu próprio tempo provoca, nas pessoas, o afastamento dos padrões significativos do passado, sem que suas próprias referências de valor se enraízem; com isso, as perspectivas de um (possível) futuro ficam também obscurecidas. Do mesmo modo, a experiência do passado já não garante a base para atuação no presente (AUGUSTO, 2002, p.31).

Segundo Augusto (2002), a perspectiva temporal se concretiza quando o ontem referente ao passado, e o hoje (tempo presente) permitem pensar sobre um amanhã, como uma possibilidade futura. Derrida (2009) traz o caráter autobiográfico do indivíduo que escreve, seu texto é marcado de vida, história e sensações, de vivências e traços do vivido:” As forças que ocupam até a última célula de nossos corpos, encontram-se em constante combate: as vivências alimentam determinadas forças, e as que se tornam mirradas persistem na luta pela chance de prevalecer” (BIATO; LUZIO, 2022, p.6).

Biato e Luzio (2022) mostram que de acordo com o pensamento nietzschiano, vivências são elementos pouco previsíveis que mesmo ao serem compartilhadas, permeiam sentidos diversos diante de outros corpos, alimentam as forças corpóreas, singulares sempre em uma estrada de tornar-se.

Rota, Biato, Macedo e Moraes (2021) relacionam a noção de vivências como uma afirmação do processo de vir a ser no qual sempre nos encontraremos, pois sua relação com a vida se dá sempre como um movimento de tornar-se. Enquanto somos viventes estamos nos tornando, com todas as possibilidades inventivas que a vida nos oportuniza.

Nesse contínuo movimento de tornar-se, as vivências se apresentam como alimento. Ou seja, as vivências – que podem ser situações ordinárias ou extremamente significativas são fígadas por determinadas forças que compõem o corpo, tornando-as robustas e prevalentes. Simultaneamente, outros vetores se enfraquecem, definham, sofrem de inanição, ainda que sobrevivam abrindo possibilidades aos processos de criação e invenção de si (ROTA, BIATO, MACEDO E MORAES, 2021, p.4176).

Ao situar o contínuo movimento de tornar-se, como pontuam Rota, Biato, Macedo e Moraes (2021), dentro deste movimento existem alimentos, vivências que nutrem uma trajetória e fazem parte de uma história, onde existem aspectos que são capazes de fortalecer o vivido, abrindo outros enfrentamentos e transformações.

Quando esses estudantes trazem consigo relatos de incerteza, instabilidade e fragilidade com a percepção sobre si, é notável percebermos que existem vivências que influenciam nessa percepção intensa e que impactam nos estilos de criação por cada um dos estudantes, por aspectos que prevaleceram diante do vivido pelo fenômeno da reprovação e os resquícios gerados.

“ A única certeza que sei é como diz a música do Kid abelha: Nada sei dessa vida, vivo sem saber, nunca soube, nada saberei, sigo sem saber, que lugar me pertence, que eu possa abandonar, que lugar me contém, que possa me parar... essa música diz tudo né? ” (Estudante de Enfermagem)

Quando o estudante traz a canção da banda Kid Abelha gravada em 2002, intitulada “Nada Sei”, podemos destacar que a vida é esse intenso processo de movimento, de tornar-se, que não necessariamente é uma descoberta feita em lugares. A banda destaca ainda, o fato deste indivíduo ser errante e com muitos erros, pois é aberto ao que a estrada pode percorrer, estando sempre na estrada distante de concepções prontas, vagas e limitantes.

O indivíduo que percorre um caminho com êxito em seu ingresso na universidade é parte de uma estrada, mesmo que traga consigo bagagens com objetos e visões necessárias para sua sobrevivência. Ele contempla a vida com possibilidades de não dizer sobre si ou permitir que outros o façam, mas sabendo que a dinamicidade de suas ações e escolhas os levam para rotas e caminhos ainda desconhecidos.

Quando provocados a deixarem mensagens para si mesmos, muitos participantes se sentiram desafiados e instigados a refletirem sobre sua trajetória, como finalização do formulário proposto, surgiram palavras como paciência, resiliência, empatia e orgulho, o que evidenciou que refletir sobre toda a sua trajetória, ter sua história validada e considerada importante para um instrumento de pesquisa deixou marcas de superação e aceitação ao que está por vir e ao que chegou.

Mesmo não alcançando a escolha inicial de sua vida acadêmica (Medicina), apareceram relatos que mostram a satisfação em participar de seu curso atual e indícios de mecanismos de resistência diante do que foi vivido antes de entrar no curso atual.

“Que a maioria dos cursos da Saúde que são sonhos de muitos, assim como meu, podem nos inquietar durante o processo de passar mas devem ser levados com leveza e autocuidado, para no fim a alegria ser única e o sentimento de cansaço ou insuficiência não tome conta por ter sido apenas um obstáculo ultrapassado”. (Estudante de Odontologia)

A estudante experimentou toda a sua trajetória singular como parte de um sonho, que não é só seu, mas de muitos que anseiam cursos da área da saúde. Sua mistura de

sentimentos permeia noções de leveza e autocuidado, tomando como importante a percepção de que a reprovação seja um obstáculo ultrapassado.

Bock (1997) pontua que os indivíduos fazem parte de um processo histórico, e lançam diariamente novas formas de satisfação de suas necessidades, estando sempre em um permanente movimento de processar o que acontece, como acontece, e o que pode ser mudado a partir do que acontece.

Situar a reprovação como um obstáculo ultrapassado é um ato de coragem, um ato de transformação e renovação do vivido. Sabrina, ao optar por esta escolha, lança novos objetivos e novas possibilidades em sua vida vivida, o que Bock (1997) reflete que:

Os indivíduos possuem características e atributos que se configuram de modo particular, determinando seu lugar social, seu sucesso ou fracasso na sociedade. Dadas condições adequadas e liberdade, estes são os únicos responsáveis pelo seu desenvolvimento (BOCK, 1997, p.40).

A discente se mostra como única responsável por seu desenvolvimento, com todos os condicionantes que o acompanha, mostrando que novas visões diante do fenômeno da reprovação são necessárias, para que ela não seja encarada como tudo é limitante, e sim parte de um caminho, que se transforma a partir dela.

“Às vezes o caminho que você tenta nem sempre é o certo naquele momento, tudo tem um propósito, inclusive as falhas e reprovações.” (Estudante de Enfermagem)

“Podemos nos reinventar e galgar outras alternativas. Não precisa de tanto sofrimento.” (Estudante de Psicologia)

Estes relatos, trazem em suas experiências um relato de abertura e enfrentamento diante da vida ser como ela tem que ser, na perspectiva de que se deve viver o processo e saber que com ele você vai aprender, se envolver e se surpreender, mesmo com todas as falhas que ele pode apresentar e o que uma reprovação pode causar.

Entender e compreender a reprovação como uma normalidade dentro da vida vivida parte de, como traz Marcelo e Fischer (2014), um cuidado de si que se estende do pensar de e em outras formas, para além de um fenômeno vivenciado e de si. Os autores mostram que devemos sim problematizar e transformar tudo que experimentamos enquanto viventes.

Jacomini (2010) indaga que é necessário enfrentar a reprovação de frente, reconhecendo os percursos que ela gera e experiências que ela proporciona, pois ainda existem poucos estudos que contemplam essa dinamicidade, devido a sua polêmica necessidade.

“Onde você está é onde você quis estar, se sua escolha foi ruim ou boa, só se vive uma vez, então vive em você o que você quer.” (Estudante de Farmácia)

Werneck (2007) ao situar seus estudos diante da reprovação, traz o sentimento de esperança, que caminha com um processo de criação, que faz parte da humanidade e de vivências. Onde cada indivíduo que encara a reprovação, faz parte de um universo e crescem, o universo cresce na mesma proporção, pois: “Não estamos sozinhos, existem bilhões de seres humanos e viventes pulsando conosco”(WERNECK,2007, p.93).

O que Werneck (2007) propõe é que quando surge esse sentimento de esperança se estende as mãos para o ato de atravessar problemas, adversidades e entraves que se moldam em meio às expectativas. Valendo assim, reflexões a respeito de enfrentar positivamente o fenômeno da reprovação.

Quando o discente escreve para si, sua experiência focaliza o desejo de estar onde escolheu, remetendo em sua fala que existiu um desejo anterior que foi proposto por uma escolha, vivendo assim consigo desejos, anseios, perspectivas e acima de tudo criações.

Jacomini (2009) pontua que existe a necessidade e o anseio emergente de mudar a concepção que a reprovação é encarada dentro da própria sociedade, pois:

Poder-se-á mudar essa concepção e investir na construção de processos educativos na perspectiva da educação como direito de todos, e instaurar uma forma de educar que contribua para alunos e professores terem como atividade o estudo e o ensino, respectivamente, em oposição aos exames e à reprovação (JACOMINI, 2009, p.570).

Jacomini (2009) indaga que educar sem reprovar é uma realidade distante, mas pode ser atingida se o fenômeno da reprovação for encarado de forma séria. Certo que reafirmar o seu caráter de pressão, punição e exclusão desobriga estudantes e os desanima de seguir por caminhos como a entrada na educação superior.

“Espero que você se forme nesse curso que você nem pensou como era e, seja um orgulho para sua mãe, que confiou em você, que pagou cursinho para você e que você não consegue passar nas matérias e não sabe nem que dia vai formar, será que se você tivesse sido médico você teria sido mais motivado? (Estudante de Farmácia)

“Atualmente vejo o quanto você nem é visto na universidade, os “drs” nem te enxergam como pessoa, e o que mais me desmotiva e me leva a temer reprovar, além de ser um curso difícil, vejo que não vai ser fácil formar.” (Estudante de Farmácia)

Um dos estudantes, presencia em seu relato a dificuldade para se manter dentro de seu curso, reforçando a noção de que a reprovação não se dá somente no período de ingresso para a educação superior, ela percorre o tempo de graduação e pode até mesmo ampliá-lo, gerando dúvidas dentro do pulsar de vivências do indivíduo.

Diogo, Raymundo, Wilhelm, Andrade, Lorenzo, Rost e Bardagi (2016) ao pontuarem a visão de percepções de coordenadores de curso superior sobre evasão, reprovação e estratégias preventivas, analisam que a reprovação na graduação é uma realidade gritante e de números alarmantes, e os determinantes que levam à mesma, são em grande maioria externos, os quais as universidades não buscam entender e perceber, pois são casos considerados isolados.

Os calouros chegam à universidade mal preparados pelo Ensino Fundamental e Médio; possuem ideias equivocadas sobre o curso; o nível de exigência desse é incompatível aos dos alunos; muitos possuem condição socioeconômica desfavorável, levando-os a buscar trabalho remunerado paralelo à realização do curso superior, diminuindo o tempo dedicado aos estudos; há falta de interesse por parte dos estudantes; entre outros problemas (DIOGO; RAYMUNDO; WILHELM; ANDRADE; LORENZO; ROST; BARDAGI,2016,p.146).

Diogo, Raymundo, Wilhelm, Andrade, Lorenzo, Rost e Bardagi (2016) analisam ainda que as medidas paliativas quanto a temática da reprovação dentro das universidades se dão pelo oferecimento das disciplinas que mais reprovam, semestralmente em mais turmas. E queixas referentes ao desempenho dos docentes feitas pelos discentes não merecem atenção especial, não existindo diagnóstico algum que considere fatores como a reprovação, em cada curso.

Sendo necessário a visibilidade de aspectos que conversem com práticas pedagógicas dentro de instituições de educação superior, pois conhecer os problemas do mundo presente é um dos princípios expressos na LDB (1996), segundo Corazza (2013), a aula é uma nova possibilidade, uma nova criação.

Cabendo ao docente que lida com alunos que reprovam, a valorização dessa diversidade para a instituição, para o espaço coletivo intitulado sala de aula e para o futuro mercado de trabalho, bem como considerar a importância do vivido, que será refletida para os pacientes pelos quais este educando irá passar.

Não podendo fazer com que esses discentes percam as capacidades inventivas de transformarem suas ações e suas práticas diárias, como Corazza (2013) pontua, quando existe contato entre sonhos e vidas se despertam e transformam novos olhares, resgatando assim a importância dos traços do vivido e da adequação a uma educação de qualidade.

As incertezas sempre farão parte de uma trajetória individual, fenômenos como a reprovação percorrem vivências e deixam suas marcas, ou melhor, suas cicatrizes, que ressignificam a cada olhar escolhido e transformado por quem faz esta leitura, sendo sentida de forma diferente por cada um. Viesenteiner explica que um momento ocorrido é:

De tal modo radicalmente individual, a ponto de ser diferentemente vivenciada por cada pessoa – segundo a configuração de seu grupo de sensações –, e cujo significado deverá ser obliterado ou achatado quando for comunicado de forma compreensiva aos outros (VIESENTEINER, 2013, p.153).

Viesenteiner (2013) ao relacionar as vivências, tais como traz Nietzsche, mostra exatamente isso, que cada vivência, mesmo que carregue sensações comuns, é sentida de forma diferente por cada um, existindo sim, modos distintos de olhar para uma vivência, que é sempre singular.

A reprovação de cada participante ao ingressar em seu curso atual, percorreu uma singularidade que é própria, que jamais será sentida igualmente por outra pessoa, remetendo assim a percepção de que a reprovação é um caminho que existe entre o que seja considerado bom e ruim. Evidenciando que dentro deste caminho se encontram novas possibilidades e invenções em um mundo de constante transformação, pois a esse caminho são inseridas vivências.

5. PRODUTO TÉCNICO: ESPAÇOS DE ENVOLVIMENTO

Segundo Ferreira (2015), o Mestrado profissional requer um olhar cuidadoso por parte do pesquisador, pois necessita em sua completude da união entre a teoria e a prática, no sentido de que sua temática não se esgota, permeia em muitas possibilidades reais de transformar e emancipar os ambientes estudados.

Como ponto de partida e retomando as considerações anteriores acerca da temática da reprovação, é importante destacar que o fenômeno demanda expectativas para o futuro: “Assim sendo, a educação possibilitará a construção do futuro partindo das experiências passadas, ressignificadas por meio das aprendizagens oferecidas no presente” (SILVEIRA; ZAPPE; SANTOS; DIAS, 2020, p.13).

Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020) situam a educação como composição do futuro, ou seja, parte de um futuro que será criado, dependente do resultado e da união das experiências que foram presenciadas e ressignificadas, principalmente no tempo presente. Sendo de crucial importância a preocupação com o presente para que novos futuros possam ser possibilitados.

Partindo desta perspectiva, o produto técnico consistiu em um caminho intitulado a partir do percurso estudado, cujo nome atribuído se dá como “Espaços de Envolvimento”. Consistem em espaços dentro de períodos de formação coletiva, cujo objetivo é trabalhar temáticas como a chegada à educação superior e experiências individuais de professores, que envolvem a reprovação e a preparação para as escolhas profissionais, temas emergentes que perpassam os dois níveis escolares.

Estes espaços são voltados para profissionais da Educação Superior, podendo ser ampliado para docentes do Ensino Médio, com foco na relação professor-aluno e nas experiências individuais que cada docente apresenta. Bem como na preparação para as escolhas, que não são iniciadas apenas no ensino médio, mas durante toda a vida.

Envolvimento, segunda Festas, Prata, Oliveira e Veiga (2018), é um fator decisivo para a participação de pessoas em atividades e em relações de ensino aprendizagem, é aliado à motivação, pois envolve variáveis pessoais e contextuais que caminham em direção a desempenhos positivos ou negativos.

Os espaços de envolvimento pensados como produto técnico deste estudo, se norteiam com as seguintes perguntas: “ Como facilitar a chegada na Educação Superior?,

Quem são os estudantes que estão chegando em minha aula?, “ De que forma posso auxiliar meus alunos com suas escolhas?”

O espaço de envolvimento se afasta da concepção de que todos agem e se interessam da mesma maneira, é um espaço de busca colaborativa e significativa, de acolhimento. Este momento será dividido em três eixos: envolver, pertencer e ensinar.

O espaço de envolvimento se dará em três momentos, o primeiro intitulado “Envolver” requer em sua proposta prática que o espaço seja redimensionado para que todos consigam se olhar a todo instante, pois:

As habilidades socioemocionais (HSE) têm sido compreendidas como um construto multidimensional, que engloba variáveis emocionais (e.g., autoconhecimento e autocontrole), cognitivas (e.g., empatia) e comportamentais (e.g., perseverança, decisões responsáveis e comportamentos prossociais) que auxiliam no desenvolvimento saudável ao longo do ciclo vital (DAMÁSIO; EDUCAÇÃO, 2017, p.2044).

Damásio e Educação (2017) trazem como dado, que indivíduos com grandes níveis de habilidades socioemocionais apresentam autoestima mais elevada, se sentem otimistas e se destacam em suas atividades diárias, bem como se comprometem melhor com as atividades que são solicitadas em sua rotina.

Os participantes farão a construção de uma árvore, com o uso de um cartaz, cada um receberá um coração, para que faça a sua assinatura, seu nome e suas principais qualidades ou defeitos, cada um colará na árvore a sua folha e terá o seu momento de fala.

Este momento inicial terá como foco a prévia sondagem de assuntos relativos à temática que podem aparecer e o reconhecimento de quais habilidades socioemocionais podem ser compreendidas a partir da escuta ativa destes participantes.

O objetivo da dinâmica da árvore é fazer uma junção de todas as qualidades e defeitos que os participantes possuem e englobar todas elas para que se tenha uma árvore com vida, pois uma árvore com vida e com muitas folhas desperta novos olhares.

Após este momento, cujo eixo é pertencer, os participantes serão estimulados a produzirem criativamente em um molde de boneco respondendo a seguinte pergunta: “ Quem é o aluno que chega em minha sala de aula?”

Os participantes poderão pintar, desenhar e deverão descrever como veem esse aluno, suas características físicas e pessoais. Após este momento, os participantes

colocados em grupo, ainda com seus bonecos, responderão em grupos, a seguinte pergunta: “ Como posso facilitar a chegada do seu estudante à minha disciplina? ”

Juntos, os participantes irão pensar em propostas criativas e autorais e em posturas acadêmicas e pessoais de encorajamento com estes educandos que estão chegando, para que suas experiências pessoais não sejam desconsideradas e fragmentadas em suas aulas: “O objetivo central em relação ao conhecimento emocional é crescer na forma de expressar diferentes emoções, buscando obter consequências satisfatórias relacionadas ao meio que o cerca e consigo mesmo” (SOUZA; FERREIRA; SOUZA,2021, p.3).

Souza, Ferreira e Souza (2021) alegam a importância de validar as emoções e os processos internos de um indivíduo, pois a educação emocional é constituída por toda a vida e faz parte de todos os ambientes e interações instituídas, responsabilidade de todos, as experiências emocionais são moldadas com base no que se vive.

O último momento se baseia no ensinar, em como a preparação para as escolhas não é um ato isolado, ela percorre avaliações, exames e provas de vestibular. Estes educandos, que chegaram à educação superior, chegam com diferentes vivências, cicatrizes e oportunidades do vivido.

Cabe a cada docente, independente do semestre ou momento do curso, considerar essas especificidades em sua disciplina, pois no percurso da pesquisa, notou-se por parte dos participantes que existe um distanciamento nítido entre docente e discente, o que prejudica a constituição de espaços de protagonismo e de reflexão sobre ações que são presenciadas no espaço da universidade como um todo.

Farias (2009) ao situar a importância da didática para a prática pedagógica, revela a importância de considerar que o docente deve apresentar uma metodologia colaborativa, dialógica e problematizadora, que promova interações com os diversos universos culturais dos diferentes aprendizes, exercite a linguagem nas suas múltiplas manifestações e que fortaleça a ação e o pensamento crítico e autônomo, sem posturas de acomodação e de abandono do aluno à própria sorte.

Na educação superior e nos relatos de muitos participantes, percebeu-se vividos que despertaram o enfoque para este tema. Torres, Alves e Costa (2020) relatam a urgência que docentes de instituições de educação superior tiveram que enfrentar devido à pandemia da COVID-19:

Todos os esforços são valorizados neste momento, sejam eles no sentido de manter os aspectos econômicos ligados à educação do ensino superior, até as ações voltadas para redução de danos no processo de ensino e aprendizado. O que essa urgência não pode deixar de perceber é o aumento da vulnerabilidade de um grande número de discentes (TORRES; ALVES; COSTA, 2020, p.8).

Torres, Alves e Costa (2020) refletem que por parte dos docentes é necessário que não só estejam equilibrados emocionalmente com suas questões, mas que tenham atenção a seus discentes. Pois, cada um que viveu este período, sentiu a pandemia da Covid 19 de forma diferente, e sobre ela não se tem previsões e consequências, mas existem sequelas, principalmente relacionadas à saúde mental.

A dinâmica final proposta para fechar o espaço de envolvimento consiste em três situações divididas para grupos diferentes de participantes.

Cada grupo terá uma situação: na primeira um aluno que é desmotivado, triste e cabisbaixo, na outra um aluno que chega sempre atrasado por conta de seu meio de transporte e foi impedido de fazer a prova e acabou reprovado. Na última situação, um aluno que terá que desistir de sua faculdade, pois precisa optar entre trabalhar e estudar.

Por fim, cada grupo poderá discutir qual a melhor maneira de abordar esta temática, refletindo sobre práticas docentes consideradas comuns e como elas podem marcar um indivíduo, bem como o direcionamento de escolhas, pois quando existe uma reflexão sobre a ação, segundo Waldow (2009), na prática docente, principalmente para profissionais em saúde: “A experiência e o preparo do docente são fundamentais para favorecer o desenvolvimento da habilidade reflexiva ou pensamento crítico ou qualquer outra atividade para facilitar o processo reflexivo na-ação e sobre-a-ação” (WALDOW, 2009, p.144).

Waldow (2009) pontua que todo e qualquer trabalho deve ser permeado de cuidado, pois cuidados são necessários em qualquer ambiente e o preparo docente, o reconhecimento de potencialidades e fragilidades devem ser marcados de intencionalidade e diariamente, pois estes lidam com escolhas a todo instante e devem se sentir seguros em mostrar realidades existentes em todas as carreiras.

Com base em todo o percurso que o encontro perpassa, a avaliação é feita com todos ao final, para que cada um fale suas inquietações, anseios e perspectivas que foram ressignificadas com os momentos de protagonismo oportunizados em cada etapa, para que estes docentes possam retomar essas práticas com seus alunos, principalmente, os ingressantes.

Envolver para pertencer consiste na capacidade imediata de sentir-se acolhido no ambiente de aprendizagem, onde o educando além de dedicar seu momento para aprender conceitos importantes da disciplina, está imerso em sua aula, ou seja, é parte indispensável na relação professor-aluno. Transformando assim uma proposta emancipadora, na qual os horizontes pensados na universidade sejam expandidos para uma relação de troca mútua, onde docente e discente envolvam-se ativamente.

Por fim, pertencer para ensinar consiste na criação de uma perspectiva de estabelecer vínculos com os momentos que estudante e docente dedicam a seu curso e a disciplina. Ensinar é doar a alguém de forma singular como me envolvo com o que faço, com o que aprendo e como posso criar possibilidades para o outro envolver-se.

Considerando que ensinar não é um ato isolado e somente do docente, como trazem Tunes, Tacca e Júnior (2005), a compreensão que o docente apresenta sobre o aluno gera muitas variáveis para seu próprio trabalho, possibilitando novas posturas diante do vivido.

Essa proposta reflexiva pode ser aplicada nos espaços da sala de aula de instituições de educação superior, considerando que indivíduos são singulares e essa singularidade sempre será objeto de riqueza nos diferentes ambientes.

E para que não seja um final, mas uma partilha, a mediação se encerra concluindo que envolver é conhecer para pertencer às experiências individuais e ensinar com cuidado e com escolhas. Pois, um processo de reflexão precisa antecipadamente ser oportunizado, para que a partir do encontro de pontos de melhora, existam pontos de envolvimento.

REFLEXÕES FINAIS

Mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) mostre que a verificação do rendimento por meio de avaliações tenha a prevalência de aspectos qualitativos, e dos resultados ao longo do período, tornando a prova como o último caminho a ser pontuado, essa realidade não abrange com clareza aspectos avaliativos que perpassam a temática da reprovação na chegada à educação superior.

Em seu artigo 43, a LDB (1996) aborda que, quando se trata da educação superior e suas finalidades, é pontuado como essencial conhecer os problemas do mundo presente e estabelecer relações de reciprocidade com a comunidade, além da aproximação dos dois níveis educacionais, ensino básico e educação superior.

Como indagações iniciais Ludke e Cruz (2005) mostram que partidas podem ser pensadas a partir de diversos pontos de reflexão, em esforços que percorrem as diversas experiências individuais que se encontram em ambos os níveis de ensino:

Como concebem eles o papel da pesquisa em suas escolas? Que formação receberam e de que condições dispõem para realizá-la? Que tipo de pesquisas de fato realizam? Onde as divulgam? É possível e viável ao professor investigar a sua própria prática? (LUDKE;CRUZ,2005,p.87).

Ludke e Cruz (2005) situam a educação básica e a educação superior como uma ponte que devem ser desenvolvidas em harmonia, pois de um lado cresce a educação básica e seus professores, e, de outro, a universidade que possui contato direto com problemas emergentes da educação básica, onde acaba não devolvendo a reciprocidade estabelecida na letra da lei.

A LDB (1996) pontua também que as instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberarem sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, considerem os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio. Assim como, no que se trata do curso de medicina, os estados e o Distrito Federal devem adotar os critérios estabelecidos pela União para autorização e funcionamento.

O que confirma, segundo Santos et al (2021) que a escolha por Medicina e aspectos que podem percorrer a reprovação ainda merecem ser objetos de investigação, pois conhecer o panorama da força que o curso percorre na sociedade brasileira é relevante e necessário.

Segundo Santos et al (2021), os cursos de graduação em Medicina continuam centralizados principalmente em áreas mais desenvolvidas pelo país, o que faz com que haja continuação da propagação de realidades inalcançáveis para muitos jovens.

O que torna a necessidade de se pontuar que fatores emocionais aparecem como condutores de escolhas, pois as emoções, sentimentos e expectativas criadas por estudantes influenciam em novas histórias e novas possibilidades.

“Uma mensagem pra mim mesmo.. Digamos que é difícil, para os outros sei o que dizer, mas para mim, acho que diria vamos lá, se movimentar, a vida é um carrossel que gira, como traz Greys Anatomy.” (Estudante de Nutrição)

O estudante de nutrição cita em sua fala, quando solicitado a deixar uma mensagem para si, que a vida é um movimento, um carrossel que gira, citou a série Greys Anatomy em sua fala, uma série americana que relata as vivências de médicos e os desafios da profissão, mostrando que ocorre uma instabilidade ao olhar para si.

Ao analisarmos os vários pontos de reflexão que nos possibilitou esta pesquisa, percebemos que a reprovação não é por si boa ou má. Werneck (2007) demonstra que se aferirmos a reprovação somente em seus aspectos negativos, forma-se uma visão limitada do que ela pode oferecer.

Werneck (2007) destaca que, para perspectivas como a reprovação, as respostas são dadas, assim como erros e acertos, e a pretensão de que novos paradigmas possam ser possibilitados, tornando-se necessário o repensar dos paradigmas postos: “O que serve fica de lado, o que não serve e ajuda nas reprovações, retenções, dependências é usado à larga porque muitos ainda pensam que a boa escola é a que reprova, como se o bom hospital fosse aquele que matasse” (WERNECK,2007,p.73).

Werneck (2007) mostra que os paradigmas podem impulsionar ou impedir o caminhar em direção ao novo, podendo dar segurança em relação ao passado e ao estranhamento do novo, se a reprovação é por si só somente boa, o bom hospital seria aquele que matasse, pois, segundo o autor, se não é oportunizado a chance de escolher que percurso percorrer a partir do fenômeno, se presencia uma morte.

Quando é trazido à tona por estes educandos aspectos de desmotivação, pode-se perceber que o direito à educação, aliado ao desenvolvimento de todas as potencialidades de um indivíduo, não atende o pilar da equidade, que consiste em tratar de forma diferente os que se apresentam desiguais no ponto de partida.

Quando se trata da reprovação, desde o Ensino Fundamental de 9 anos, segundo os parâmetros curriculares nacionais (2010), ela deve ser considerada imprescindível para que indivíduos possam ter sucesso em todos os caminhos posteriores, e que desigualdades históricas produzidas, como a reprovação, sejam reduzidas. Assim, o aluno alcança sucesso em todas as outras etapas, inclusive em etapas como a da educação superior: “Lançando mão de todos os recursos disponíveis e criando renovadas oportunidades para evitar que a trajetória escolar discente seja retardada ou indevidamente interrompida” (BRASIL, 2010, p.8).

Se, de fato, todas essas garantias fossem efetivadas, todos os discentes percorreriam as etapas da educação básica de forma positiva, mas ao percebermos trajetórias distintas, estas oportunidades não são evitadas. Isso mostra que o combate à reprovação perpassa situações de descompromisso com o centro do processo e o próprio discente, que trilha sua história e que possui múltiplos interesses e aspirações.

Ao avançarmos para a etapa do ensino médio, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o Ensino Médio (2018), um dos princípios do novo ensino médio é a previsão de formulação de um projeto de vida na própria instituição, como estratégia de fortalecimento das dimensões pessoais e sociais do estudante, com ênfase no prosseguimento dos estudos ou na inserção no mercado de trabalho:” Cujos objetivos são promover o autoconhecimento do estudante e sua dimensão cidadã, de modo a orientar o planejamento da carreira profissional almejada, a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades” (BRASIL,2018, p.15).

Segundo as DCN's para o Ensino Médio, o projeto de vida tem o objetivo de orientar e planejar que carreira profissional um estudante pode percorrer, o que lança uma atenção maior aos processos de escolha e ingresso na educação superior. O projeto de vida deve considerar ainda: “VII - diversificação da oferta de forma a possibilitar múltiplas trajetórias por parte dos estudantes e a articulação dos saberes com o contexto histórico, econômico, social, científico, ambiental, cultural local e do mundo do trabalho. ” (BRASIL,2018, p.2).

É percebido que existem em vigor garantias legais que se preocupam com as trajetórias pós ensino médio dos futuros ingressantes em instituições de educação superior, e que agora questões socioemocionais são essenciais para a qualidade deste processo, assim

como o incentivo à possibilidade de múltiplas trajetórias, como traz a íntegra das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2018).

O que os documentos históricos podem nos mostrar é que existe a previsão da reprovação como um prejuízo a um todo, que consiste na instituição, nos espaços educativos de desenvolvimento, e principalmente que questões emocionais surgidas a partir dela, levarão a vida toda para serem enfrentadas, sendo necessário, como traz Bondía (2002), considerar o que se vive como ensinamento e aprendizagem.

Guichard e Huteau (2006) mostram a importância de uma orientação ao longo da vida, voltada para práticas institucionais de aconselhamento e direcionamento, cujo benefício direto é para o estudante, sendo uma importante aliada em contextos de reprovações. A partir desta alternativa de trabalho com a realidade do educando são propostos momentos de reflexão, perguntas e caminhos que serão encontradas pelo próprio educando.

Barros e Murgo (2018) orientam a importância de ter um espaço que considerem as perspectivas deste educando que se desenvolve a todo instante, e que neste espaço sejam promovidas práticas que se encontrem para a atenção a emoções e sentimentos, fortalecimento da autoestima e aspectos motivacionais, pois assuntos como estes não devem mais ser vistos como desprezíveis dentro das instituições educacionais.

Muitos estudantes não possuem conhecimento total de suas possibilidades de ingresso na Educação Superior e: “A preocupação excessiva com o concurso vestibular pode se sobrepor aos cuidados e considerações concernentes ao processo de escolha” (SPARTA; GOMES, 2005, p.51).

Na Educação Superior alunos passam pelo fenômeno da reprovação para entrarem nas instituições por meio de vestibulares e processos de seleção, essa preocupação excessiva com o fenômeno existe desde o ingresso, como trazem Sparta e Gomes (2005), se estendendo e vulnerabilizando todo o processo de escolha do educando.

Muitos participantes alegaram sentimentos de ansiedade, depressão e estresse, arrependimento do tempo perdido e reflexos do vivido quando escolheram medicina, que como traz Monteiro (2009), conhecer a si é trazer a sua própria individualidade.

O que alertou a importância de cuidado e prevenção aos desdobramentos que fenômenos como a reprovação podem percorrer, pois perpassa problemas de saúde mental

que podem ser irreversíveis, tais como pontuam Daolio e Neufeld (2017), pois durante o período de ingresso no curso escolhido surgiram medos de fracassar, de escolhas malsucedidas e de tempo perdido.

Alertando na participação dos respondentes aspectos que visibilizaram realidades dentro dos cursos de saúde da Universidade de Brasília: estudantes de escolas públicas enfrentam dificuldades desde o acesso até a colação de grau, pois aspectos externos e internos condicionam a manutenção, ou não em seus cursos, tais como Vasconcelos e Silva (2005) pontuam, o sistema de cotas lançou uma nova realidade.

Além disso, foi evidenciado que estudantes de escolas públicas que já tentaram o ingresso no curso de medicina, foram para outros cursos da saúde por optarem por algo dentro da área, a maioria fez curso preparatório e utilizou a cota de escola pública. Mostrando assim, que legislações de amparo a este público vem oportunizando e democratizando o acesso à educação superior, mas que esses alunos apresentam mais dificuldades em relação aos demais.

Trindade e Vieira (2009) refletem a necessidade de estudantes da área da saúde serem envolvidos em análises sobre suas realidades e funções perante a sociedade e missão histórica na qual carregam, cabendo o atendimento às instituições de educação superior de aspectos que atendam suas necessidades e as supere, em uma perspectiva de acolhimento.

Foi presenciado na leitura das vivências também que quando se trata da opção por cursos dentro da área da saúde, inclusive a opção por Medicina, a escolha é permeada de alta influência familiar e expectativas de prestígio social e remuneração, aparecendo também situações de cursar a graduação no exterior, e a marginalização de cursos dentro da própria área da saúde.

O curso de terapia ocupacional foi um dos cursos citados como índice de maior preconceito entre os estudantes, que enfrentam estigmas e rótulos de suas famílias e amigos, o que alertou sobre o desconhecimento dos cursos e suas importâncias para o meio social e a sociedade em geral.

Os participantes também mostraram fatores como encarar a reprovação e seu caráter traumático, não vendo suas conquistas atuais como valorosas, pois estas precisam sempre de uma validação externa para serem boas, o que reforça que existem interferentes poucos

conhecidos e impactos negativos e positivos que devem ser objeto de investigação para pesquisas futuras.

Situações de superação, resistência e força foram vivenciadas, escolhas positivas e sentimento de alegria foram presenciados. Muitos estudantes estão onde querem estar e não se arrependem de terem levado suas trajetórias para caminhos singulares e de valorações positivas, criando assim, expectativas de futuro e novas possibilidades a partir do fenômeno, sendo inventores em suas ações, tal como reflete Nietzsche (2004), pois a vida é uma infinita criação.

Sendo necessário, como trazem Villardi, Cyrino e Berbel (2015), novos modos de olhar para áreas como a saúde e seus futuros profissionais que demandam posturas, novas adaptações e que enfrentam instabilidades todos os dias.

Resgatando assim, o que Meyer e Koller (2000) pontuam, que diante de situações como reprovações, existem mecanismos ativos que facilitam para que as dificuldades possam ser superadas e pensamentos novos possam tomar forma.

Biato (2021) enfatiza a importância de considerar o outro na educação superior em saúde, pois o outro em jogo caminha com sua singularidade e é capaz de estabelecer um contato envolto de riqueza com as interações que surgem, a partir de diferentes mecanismos de resistência e superação que se encontram com o vivido e que se refletem em boas práticas profissionais.

Cicatrizes contam histórias inacabadas e se reinventam a cada movimento, compreender a reprovação como um fenômeno é, como trazem Silveira, Zappe, Santos e Dias (2020), uma mistura de expectativas que se criam a partir do vivido, que se diferencia do sonhado.

O sonho de fazer Medicina é iniciado no desejo constante e na preparação singular, quando este sonho é impactado por condicionantes externos e internos, ele acarreta mudanças de vida, sociais e que envolve políticas públicas, pois este sonho sempre será apenas, como traz Coradini (1996), o afastamento das camadas populares e a reafirmação de que não é para todos, é para poucos.

Sendo necessário o repensamento das políticas de ingresso da educação superior e o reconhecimento de que um confronto com as concepções vigentes, segundo Coradini

(1996), podem dar visibilidade para outros cursos da área de saúde, e afastarem a imagem social carregada de idealizações e utopias que o curso de Medicina apresenta.

Krawulski (2000) alerta a importância de se atentar aos processos de escolha que encara um educando, pois estes processos acarretam mistura de emoções, já que o educando passa a ver o mundo com outros olhos e a enfrentar com atitudes inventivas tudo que lhe acontece.

A superação de fenômenos como a reprovação envolve, como trazem Barros, Mugo (2018), mudanças que envolvem a todos, pois a ela não existe um culpado, mas uma sentença, que reflete em um indivíduo e na sociedade como um todo, sinalizando, como traz Nascimento (2020), que histórias que nos constituem podem nos libertar, já que cada indivíduo é criador dentro de sua própria vida.

Zago (2006) indaga como reflexão inacabada, que é necessário investimento e um olhar sensibilizado ao ensino público em todas as suas modalidades, ter uma boa formação continuada para os professores e uma boa educação para os alunos, para que a universidade consiga ser o meio que transforma e não o meio que conforma.

Sucesso, como mostra Zago (2006), é quando o estudante tem acesso a educação superior e nela permanece, escolhendo seu curso de preferência e sobrevivendo ao sistema de ensino, em um processo contínuo de transformação social e pessoal, com espaços que contemplem as novas mudanças que acompanham essas trajetórias.

Portanto, faz-se necessário considerar que os estudantes são indivíduos muito diferentes uns dos outros e sujeitos a mudanças com base em diferentes experiências de vida, conhecimentos adquiridos e expectativas sobre o que e como aprender. Certamente, nem todos aprendem da mesma maneira, com a mesma prontidão ou com o mesmo significado em cada material e situação de ensino (GURGEL; GUIMARÃES; BEATRICE; SILVA, 2012, p.181).

Como Gurgel, Guimarães, Beatrice e Silva (2012) nos mostram, existe a necessidade de trazer para espaços como as universidades, percepções singulares destes alunos, que estão sempre inventando e recriando, com todas as possibilidades a seu alcance em sua vida, que perpassam um caminho na universidade.

Além da necessidade de avaliações que contemplem, como aborda Cunha (2020), possibilidades reais de ingresso, principalmente, no âmbito da universidade de Brasília (Unb), que possui uma importância nacional e distrital de referência, partindo da própria universidade reais interesses pelas diferentes autorias dos estudantes que a constituem, pois estes sempre estarão se desenvolvendo diante do vivido.

Este estudo alertou para temas emergentes que vão desde a opção por modelos de avaliações emancipadores a temas como: a importância das cotas para a garantia de uma educação de qualidade, saúde mental e desigualdade no acesso à educação superior, evidenciando que muito ainda deve ser pensado, analisado e objeto de reflexão, quando se trata de uma temática multifatorial e complexa como a reprovação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. J.; BRITO, R. A. ;TENÓRIO, A. C. Reprovação escolar e implicações para a promoção de uma educação como direito. **Educação e Contemporaneidade**, São Cristovão- Sergipe, p.1-15, set. 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_01/PDF/22.pdf. Acesso em: 04 fev. 2021.

ALAVARSE, O. M. A organização do ensino fundamental em ciclos: algumas questões. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 40, p. 35-50, Apr. 2009 . Available from<http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782009000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Apr. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100004>.

ALMEIDA, F. A.; ALVES, M. T. G. A cultura da reprovação em escolas organizadas por ciclos. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2021, v. 26 [Acessado 13 Junho 2022] , e260006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260006><https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260007>>.Epub 03 Mar 2021. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260006>.

ALMEIDA, S. R. . **Violência simbólica e sua repercussão no processo de aprendizagem da linguagem escrita: análise de uma trajetória viável de enfrentamento desta realidade na perspectiva dos direitos humanos**. 2015. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALVARENGA, C. F.; SALES, A. P.; COSTA, A. D.; COSTA, M. D. ; VERONEZE, R. B.; SANTOS, T. L. B. Desafios do Ensino Superior para Estudantes de Escola Pública: um estudo na ufla. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 55, 31 mar. 2012. Departamento de Empreendedorismo e Gestao da UFF. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v6i1.110>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11083/7878>. Acesso em: 23 ago. 2021.

AQUINO, J. G. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa** [online]. 2011, v. 37, n. 3 [Acessado 5 Maio 2022] , pp. 641-656. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300013>>. Epub 24 Out 2011. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300013>.

AUGUSTO, C. A. et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011).**Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764,Dec. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032013000400007&lng=en&nrm=iso>.access on 29 Mar. 2021. http://dx.doi.org/10.1590/S0103_200_320_13000400007.

COMISSÃO PRÓPRIA DE AUTOAVALIAÇÃO. **Perfil dos Estudantes**. 2022. Levantamento da CPA traça perfil dos estudantes e contribui para a excelência da UnB. Disponível em: http://cpa.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=456&Itemid=305. Acesso em: 09 jun. 2022.

AXLINE, V. M. **Dibs: em busca de si mesmo**. 23ª. edição. São Paulo: Agir, 2005.

AZEVEDO, A. G. et al. Fatores que Orientam a Escolha do Curso Médico. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2005, v. 29, n. 03 [Acessado 13 Junho 2022] ,

pp. 217-221. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v29.3-031>>. Epub 15 Jun 2020. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v29.3-031>.

AZEVEDO, P. T. Á. C. C. et al . Motivação Intrínseca do Estudante de Medicina de uma Faculdade com Metodologia Ativa no Brasil: Estudo Transversal. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro , v. 43, n. 1, supl. 1, p. 12-23, 2019 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198152712019000500012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 30 maio 2022. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20180229.ing>.

BARROS, A. S. X. Vestibular e Enem: um debate contemporâneo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2014, v. 22, n. 85 [Acessado 30 Maio 2022] , pp. 1057-1090. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000400009>>. Epub 07 Nov 2014. ISSN 1809-4465.<https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000400009>.

BARROS, L. O; MURGO, C. S. A escola dos alunos reprovados: um estudo qualitativo. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v.13,n.3,p.1-16,set.2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082018000300011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 28 ago. 2021.

BAUER, M.W.; GASKELL,G **.Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático/** Martin W.Bauer, George Gaskell (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi.- 7 ed. Petropolis, RJ: Vozes,2008.

BERTAGNA, R. H. Avaliação e progressão continuada: o que a realidade desvela. **Proposições** [online]. 2010, v. 21, n. 3 [Acessado 13 Junho 2022] , pp. 193-218. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300012>>. Epub 15 Dez 2010. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300012>.

BESSET, V. L. et al . Trauma e sintoma: da generalização à singularidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 6, n. 2, p. 311-331, set. 2006 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482006000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jun. 2022.

BIATO, E. C. L. Mil saúdes por vir : arte e escritura na docência. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação, [S. l.]**, v. 23, n. 1, p. 133–151, 2021. DOI: 10.22483/2177-5796.2021v23n1p133-151. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/4041>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BIATO, E. C. L. **Saúde-doença como acontecimento: a aporia nos processos educativos**. 2020. Projeto de Pesquisa submetido ao Comitê de ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

BIATO, E. C. L; LEITÃO, C. C. Suplementos de Escrituras: de errâncias e destinos. **Revista Polis e Psique**, 2017; 7 (1):149.166.Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/71963/40796>. Acesso em: 15 jun.2021.

BIATO, E. C. L; NODARI, K. E. Ler, escrever, pesquisar: uma metodosofia. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 282-296, dez. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/53881/36142>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BIATO, E.C. L.; LUZIO, J. S. Perspectivas educativas em saúde bucal: possibilidades de criação na prevenção e no enfrentamento do câncer. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. 2022, v. 32, n. 2 [Acessado 10 Outubro 2022] , e320213. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320213>>. Epub 06 Jul 2022. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320213>.

BLUM, V. L. A noção de alteridade radical e sua importância na docência. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 123-136, 30 abr. 2014.

BLUM, V. L. Sala de aula e teceduras subjetivas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 34, n. 03, p.545-556, dez. 2008. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022008000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 18 nov. 2021.

BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 1997, v. 17, n. 2 [Acessado 1 Agosto 2022] , pp. 37-42. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>>. Epub 24 Set 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, caps. 1 e 2.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, Apr. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 25 fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Congresso Nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 25 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/2014_014/lei/113005.htm. Acesso em: 12 fev.2021.

BRASIL. **Lei nº 12711, de 29 de agosto de 2012**. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASÍLIA, Universidade de. **Cursos**. 2022. Disponível em:<https://www.unb.br/graduacao/cursos>. Acesso em: 09 jun. 2022.

CARAMASCHDAI, S. Emoções em continuidade no ser humano e nos animais: como saber o que eles sentem? In: ALVES, Marcos Antonio. **Cognição, emoções e ação**. 84. ed. Unicamp, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 1-368. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hcrqt/pdf/alves-9788572490191.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CARVALHO, M. P. Estatísticas de desempenho escolar: o lado avesso. **Educação & Sociedade**, [s. l], v. 77, n. 23, p. 231-252, dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nJ9pw5HcQ5b3fk7GG5xmv9G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2021.

CASTILLO, A. R. et al. Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry** [online]. 2000, v. 22, [Acessado 13 Junho 2022] , pp. 20-23. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>>. Epub 24 Jan 2001. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>.

CASTIONI, R. et al. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2021, v. 29, n. 111 [Acessado 20 Janeiro 2022] , pp. 399-419. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903108>>. Epub 22Fev 2021. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903108>

CEBRASPE. **O que é PAS?** 2021. Disponível em: <https://www.cebraspe.org.br/pas-unb/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CEBRASPE. **EDITAL Nº 1 - VESTIBULAR 2022, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2021.** 2022. Disponível em: https://cdn.cebraspe.org.br/vestibulares/VESTUNB_22/arquivos/ED_1_VESTUNB_2021_ABERTURA.PDF. Acesso em: 23 jun. 2022.

CEBRASPE. **O que é PAS?** 2022. Disponível em: <https://www.cebraspe.org.br/pas-unb/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COHEN, E. **Avaliação de projetos sociais**/Ernesto cohen, rolando Franco. 11 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes,2013.

CORADINI, O. L. Grandes famílias e elite 'profissional' na medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 425-466, nov. 1996. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701996000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/scHdB9S3ncH3WDr5WJzh6Fm/?lang=pt#>. Acesso em: 02 ago. 2022.

CORAZZA, S. M.; NODARI, K. E. R.; BIATO, E. C. L. Escrita e leitura: ler-escrever como método de invenção no ensino e na pesquisa. **Investigação Qualitativa em Educação**, Portugal, v. 1, p. 360-369, 2019.

CORAZZA, S. M. A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular. **Educação em Revista** [online]. 2019, v. 35 [Acessado 1 Agosto 2022] , e217851. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698217851>>. Epub 18 Jul 2019. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698217851>.

CORRÊA, R. D. et al. Medicina como Nova Graduação: Motivações, Dificuldades e Expectativas. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2016, v. 40, n. 2 [Acessado 30 Agosto 2021] , pp. 226-233. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e02402014>>. ISSN 1981-5271.

CORREIA, E. D. S.; DA SILVA, V. A.; TAVARES, A. C. D. M. Avaliação da aprendizagem: do castigo ao diagnóstico pelo professor. **EDUCAÇÃO, [S. l.]**, v. 5, n. 1, p. 21–28, 2016. DOI: 10.17564/2316-3828.2016v5n1p21-28. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/2388>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CUNHA, A. U. N. **Acesso à educação superior: o perfil dos aprovados no VEST HE nos cursos do Departamento de Música nos anos de 2014 a 2019.** 2020. 143 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

CURY, D. G. **A relação entre professor e aluno no Ensino Superior vista por meio da reprovação**. 2012. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://www.pgpsi.ip.ufu.br/sites/pgpsi.ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DissertacaoDanieIGoncalvesCury.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

DAMÁSIO, B. F.; EDUCAÇÃO, G.S. Mensurando Habilidades Socioemocionais de Crianças e Adolescentes: Desenvolvimento e Validação de uma Bateria (Nota Técnica). **Trends in Psychology** [online]. 2017, v. 25, n. 4 [Acessado 20 Setembro 2022], pp. 2043-2050. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/TP2017.4-24Pt>>. ISSN 2358-1883. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-24Pt>.

DAOLIO, C. C.; NEUFELD, C. B. Intervenção para stress e ansiedade em pré-vestibulandos: estudo piloto. **Rev. bras. orientac. prof.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 129-140, dez. 2017. Disponível em <<http://p.epsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1679-33902017000200002&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em 13 jun. 2022. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p7>.

D'AVILA, G. T. Vestibular: fatores geradores de ansiedade na “cena da prova”. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 105-116, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2022.

DEBACKER, C.; MENEZES, V. M.; BLUM, V. L. Adolescentes, Seus Professores: enredos da dinâmica intersubjetiva em sala de aula. **Interação em Psicologia**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 153-162, 30 set. 2013. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.28155>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28155>. Acesso em: 18 nov. 2021.

DEL PORTO, J. A. Conceito e diagnóstico. **Brazilian Journal of Psychiatry** [online]. 1999, v. 21, suppl 1 [Acessado 13 Junho 2022], pp. 06-11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44461999000500003>>. Epub 06 Jun 2000. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44461999000500003>.

DEMO, P. **De dissertações e teses: (pós- graduação stricto sensu) "manual" de sobrevivência**. (Pós- graduação Stricto sensu), 2021.

Derrida, J. **Posições** / Jacques Derrida ; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. — Belo Horizonte : Autêntica, 2001.

Derrida, J. **Otobiografías. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio** - I aed. - Buenos Aires : Amorrortu, 2009.96 p. ; 20x12 cm. - (Colección Nómadas)

DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. **Revista Cerrados**, 21(33). 2012. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>.

DERRIDA, J. **Une certaine possibilité impossible. Dire l'événement, est-ce possible?** Séminaire de Montréal. Paris: L'Harmattan, 2001.

DERRIDA, J. **Penseur de l'événement (entretien avec Jérôme-Alexandre Niesberg)**. L'Humanité, Paris, 28 janvier 2004.

DIAS, A. P. S.; FELIZZOLA, B. P.; LIMA, J. C. M.; ULIANA, M. B.; MARANGONI, P. A.; BONINI, L. M. M.. Mental health of teenagers and young men who prepare for

medicine courses, a case study in sao paulo, BRAZIL. **Revista Humanidades e Inovação**, [s. l], v. 8, n. 5, p. 310-315, Não é um mês valido! 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2687>. Acesso em: 30 maio 2022.

DIAS, M. S. L. S.; DULCE H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2012, v. 32, n. 2 [Acessado 18 Junho 2022] , pp. 272-283. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200002>>. Epub 30 Jul 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200002>.

DIOGO, M. F.; RAYMUNDO, L. S.; WILHELM, F. A.; ANDRADE, S. P. C.; LORENZO, F. M.; ROST, F. T.; BARDAGI, M. P. Percepções de coordenadores de curso superior sobre evasão, reprovações e estratégias preventivas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas) [online]. 2016, v. 21, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2022] , pp. 125-151. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000100007>>. ISSN 1982-5765

DUQUE-ESTRADA, P. C. Derrida e a Escritura, in: DUQUE-ESTRADA, Paulo César. **Às Margens**. A propósito de Derrida, Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p.9-28

EDUCAÇÃO, Ministério da. **ENEM - Apresentação**. 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em: 23 mar. 2022.

ESCS. **Escola Superior de Ciências da Saúde**. 2022. Disponível em: <https://www.escs.edu.br/institucional/>. Acesso em: 03 jul. 2022

EVANS, P. Carreira, sucesso e qualidade de vida. **Revista de Administração de Empresas** [online]. 1996, v. 36, n. 3 [Acessado 4 Maio 2022] , pp. 14-22. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75901996000300003>>. Epub 17 Jul 2012. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901996000300003>.

FALEIROS, F. et al. Use of virtual questionnaire and dissemination as a data collection strategy in scientific studies. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. 2016, v. 25, n. 04 [Acessado 15 Junho 2022] , e3880014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>>. Epub 24 Out 2016. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>.

FARIAS, I. M. S. **Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis**. In Didática e Docência aprendendo a profissão. Brasília: Liberlivro, 2009.

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2020, v. 37 [Acessado 13 Junho 2022] , e200074. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>>. Epub 01 Jun 2020. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.

FASSINI, E.; MACHADO, N. G.; SCHULTZ, G. Identidade e pertencimento: a dinâmica social de um grupo de mulheres no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Cadernos Pagu** [online]. 2013, n. 41 [Acessado 5 Maio 2022] , pp. 405-433. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000200019>>. Epub 12 Mar 2014. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000200019>.

FERES JÚNIOR, J., CAMPOS, L.A., DAFLON, V.T., and VENTURINI, A.C. História da ação afirmativa no Brasil. In: **Ação afirmativa: conceito, história e debates** [online].

Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 65-89. Sociedade e política collection. ISBN: 978-65-990364-7-7. <https://doi.org/10.7476/9786599036477.0006>.

FERREIRA, L. M. Professional master and its challenges. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões** [online]. 2015, v. 42, n. Suppl 1 [Acessado 20 Setembro 2022] , pp. 09-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-69912015S01004>>. ISSN 1809-4546. <https://doi.org/10.1590/0100-69912015S01004>.

FESTAS, M. I. et al. Envolvimento, desempenho acadêmico e composição escrita. **Educação e Pesquisa** [online]. 2018, v. 44 [Acessado 20 Setembro 2022] , e183430. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844183430>>. Epub 23 Nov 2018. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844183430>.

FIGUEIRÊDO, E.; NOGUEIRA L.; SANTANA, F. L. Igualdade de Oportunidades: Analisando o Papel das Circunstâncias no Desempenho do ENEM. **Revista Brasileira de Economia** [online]. 2014, v. 68, n. 3 [Acessado 10 Julho 2022] , pp. 373-392. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71402014000300005>>. ISSN 1806-9134. <https://doi.org/10.1590/S0034-71402014000300005>.

FREITAS, M. G. P.; LOBO, L. G.; DINIZ, M. A.; AMORIM, E. S.; MENNOCCHI, L. M.. Os desafios da entrada e permanência da universidade por estudantes da classe trabalhadora. - São José dos Campos-Sp, p. 1-6, out. 2017. **XXI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VII Encontro de Iniciação à Docência** – Universidade do Vale do Paraíba.. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2017/anais/arquivos/RE_05_23_0602_01.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologia**. Chapecó: Argos. Capítulo 1: Os métodos na pesquisa em educação uma análise epistemológica,p.23-43,2014, 2ª. ed.

GIL, N. L. Reprovação escolar no Brasil: história da configuração de um problema político-educacional. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2018, v. 23 [Acessado 4 Novembro 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230037>>. Epub 26 Jul 2018. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230037>.

GRIBOSKI, C. M. Qualidade da formação dos estudantes de Medicina. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 24, p. 1-5, 2020. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/interface.190673>. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/icse/a/c4rjpxgmvk9gVQmmTvsY6vS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GUICHARD, J.; HUTEAU, M. (2006). **Psychologie de l'orientation** (2ème éd. augmentée). Paris : Dunod.

GURGEL, L. G. F. et al. Perfil dos discentes ingressos do Centro de Ciências da Saúde UFPE. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2012, v. 36, n. 2 [Acessado 30 Agosto 2021] , pp. 180-187. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000400005>>. Epub 28 Ago 2012. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000400005>.

HOFFMANN, J. **Avaliação e Educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 20. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2015.

HOLMES, C. T.; MATTHEWS, K. M. (1984). The effects of nonpromotion on elementary and junior high school pupils: A meta-analysis. **Review of Educational Research**, 54(2), 225–236. <https://doi.org/10.2307/1170303>

IGUE, E. A., BARIANI, I. C. D. ; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF** [online]. 2008, v. 13, n. 2 [Acessado 13 Junho 2022] , pp. 155-164. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003>>. Epub 07 Out 2011. ISSN 2175-3563.[https:// doi. org/ 10.1590/S1413-82712008000200003](https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003).

INEP. **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames_educacionais/enem. Acesso em: 28 ago. 2021. Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior. Brasília, DF, c2022. Disponível em: . Acesso em: 30 mar. 2022.

JACOMINI, M. A. Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 35, n. 3, p. 557-572, Dec. 2009 . Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022009000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Aug. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000300010>.

JACOMINI, M.A. Por que a maioria dos pais e alunos defende a reprovação?. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2010, v. 40, n. 141 [Acessado 1 Agosto 2022] , pp. 895-919. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300012>>. Epub 25 Abr 2011. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300012>.

JANTARA, R. D.; ABREU, D. P. G.; JANTARA, A.; PAULA, A. C. S F.; OLIVEIRA, A. M. N.; PELZER, M. T. Isolamento Social e Solidão e sua interface com a Covid-19. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, Sp, v. 23, p. 557-569, 2020. FACHS/NEPE/PU C-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/artic le/ view/51774 /33783>. Acesso em: 30 ago. 2021.

JIMERSON. **Meta-analysis of grade retention research: implications for practice in the 21st century**. 2001. Disponível em: <http://mina.education.ucsb.edu/jimer son/NEW%20retention/Publications/MetaAnalysis.SPR01.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

JUNIO, A. J. S.; MORAES, M. A. M.; MONTEIRO, S. B. **Otobiografia: a escuta das vivências como escolha teórica metodológica para pesquisa em educação e saúde**. 16° **Senpe**, [s. l], p. 154-157, jun. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/1284624/OTOBIOGRAFIA_A_ESCUTA_DAS_VIV%3%8ANCIAS_COMO_ESCOLHA_TE%3%93RICAMETODOL%3%93GICA_PARA_PESQUISA_EM_EDUCA%3%87%3%83O_E_SA%3%9ADE. Acesso em: 23 jun. 2021.

KAMIJO, E. D. et al . Escolha da medicina como profissão e perspectiva laboral dos estudantes. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília , v. 45, n. 4, e216, 2021 . Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5502202100040_0213&lng=en&nrm=iso>. access on 19 June 2022. Epub Nov 08, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210093>.

KRAWULSKI, E. et al. Re-orientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 28, p. 81-99, jan. 2000. ISSN 2178-4582. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/inde>

x.php/revistacfh/article/view/24002>. Acesso em: 02 ago. 2022. doi:<https://doi.org/10.5007/07%x>.

L. M. FARIA FILHO, I. A. GONÇALVES, D. G. VIDAL; A. L. PAULILO. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan/abr.2004.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>. Acesso em: 25 fev.2021.

LEMM, V. Natureza, caos e transformação: para uma antropologia filosófica transformadora* * Tradução: André Luís Mota Itaparica. . **Cadernos Nietzsche** [online]. 2020, v. 41, n. 3 [Acessado 11 Junho 2022] , pp. 29-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4103vl>>. Epub 10 Fev 2021. ISSN 2316-8242. <https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4103vl>.

LEMOS, D. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Caderno CRH** [online]. 2011, v. 24, n. spe1 [Acessado 27 Julho 2022] , pp. 105-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400008>>. Epub 21 Set 2011. ISSN 1983-8239. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400008>.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

LIMA, N. C. M. et al . Association of Teaching Practices and Student Performance in Large Scale Evaluation of the State of Espírito Santo. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 35 , e198087, 2019.Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100409&lng=en&nrm=iso>.access on 09 Feb. 2021.Epub.Apr 15, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-4698198087>.

LUDKE, M.; CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2005, v. 35, n. 125 [Acessado 4 Julho 2022] , pp. 81-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000200006>>. Epub 04 Nov 2005. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000200006>.

LUDKE, M.; BOING, L. A.; Caminhos da profissão e da Profissionalização Docente: **Educação e Sociedade**. Campinas, v 25, n. 89, p. 1159-1180, set/dez 2014.

LUCKESI C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**, 115 págs., Ed. Malabares. Salvador. 2005

LUZIO, J. S. **Perspectivas de educação em saúde bucal: possibilidade de criação na prevenção e enfrentamento do câncer**. 2020. 57 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MADALÓZ, R. J.; SCALABRIN, I. S.; JAPPE, M. **O fracasso escolar sob o olhar docente: alguns apontamentos**. IX Anped Sul, Rio Grande do Sul, p. 1-13,2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/945/527>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MARCELLO, F. A.; FISCHER, R. M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, [s. l], v. 25, n. 2, p. 157-175, ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/c7ZYDQC7gTP7JnPSXmVQsqn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MARIN, A. H. *et al.* Problemas emocionais e de comportamento e reprovação escolar: estudo de caso-controle com adolescentes. **Psicologia - Teoria e Prática**, [S.L.], v. 20, n.

3, p. 283-298, set. 2018. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n3p299-313>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v20n3/pt_v20n3a12.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

MARTINS, F. S.; MACHADO, D. C. Uma análise da escolha do curso superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População** [online]. 2018, v. 35, n. 1 [Acessado 13 Junho 2022], e0056. Disponível em: <<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0056>>. Epub 03 Dez 2018. ISSN 1980-5519. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0056>.

MARTON. **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton). São Paulo : Edições Loyola, 2016. - (Sendas & veredas).

MAYER, L. R. ; KOLLER, S. H. Percepção de controle sobre o desempenho acadêmico de crianças em situação de pobreza. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2000, v. 4, n. 1 [Acessado 27 Junho 2022] , pp. 283-295. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572000000100004>>. Epub 17 Out 2011. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572000000100004>.

MENESES, R. D. B. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Universitas Philosophica**, Bogotá, Colômbia, v. 60, n. 30, p. 177-204, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/unph/v30n60/v30n60a09.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MEYER, D. E. PARAÍSO, M.A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. (Orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2017, v. 25, n. 96 [Acessado 3 Julho 2022] , pp. 585-608. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-4036201702500939>>. Epub 26 Jun 2017. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500939>.

MINAYO, C.S.; DESLANDES, S.F; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002, 21ªed.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/pdf/csp/1993.v9n3/237-248/pt>>. Acesso em: 16 maio 2022.

Ministério da Educação (org.). **Regulamento das escolas cívico-militares**. BRASÍLIA, 2020. Disponível em: http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/ECIM_Final.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

MONTEIRO, S. B. **Antologia de textos de Nietzsche sobre vivências**, p. 1-106, nov. 2009.

MONTEIRO, S. B. LABIRINTO OTOBIOGRÁFICO. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Métodos de Transcrição: pesquisa em educação da diferença**. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 1-596.

MONTEIRO, S. B. **Quando a pedagogia forma professores. Uma investigação otobiográfica**. Tese, Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, 2004.

MONTEIRO, S. B.; BIATO, E. C. L. Uma avaliação crítica acerca de método e suas noções . 34. ed. Mato Grosso: Edufimt, 2008. **Revista de Educação Pública**. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/download/535/456/825>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MOROMIZATO, M. S. et al. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2017, v. 41, n. 4 [Acessado 17 Maio 2022] , pp. 497-504. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>>. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>.

MOTA, S. B. V. A Gramatologia, uma ruptura nos estudos sobre a escrita: a Disruption on Written Language Studies. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online]. 1997, v. 13, n. 2 [Acessado 24 Maio 2022] , pp. 291-313. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000200006>>. Epub 04 Dez 1998. ISSN 1678-460X. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000200006>.

MOURA, E. M.; SILVA, J. C. **Reprovação escolar: discutindo mitos e realidade**. In: Simpósio de Educação, 2007, Cascavel: EDUNIOESTE, 2007a. disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/370-2.pdf>. Acesso em: 19 fev.2021

NASSAR, L. M.; COUTO, M. H. C.; PEREIRA, G.A. financiamento público (fies e prouni) para o ensino de medicina no brasil: uma revisão da literatura e as distorções criadas. **Educação em Revista** [online]. 2021, v. 37 [Acessado 18 Junho 2022] , e25246. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-469825246>>. Epub 18 Ago 2021. ISSN 1982-6621.

NETTO, A. P.; COSTA, O. S. A importância da psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 216-224, jun. 2017. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/4495/3090#:~:text=A%20Psicologia%20da%20Aprendizagem%20foca,n%20C3%A3o%20aprendiam%20dentro%20do%20esperado..> Acesso em: 16 fev. 2021

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa- Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, Sp, v. 1, n. 3, p. 1-5, jun. 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.

NEVES, M. M. B. J.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. **Aletheia**, Canoas , n. 24 , p. 161-170, dez. 2006 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413-03942006000300015&lng=pt&nrm=iso>>. acesso em 23 jun .2022.

NIETZSCHE, F.W. **Escritos sobre educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 6ªed. - Rio de Janeiro : PUC-Rio; São Paulo : Ed. Loyola, 2012.

NIETZSCHE, F. W., 1844-1900. **Aurora : reflexões sobre os preconceitos morais/ Friedrich Nietzsche** ; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. W., 1844-1900. **Ecce homo : como alguém se torna o que é / Friedrich Nietzsche** ; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. W., **ALÉM DO BEM E DO MAL**. Curitiba - Pr: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora S.A., 2001. Tradução: Márcio Pugliesi Da Universidade de São Paulo.

NIETZSCHE, F. W., **ECCE HOMO**. Companhia de Bolso, 2008. 144 p. Tradução: Paulo César de Souza.

NUNES, E. B. L. L. P.; PEREIRA, I. C. A.; PINHO, M. J. A responsabilidade social universitária e a avaliação institucional: reflexões iniciais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas) [online]. 2017, v. 22, n. 1 [Acessado 28 Julho 2022] , pp. 165-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000100009>>. ISSN 1982-5765.

OLÍMPIO NETO, J. Derrida: Notas sobre literatura e desconstrução. **Ensaio Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 134-155, dez. 2014. Disponível em: http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/OLIMPIO_J_Derrida_notas_sobre_literatura_e_desconstrucao.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

OLIVA-AUGUSTO, M. H. Tempo, indivíduo e vida social. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 54, n. 2, p. 30-33, Oct. 2002 . Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200025&lng=en&nrm=iso>. access on 11 June 2022.

OLIVEIRA, D. S.; OLIVEIRA, P. C. F. Os três tipos de avaliação: formativa, somativa e contínua, como cada podem ser úteis no desenvolvimento do aluno na área de exatas no ensino superior. **Amazon Live Jornal**, Amazonas, v. 1, n. 4, p. 1-14, nov. 2019. Disponível em: <http://amazonlivejournal.com/wp-content/uploads/2020/02/os-tr%C3%8as-tipos-de-avalia%C3%87o-formativa-somativa-e-cont%C3%8Dnua-como-cada-podem-ser-%C3%9ateis-no-desenvolvimento-do-aluno-na-%C3%81rea-de-exatas-no-ensino-superior.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

OLIVEIRA, J. R.; FALABRETTI, E. S. Nietzsche, a vida como exigência da obra. **Cadernos Nietzsche** [online]. 2018, v. 39, n. 3 [Acessado 28 Julho 2022] , pp. 175-198. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-82422018v3903jro-esf>>. Epub Sep-Dec 2018. ISSN 2316-8242. <https://doi.org/10.1590/2316-82422018v3903jro-esf>.

OLIVEIRA, M. R.; MACHADO, J.S. A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 07 [Acessado 11 Junho 2022] , pp. 2663-2672. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021>.

OLIVEIRA, S. B . **O papel da confiança interpessoal e institucional nos processos participativos de avaliação da qualidade da escola pública**. 2019. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPO_SIP/334734/1/Oliveira_SaraBadraDe_D.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

OSTI, A.; BRENELLI, R.P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF** [online]. 2013, v.

18, n. 3 [Acessado 30 Maio 2022] , pp. 417-426. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300008>>. Epub 10 Jan 2014. ISSN 2175-3563.

PACHECO, P. R. A. (2017). “Quem sou eu?”: pretexto para um diálogo. **Memorandum**, 33, 187-192. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6659/4233/22112>. Acesso em: 04.maio.2022

PAIVA, M. O. A.; LOURENÇO, A. A. Rendimento Académico: Influência do Autoconceito e do Ambiente de Sala de Aula. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Portugal, v. 27, n. 4, p. 393-402, out. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pt/p/a/V7GrLdg7cv4XYkN7FJZYTwd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PAIXÃO, R. F.; PATIAS, N. D.; DELL'AGLIO, D. D. Self-esteem and Symptoms of Mental Disorder in the Adolescence: associated variables. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 34, p. 1-8, 2018. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34436>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/QYHkMHM6v8CFbgwfTt zggxD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2022.

PASINOTTO, R. **O erro no processo de ensino-aprendizagem**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/840.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.

PEIXOTO, T. C.; PASSOS, I. C. F.; BRITO, M. J. M. Responsabilidade e sentimento de culpa: uma vivência paradoxal dos profissionais de terapia intensiva pediátrica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2018, v. 22, n. 65 [Acessado 27 Julho 2022] , pp. 461-472. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0900>>. Epub 21 Dez 2017. ISSN 1807-5762.

PLONER, KS., et al., org. **Ética e paradigmas na psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 313 p. ISBN: 978-85-99662-85-4. Available from SciELO Books .

POZZOBON, M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A. H. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 387-396, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-387.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2021.

RANGEL M. **Escrever é superar**. 2021. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk4OTA0Ng/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

REBELO, J. A. S. Efeitos da retenção escolar, segundo os estudos científicos, e orientações para uma intervenção eficaz: Uma revisão. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, v. 1, n. 43, p. 27-52, Não é um mês valido! 2009. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/download/1647-8614_43-1_2/706/. Acesso em: 05 fev. 2021.

Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio . **Brasília**, Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN32018.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022.

Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Brasília**, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022.

RIBEIRO V. I.; ARAUJO B., F.; TOMASI, J. Seleção meritocrática versus desigualdades sociais: quem são os inscritos e os classificados nos vestibulares da UFSC (1998-2007)? **Linhas Críticas** [en línea]. 2010, 16(31), 391-418[fecha de Consulta 17 de Marzo de 2022]. ISSN: 1516-4896. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193517492012>

RIBEIRO, Maria Mônica Freitas et al. A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública Brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2011, v. 35, n. 3 [Acessado 14 Novembro 2021] , pp. 405-411. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022011000300015>>. Epub 29 Ago 2011. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022011000300015>.

ROTA, A.C. et al. Nas trincheiras da disfunção temporomandibular: estudo de vivências. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 26, n. 09 [Acessado 12 Junho 2022] , pp. 4173-4182. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.14592020>>. E pub 27 Set 2021. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.14592020>.

SALOMÃO, P. **Quem sou eu? Depende.** 2021. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/e8/6c/68/e86c68d031c037999e01f08a65631108.jpg>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SAMPAIO, S. M. R., org. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. **In: Observatório da vida estudantil: primeiros estudos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 27-51. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books .

SÁNCHEZ, A. V.; ESCRIBANO, E. A. **Medição do Autoconceito.** Bauru, Sp: Edusc, 1999. 191 p.

SANTANA, L. R. A. N. G. ; MONTEIRO, S. B.; SOUZA, M. H. M. A Otobiografia como uma Nova Perspectiva para as Pesquisas em Educação. **Caderno de Publicações Univag: Educação, filosofia e Saúde**, Mato Grosso, n. 6, p. 79-91, fev. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/caderno/article/view/310/550>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SANTO, E. E.; LUZ, L.C. S. DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVAS E DESAFIOS. **Saberes**, Natal-Rn, v. 1, n. 8, p. 58-73, ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/2201/3366/>. Acesso em: 12 maio 2021.

SANTOS, A. V.; CHAVES, V.L. J. ; PAIXÃO, D. L. L. O jogo político do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) (2010-2016). **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2021, v. 26 [Acessado 18 Junho 2022], e260046. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260046>>. Epub 09 Ago 2021. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260046>.

SANTOS, C. J. et al. Expansão de vagas e qualidade dos cursos de Medicina no Brasil: “Em que pé estamos?”. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2021, v. 45, n. 02 [Acessado 4 Julho 2022] , e058. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.2-20200523>>. Epub 02 Abr 2021. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.2-20200523>.

SANTOS, J. A.; SANT’ANA, R. B. Significações da reprovação escolar por alunos adolescentes de escola pública. **Educação**, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 691-702, dez. 2013.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5113/pdf>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SENS, B. E.; BOLZE, S. D. A. **Fatores que influenciam na reprovação escolar: Uma revisão bibliográfica de publicações científicas brasileiras**. 2015. 12 f. Tese (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social). Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Bruna-Emanuelli-Sens.pdf>. Acesso 25.fev.2021.

SILVA F. R. B.; ARAUJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SILVA J. J. R.; LUCENA, C.; FERREIRA, L.R. As relações entre o ensino médio e a educação superior no Brasil: profissionalização e privatização. **Educação & Sociedade** [online]. 2011, v. 32, n. 116 [Acessado 23 Março 2022] , pp. 839-856. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000300012>>. Epub 11 Nov 2011. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000300012>.

SILVA T.O, SILVA L.T.G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. Psicopedagogia**, 2017;34(103):87-97.

SILVA, H. M. G. **Os jovens provenientes do segmento popular e o desafio do acesso à universidade pública: a exclusão que antecede o vestibular**. 2011. 188 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.

SILVA, J.A. O uso da avaliação e a avaliação de seu uso (acerca da avaliação da qualidade do ensino). **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2004, v. 14, n. 29 [Acessado 19 Julho 2022] , pp. 255-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300002>>. Epub 11 Fev 2009. ISSN 1982-4327.<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300002>

SILVA, L.S. D.; ZANINI, D. S. Coping e saúde mental de adolescentes vestibulandos. **Estudos de Psicologia**, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. 2, n. 16, p. 147-154, ago. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/bpVwdSZ4JGVCQjrdz_dNnPYQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 ago. 2021.

SILVA, M.; PADOIN, M.J. Relação entre o desempenho no vestibular e o desempenho durante o curso de graduação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2008, v. 16, n. 58 [Acessado 19 Junho 2022] , pp. 77-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362008000100006>>. Epub 06 Jun 2008. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362008000100006>.

SILVA, N. F.; FERREIRA, E. P. Rastros de otobiografia nas escrituras do eu. **Landa**, Universidade Estadual de Santa Cruz, v. 4, n. 1, p. 161-174, 2015. Disponível em: <https://revistalanda.ufsc.br/PDFs/vol4n1/11.%20Nivana%20Ferreira%20da%20Silva%20-%20Rastros%20de%20otobiografia%20nas%20escrituras%20do%20eu.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SILVA, R. A. S; NICOLAU, S.M. ; OLIVER, F. C. O papel da terapia ocupacional na atenção primária à saúde: perspectivas de docentes e estudantes da área. **Cadernos**

Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]. 2021, v. 29 [Acessado 17 Junho 2022] , e2927. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2214>>. Epub 16 Ago 2021. ISSN 2526-8910. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2214>.

SILVEIRA, K. S. S. et al . Expectativas quanto ao Futuro: Reprovação e Expulsão da Escola de Adolescentes Estudantes e Socioeducandos. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 13, n. 2, p. 1-16, ago. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2022. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e14907>.

SOBRINHO, J. D. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 31, n. 113, p. 1223-1245, dez. 2010. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302010000400010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/dFtMDqfdWm75WSc5vKXHC tq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SORDI, M. R.L.Avaliação como instrumento qualificador da docência universitária. **Renasc Fiocruz**, Unicamp, , p. 1-18, fev. 2012. Disponível em:<https://renasc.fiocruz.br/sites/renasc.fiocruz.br/files/artigos/DE%20SORDI.%20M.%20R.%20L.%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20como%20instrumento%20qualificador%20da%20doc%C3%Aancia%20universit%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SORDI, M. R.L; MALAVAZI, M.M.S. As duas faces da avaliação: da realidade à utopia. **Revista de Educação PUC-Campinas**, [S.l.], n. 17, jul. 2012. ISSN 2318-0870. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducacao/article/view/278/261>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SOUZA, J. B.; FERREIRA, J. C.; SOUZA, J. C. P. A importância da validação das emoções das crianças. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 10, n. 10, p. 1-11, 16 abr. 2021. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18940>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/18940/17044/234506>. Acesso em: 20 set. 2022.

SOUZA, D. O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2021, v. 19 [Acessado 30 Agosto 2021] , e00311143. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311>>. Epub 19 Out 2020. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311>.

SOUZA, J. C.et al. A influência das emoções no aprendizado de escolares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** [online]. 2020, v. 101, n. 258 [Acessado 5 Novembro 2021] , pp. 382-403. Disponível em: <<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4279>>. Epub 16 Out 2020. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4279>.

SOUZA, R. S.; ALMEIDA, L. A. NOVO NORMAL: O PROCESSO AVALIATIVO EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Conedu-Vii Congresso Nacional de Educação: Educação como (Re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimento**, Maceió- Alagoas, , p. 1-6, out. 2020. Disponível em:https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA2_ID7808_01102020221424.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, [s. l], v. 6, n. 2, p. 45-53, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/16.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

STALLIVIERI, L. **O sistema de ensino superior do brasil características, tendências e perspectivas**. Caxias do Sul- Rs, p. 1-22,2013. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/sistema_ensino_superior.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

TERRA, D.H. P.; VIEIRA, G. A.; COSTA, A. M. D. D.; TERRA, F. S.; FREIRE, G. Elias R. Anxiety and Depression in students. **Odontologia Clínico-Científica**, Recife, v. 12, n. 4, p. 273-276, dez. 2013. Disponível em: http://revodontobvsalud.org/pdf/o_cc/v12n4/a07v12n4.pdf. Acesso em: 13 jun. 2022.

TORRES, A. C. M. ., ALVES , L. R. G. .,COSTA , A. C. N. da. (2020). Education and Health: reflections on the university context in times of COVID-19. In **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.640>

TOSCANO,G. S. O acesso ao Ensino Superior no Brasil: o movimento “pendular” . **Coipesu**, Paraíba, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/o-acesso-ao-ensino-superior-no-brasil-o-movimento-pendular.Pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

TRINDADE, L.M.D. F. ;VIEIRA, M. J. Curso de Medicina: motivações e expectativas de estudantes iniciantes. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2009, v. 33, n. 4 [Acessado 18 Junho 2022] , pp. 542-554. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000400005>>. Epub 22 Jan 2010. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000400005>.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R. e BARTHOLO J., R. S. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2005, v. 35, n. 126 [Acessado 27 Setembro 2022] , pp. 689-698. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>>. Epub 13 Mar 2006. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. . **Estatuto e regimento geral**. Brasília. 2022. Disponível em: https://unb.br/images/Noticias/2021/Documentos/regimento_interno_UnB_web2b.pdf. Acesso em: 17 maio 2022.

VALORE, L.A; SILVEIRA, A. F. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. et al., org. **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 66-76. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books .

VASCONCELOS, S. D.; SILVA, E.G.Acesso à universidade pública através de cotas: uma reflexão a partir da percepção dos alunos de um pré-vestibular inclusivo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2005, v. 13, n. 49 [Acessado 20 Junho 2022] , pp. 453-467. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362005000400004>>. Epub 15 Maio 2006. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362005000400004>.

VERAS, D. S. O. M. **A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DO EDUCANDO**. 2019. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade

de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22680/1/2019_DanielaDeSousaOliveiraMeloVeras_tcc.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

VIESENTEINER, J. L. O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. *Kriterion: Revista de Filosofia* [online]. 2013, v. 54, n. 127 [Acessado 28 Agosto 2021], pp. 141-155. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-512X2013000100008>>. Epub 07 Maio 2013. ISSN 1981-5336. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2013000100008>.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

VILLARDI, M.L, CYRINO, E.G, and BERBEL, N.A.N. **A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 118 p. ISBN 978-85-7983-662-6. Available from SciELO Books .

VOLPI, J. H.; VOLPI, S.M. **Meu corpo carrega minha história**. Libertando Mara (Org.). CORPORAIS. Curitiba/P. Disponível em: https://www.centroreichiano.com.br/artigos/A_nais_2015/VOLPI_Jose_Henrique_VOLPI_Sandra_Meu_corpo_carrega.pdf. Acesso em : 13 abril.2022

WERNECK, H. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. 10. ed. Petropolis: Dp Et Alli, 2007. 95 p.

YATSUGAFU, R.H.N. C. **Investigação otobiográfica: composição de pesquisa em educação**. 2017. 145 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2017.

ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2006, v. 11, n. 32 [Acessado 28 Agosto 2021], pp. 226-237. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>>. Epub 04 Set 2006. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>.

ZAVATTA, B. In the roots of the Nietzschean perfectionism: The contribution of Emerson. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 12, n. 2, p. 52-76, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/37768/24876>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ZIVALLOS, V.P. G. **DERRIDA E A EDUCAÇÃO: O ACONTECIMENTO DO IMPOSSÍVEL**. 2010. 91 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/548/Dissertacao%20Veronica%20P%20G%20Zevallos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ZONTA, G. A. ZANELLA, A. V. Escrita criativa e autoral entre universitários/as: relações estéticas e bivocalidade. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2021, v. 25 [Acessado 5 Maio 2022], e226634. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392021226634>>. Epub 06 Dez 2021. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021226634>.

WALDOW, V. R. Momento de cuidar: momento de reflexão na ação. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2009, v. 62, n. 1 [Acessado 22 Setembro 2022] , pp. 140-145. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000100022>>. Epub 04 Fev 2009. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000100022>.

APÊNDICE

1. FORMULÁRIO DIGITAL E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Investigação Otobiográfica: Reprovação em pauta

Que bom ter você aqui!

Convidamos você a participar da pesquisa: "Cicatrices da Reprovação", que tem como objetivo analisar e identificar as diferentes percepções singulares por trás do fenômeno da reprovação em estudantes da área da saúde da Universidade de Brasília- UnB, que em algum momento tentaram ingressar no curso de Medicina, mas percorreram caminhos próprios que os levaram a seu curso de graduação atual.

Nossas questões são todas abertas e o formulário tem a espontaneidade como principal caminho. O método de pesquisa escolhido para a composição e a análise dos dados se chama Otobiografia. Trata-se de um tipo de abordagem qualitativa, que se propõe a ouvir vivências em produções textuais.

Pesquisadoras Responsáveis:

Mestranda Daniela de Sousa O. Melo Veras(PPGE/FE-UnB): danimelo463@gmail.com

Prof. Emília Biato- (PPGE/Fe-UnB) emiliacbiato@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- Este Formulário faz * parte da Dissertação de Mestrado de Daniela de Sousa Oliveira Melo Veras, intitulada: "Cicatrices da Reprovação", Mestranda e orientanda da professora Dr^a Emília Carvalho Leitão Biato. A pesquisa tem como objetivo te convidar a falar um pouco sobre a Reprovação e seus efeitos em seu ingresso no curso atual: suas perspectivas, percepções e experiências. Ao longo do formulário serão oportunizados elementos interativos e dinâmicos, bem como nossas questões serão todas abertas, você pode retirar a sua concordância a qualquer momento. Para que possamos ter uma boa experiência teórica e prática, preciso saber se nos autoriza a usarmos os seus escritos para fins teóricos e metodológicos:

SIM

Não

Você já foi reprovado em algum processo seletivo para o curso de graduação em * Medicina?

Sim

Não

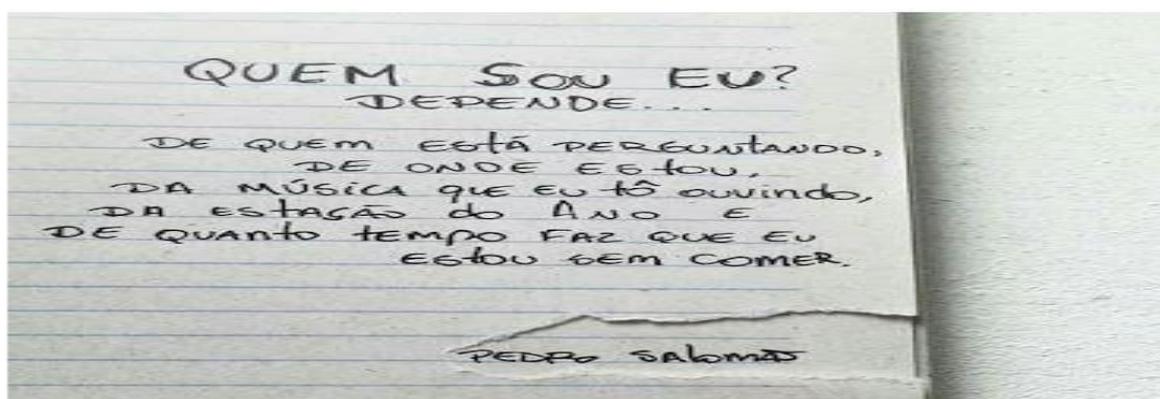
Seja Bem vindo(a)! Para começarmos preciso saber: o curso que você faz e a sua idade :) *

Sua resposta

Uma breve introdução sua para nos conhecermos :)

Quais suas percepções principais acerca de si mesmo? Ao propor a fala de si mesmo, podem aparecer rótulos existentes, construídos a partir das interações marcantes pela qual nós obtivemos contato e novas percepções conceituais podem ser observadas já que a nossa assinatura e nome estão vinculadas a nossos escritos.

1. Quem eu sou para eu mesmo (a)? *



Reprovação como análise: conceito, percepções individuais sobre seus sentidos dentro da sociedade e para si

A reprovação traz limitações que podem ser facilmente percebidas na sociedade, acontecimentos como este podem se situar ao longo de uma trajetória e podem refletir aspectos sociais, culturais e simbólicos que se repetem.

Hino dos Reprovados- Paródia da música: Marcas do que já se foi- Os incríveis



2. A partir da Música: Hino dos Reprovados, que fala de reflexos da reprovação como repetir o ano, ficar de castigo, ter limitações dentro do ambiente familiar e escolar e repercussões sociais que se repetem. O que você entende sobre o fenômeno da reprovação e seus desdobramentos sociais? *

Sua resposta

Relato Pessoal

Todo estudante da área de saúde passa por um processo desafiador de ingresso no curso e de permanência, nesse processo se vinculam sentimentos, a grande demanda por vaga e a percepção de que o fenômeno é mais presente do que se imagina.

O vídeo a seguir, nos mostra um exemplo de que mesmo após o ingresso no curso, o medo da reprovação ainda é presente e pode resultar em consequências irreversíveis enquanto o vídeo posterior nos traz reações de felicidade daqueles que conquistaram sua sonhada vaga.

Jubilamento: estudante de Medicina reprovado 9 vezes na mesma disciplina na Universidade Federal do Piauí- UFPI.



Passei!!!!!!!!! Algumas reações de quem conquistou a sua sonhada Vaga :)



3. Sinta-se convidado a nos contar um pouco de sua história com o fenômeno: *

Nos conte se já passou pelo processo da reprovação anteriormente (lembre-se de seus sentimentos, emoções, expectativas e anseios) nos conte também seus anseios e inquietações quanto ao futuro, como futuro profissional da saúde, bem como aquilo que achar pertinente.

Sua resposta

Aspectos Singulares em pauta

Quando desejamos ingressar na Universidade, podemos perceber vivências acerca de aspectos facilitadores ou desmotivadores que surgem por ações externas e próprias que fizeram parte de nossa trajetória de aprovação e escolha profissional.

4. O curso de Medicina já esteve em suas opções de escolha? Nos conte como foi a sua trajetória de ingresso em seu atual curso e os aspectos que facilitaram/dificultaram a sua aprovação. *

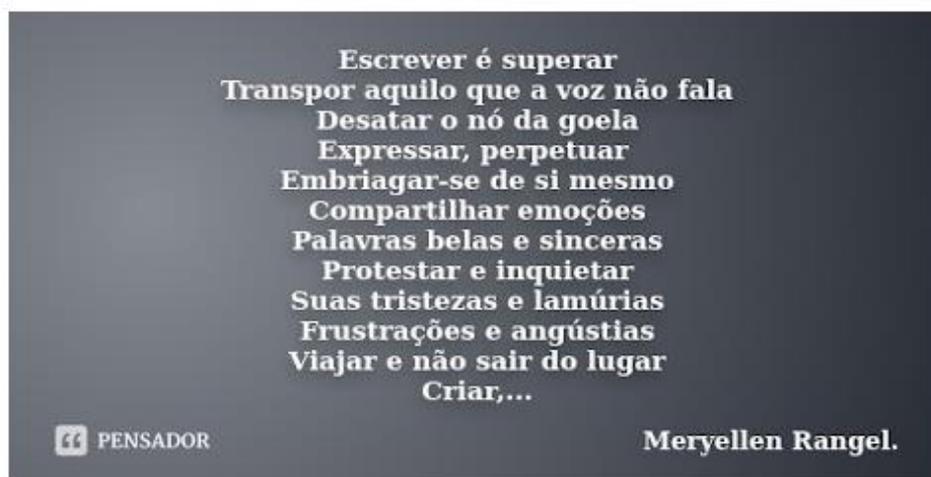


Sua resposta

Construindo novos caminhos

Quando somos convidados a escrever ao outro parece tarefa fácil, mas quando se trata da mensagem e resgate voltado à construção singular própria, têm-se um grande desafio, principalmente quando trazemos para perto assuntos que nos marcam, criam sensações e despertam sentimentos.

5. Que mensagem você deixaria hoje para você sobre o tema, com base em tudo que você produziu e escreveu anteriormente? *



Sua resposta

Enviar

Página 1 de 1

Limpar formulário

2. CONVITE DAS REDES SOCIAIS



Se você é estudante da área da saúde da Universidade de Brasília e já tentou fazer medicina mas escolheu outra área dentro da saúde, esse é o seu momento! ✨

Participe agora

 [FORMS.GLE](https://forms.gle)

Este Formulário faz parte da Dissertação de Mestrado de Daniela de Sousa Oliveira Melo Veras, intitulada: "Cicatrices da Reprovação", Mestranda e orientanda da professora Dr^a Emília Carvalho Leitão Biato.